



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

MARIA SILIANE DE ANDRADE CARPES PALHANO DA SILVA

**AS VARIANTES PARA A CONSOANTE LATERAL ALVEOLAR E OS RÓTICOS  
EM CODA SILÁBICA NA FALA DO OESTE DO PARANÁ**

CASCAVEL – PR

2022

MARIA SILIANE DE ANDRADE CARPES PALHANO DA SILVA

**AS VARIANTES PARA A CONSOANTE LATERAL ALVEOLAR E OS RÓTICOS  
EM CODA SILÁBICA NA FALA DO OESTE DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel, sob a orientação da Profa. Dra. Sanimar Busse.

Linha de Pesquisa: Linguagem: práticas linguísticas, culturais e de ensino.

CASCADEL – PR

2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Silva, Maria Siliane de Andrade Carpes Palhano da  
As variantes para a consoante lateral alveolar e os  
róticos em coda silábica na fala do Oeste do Paraná / Maria  
Siliane de Andrade Carpes Palhano da Silva; orientadora  
Sanimar Busse. -- Cascavel, 2022.  
134 p.

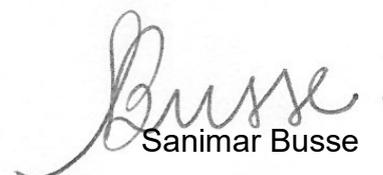
Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) --  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. fala. 2. variação. 3. dialetologia. I. Busse, Sanimar,  
orient. II. Título.

## Programa de Pós-Graduação em Letras

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARIA SILIANE DE ANDRADE CARPES PALHANO DA SILVA, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Aos 04 dias do mês de novembro de 2022, às 08h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de dissertação da candidata Maria Siliane de Andrade Carpes Palhano da Silva, aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras - nível de Mestrado, na área de concentração em Linguagem e Sociedade. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras. Integraram a referida Comissão as Professoras Doutoras: Sanimar Busse, Fabiane Cristina Altino e Clarice Cristina Corbari. Os trabalhos foram presididos pelo profa. Sanimar Busse. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, a aluna foi admitida à Defesa de Dissertação DE MESTRADO, intitulada: "AS VARIANTES PARA A CONSOANTE LATERAL ALVEOLAR E OS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NA FALA DO OESTE DO PARANÁ". A Senhora Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou a candidata a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da dissertação. Feita a explanação, a candidata foi arguida sucessivamente, pelas professoras doutoras Fabiane Cristina Altino e Clarice Cristina Corbari. Findas as arguições, a Senhora Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a dissertação. Efetuado o julgamento, a candidata foi APROVADA. A seguir, a Senhora Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, a Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Cascavel, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e a candidata.



Sanimar Busse

Orientadora

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



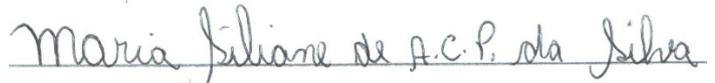
Fabiane Cristina Altino

Universidade Estadual de Londrina (UEL)



Clarice Cristina Corbari

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Maria Siliane de Andrade Carpes Palhano da Silva  
Aluna



Dantielli Assumpção Garcia  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente e acima de todas as coisas, a Deus, que se fez e faz presente em minha vida, sustentando-me, dando-me força, compreensão e entendimento.

À minha família, esposo, filha e mãe, pessoas especiais em minha vida, e que amo muito. A compreensão de minha família foi essencial, pois em diversos momentos difíceis, em que o cansaço tomava conta, eles me deram força, incentivaram-me e me proporcionaram momentos tranquilos para que pudesse estudar.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sanimar Busse, com quem aprendi tanto durante a elaboração da dissertação, suas orientações e contribuições foram essenciais, auxiliando com termos teóricos, explicativos para a construção desta pesquisa.

***Muito obrigada a todos, vocês fazem parte desta conquista.***

***Gratidão!!!!***

*[...] mas aqueles que esperam no Senhor  
renovam as suas forças.  
Voam alto como águias;  
correm e não ficam exaustos,  
andam e não se cansam.*

Isaías 40:31

## RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos a descrição das variantes para a consoante lateral alveolar e os róticos em coda silábica na fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010). A língua, na sua dimensão social, reflete as mudanças no tempo e no espaço, advindas das relações sociais, culturais e históricas. A região Oeste do Paraná registra um polimorfismo linguístico decorrente do processo de colonização, dos contatos linguísticos e da localização geográfica, em área de fronteira, diante destas considerações delimitamos a pergunta de pesquisa: quais são as variantes para a consoante alveolar e os róticos em coda silábica, descritos por Busse (2010), na fala do Oeste paranaense, que podem revelar formação de áreas linguísticas na região? Esta pesquisa de mestrado justifica-se pela contribuição para o retrato da fala do Paraná, na descrição da variação e da mudança linguística para a lateral alveolar e os róticos em coda silábica. Os princípios teórico-metodológicos desta pesquisa estão pautados na Dialectologia e Geolinguística, o objetivo geral deste estudo é analisar as variantes para a lateral alveolar em coda silábica e as variantes para os róticos em coda silábica, em dados coletados por Busse (2010). As discussões teóricas que sustentam a análise dos dados estão baseadas em: Lindau (1985), Ferreira e Cardoso (1994), Bisol (1996), Miranda (1996), Câmara Jr (1997), Coseriu (1998), Bagno (1999), Thun (2005), Oliveira (2006), Sá (2007), Labov (2008), Hora (2009), Cristófarosilva (2009), Tarallo (2011), Mollica (2015) e Galli (2016). Com base nos dados para a consoante lateral e os róticos em coda silábica descritos por Busse (2010) na fala do Oeste paranaense, a hipótese desta recolha, leva em consideração fatores que contribuíram para o processo de povoamento e a presença de colonizadores sulistas, indicando, assim, contextos que favorecem ou inibem o registro das variantes para a consoante lateral alveolar, velarizada, em coda silábica, e dos tepe e vibrante múltipla em coda silábica. Em suma, diante dos dados coletados, constatamos que há, na fala dos informantes, uso das variantes apresentadas, visto que o contato com diferentes culturas contribui para um falar dissemelhante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fala; Variação; Dialectologia.

## ABSTRACT

In this dissertation we present the description of the variants for the alveolar lateral consonant and the rhotics in syllabic coda in the speech of the West of Paraná (BUSSE, 2010). Language, in its social dimension, reflects changes in time and space, arising from social, cultural and historical relationships. The western region of Paraná registers a linguistic polymorphism resulting from the colonization process, linguistic contacts and geographic location, in a border area, in view of these considerations, we delimit the research question: what are the variants for the alveolar consonant and the rhotics in syllabic coda, described by Busse (2010), in the speech of western Paraná, which may reveal the formation of linguistic areas in the region? This master's research is justified by the contribution to the portrait of the speech of Paraná, in the description of the variation and the linguistic change for the alveolar lateral and the rhotics in syllabic coda. The theoretical-methodological principles of this research are based on Dialectology and Geolinguistics, the general objective of this study is to analyze the variants for the alveolar lateral in syllabic coda and the variants for the rhotics in syllabic coda, in data collected by Busse (2010). The theoretical discussions that support the data analysis are based on: Lindau (1985), Ferreira e Cardoso (1994), Bisol (1996), Miranda (1996), Câmara Jr (1997), Coseriu (1998), Bagno (1999), Thun (2005), Oliveira (2006), Sá (2007), Labov (2008), Hora (2009), Cristófaró-Silva (2009), Tarallo (2011), Mollica (2015) and Galli (2016). Based on the data for the lateral consonant and the rhotics in syllabic coda described by Busse (2010) in the speech of the West of Paraná, the hypothesis of this collection, taking into account factors that contributed to the settlement process and the presence of southern settlers, thus indicating contexts that favor or inhibit the recording of variants for the lateral alveolar consonant, velarized, in syllabic coda, and of the tepe and multiple vibrating in syllabic coda. In short, in view of the data collected, we found that in the speech of the informants there is use of the variants presented, since the contact with different cultures contributes to a different speech.

**KEYWORDS:** Speech; Variation; Dialectology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b>	Mapa da Região Oeste do Paraná – Rede de pontos da pesquisa.....	66
<b>Figura 2:</b>	Carta Linguística – MEL – lateral alveolar em coda silábica .....	80
<b>Figura 3:</b>	Carta Linguística – PÓLVORA – lateral alveolar em coda silábica .....	82
<b>Figura 4:</b>	Carta Linguística – AZUL – lateral alveolar em coda silábica.....	84
<b>Figura 5:</b>	Carta Linguística – TORNEIRA – vibrante em coda silábica.....	88
<b>Figura 6:</b>	Carta Linguística – TARDE – vibrante em coda silábica .....	90
<b>Figura 7:</b>	Carta Linguística – GORDURA – vibrante em coda silábica .....	92
<b>Figura 8:</b>	Carta Linguística – COLHER – vibrante em final de palavra.....	96
<b>Figura 9:</b>	Carta Linguística – MULHER – vibrante em final de palavra.....	98
<b>Figura 10:</b>	Carta Linguística – TRABALHAR – vibrante em final de palavra .....	100
<b>Figura 11:</b>	Carta Linguística – LIQUIDIFICADOR – vibrante em final de palavra..	101

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição da lateral alveolar em coda – MEL/PÓLVORA/AZUL .....	86
<b>Gráfico 2:</b> Distribuição dos róticos em coda silábica – TORNEIRA/TARDE/GORDURA .....	94
<b>Gráfico 3:</b> Distribuição dos róticos em coda silábica final – COLHER/MULHER/ TRABALHAR/LIQUIDIFICADOR.....	103
<b>Gráfico 4:</b> Dimensão diassexual – lateral alveolar em coda silábica .....	105
<b>Gráfico 5:</b> Dimensão diageracional – lateral alveolar em coda silábica .....	106
<b>Gráfico 6:</b> Dimensão diastrática – lateral alveolar em coda silábica .....	108
<b>Gráfico 7:</b> Dimensão diassexual – vibrante em coda silábica .....	110
<b>Gráfico 8:</b> Dimensão diageracional – vibrante em coda silábica.....	112
<b>Gráfico 9:</b> Dimensão diastrática – vibrante em coda silábica.....	113
<b>Gráfico 10:</b> Dimensão diassexual – rótico em final de palavra .....	114
<b>Gráfico 11:</b> Dimensão diageracional – rótico em final de palavra .....	115
<b>Gráfico 12:</b> Dimensão diastrática – rótico em final de palavra .....	116

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1:</b> Descrição da rede de pontos.....	67
<b>Quadro 2:</b> Perfil dos informantes - Um estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná .....	73
<b>Tabela 1:</b> Informações sobre a rede de pontos da pesquisa.....	68

## QUADRO FONÉTICO

CONSOANTES								
Ponto de articulação	Vozeamento	bilabial	lábio-dental	dental ou alveolar	alveopalatal	palatal	velar	glotal
Modo de articulação								
oclusiva	não-vozeada	p		t			k k <sup>w</sup>	
	vozeada	b		d			g g <sup>w</sup>	
fricativa	não-vozeada		f	s	ʃ		x	h
	vozeada		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
africada	não-vozeada				tʃ			
	vozeada				dʒ			
nasal	vozeada	m		n		ɲ ɳ		
tepe	vozeada			r				
vibrante	vozeada			ʀ				
aproximante retroflexa	vozeada			ɻ				
lateral	vozeada			l ɭ w		ʎ ɰ y		

Fonte: <https://fonologia.org/wp-content/uploads/2021/12/Tabela-OK-FN-2021-A4.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2022.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>MUDANÇA LINGUÍSTICA: CENÁRIOS .....</b>	<b>19</b>
2.1	PERSPECTIVAS SOCIOLINGUÍSTICAS.....	19
2.2	PERSPECTIVAS DIALETOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA.....	27
2.2.1	Dialetologia: mono e pluridimensional .....	29
2.3	CONTEXTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....	35
2.3.1	Variáveis sociais .....	37
2.3.1.1	Variável diassexual.....	37
2.3.1.2	Variável diageracional .....	40
2.3.1.3	Variável diastrática .....	41
2.4	FALARES SULISTAS: UM BREVE PANORAMA.....	43
2.5	FORMAÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DO OESTE DO PARANÁ .....	47
<b>3</b>	<b>CONSTITUINTES LINGUÍSTICOS: A LATERAL ALVEOLAR, OS RÓTICOS E SUAS VARIANTES .....</b>	<b>50</b>
3.1	A LATERAL ALVEOLAR .....	50
3.1.1	A vocalização .....	53
3.2	RÓTICOS .....	56
3.2.1	Rotacismo.....	58
3.2.2	O Retroflexo .....	60
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>63</b>
4.1	PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: UM ROTEIRO PARA A DESCRIÇÃO DO FALAR OESTINO.....	63
4.1.1	A dimensão diatópica .....	65
4.1.2	A dimensão sociocultural.....	72
4.2	INSTRUMENTOS – DESCRIÇÃO DIALETOLÓGICA DA FALA .....	75
4.2.1	Recolha e tratamento dos dados .....	76
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS: UM PANORAMA DA FALA OESTINA.....</b>	<b>79</b>
5.1	OS DADOS NA DIMENSÃO DIATÓPICA .....	79
5.1.1	Variantes para a lateral alveolar em coda silábica.....	79

5.1.2	Variantes para os róticos em coda silábica medial.....	87
5.1.3	Variantes para os róticos em coda silábica final.....	95
5.2	OS DADOS NA DIMENSÃO SOCIOCULTURAL .....	104
5.2.1	Registros das variantes para a lateral alveolar – dimensão sociocultural...	104
5.2.2	Registros das variantes para os róticos em coda medial na dimensão sociocultural.....	110
5.2.3	Registros das variantes para os róticos em coda final na dimensão sociocultural.....	114
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>122</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>130</b>
	ANEXO A QUESTIONÁRIO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	130

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação são as variantes para a lateral alveolar e os róticos em coda silábica na fala do Oeste do Paraná, a partir de dados coletados por Busse (2010), para o Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.

Para Bisol (1996), Sá (2007) e Hora (2009), a consoante lateral alveolar apresenta variantes no português brasileiro em coda silábica, pode ser realizada como semivogal, como em “fauta”, para “falta”, ou rótico, como em “barde”, para “balde”, e em contexto silábico de ataque complexo, realizada como rótico, como em “pranta”, para “planta”. Os estudos sobre os róticos realizados por Lindau (1985), Miranda (1996), Oliveira (2007) e Botassini (2013) contribuem para a descrição do português brasileiro falado na região Sul do Brasil e são tomados como referência nesta Dissertação. No Português Brasileiro (PB), os róticos podem ser realizados como consoantes fricativas, vibrantes alveolares, ou retroflexo.

Esta dissertação está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e na Dialectologia Pluridimensional (THUN, 2005). As discussões teóricas que sustentam a análise dos dados estão baseadas em: Lindau (1985), Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), Bisol (1996), Miranda (1996), Câmara Jr (1997), Coseriu (1998), Thun (2005), Oliveira (2007), Sá (2007), Labov (2008), Cristófar-Silva (2009), Hora (2009), Tarallo (2011), Mollica (2015) e Galli (2016).

Com base nessas discussões, delimitamos a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as variantes para a consoante alveolar e os róticos em coda silábica, descritos por Busse (2010), na fala do Oeste paranaense, que podem revelar formação de áreas linguísticas na região?

A hipótese desta pesquisa é a de que há formação de áreas com maior vitalidade da consoante lateral alveolar e da variante velarizada e do tepe em coda silábica, em virtude do processo de povoamento com a presença de colonizadores sulistas, e áreas que tiveram, além da presença de colonizadores sulistas, outros grupos que migraram para as localidades mais recentemente, que registram a semivogal e o rótico, para a lateral alveolar, a fricativa velar e o retroflexo, para os róticos.

O objetivo geral desta dissertação é analisar a formação de áreas linguísticas dos falares do Oeste do Paraná, a partir da descrição das variantes para a lateral alveolar em coda silábica e para os róticos, em dados coletados por Busse (2010). Assim, delimitamos os objetivos específicos:

- a) Descrever as variantes fonético-fonológicas para a lateral alveolar e os róticos na fala da região a partir das dimensões diatópico/topodinâmica e sociocultural (sexual, geracional e diastrática) em cartas linguísticas de Busse (2010);
- b) Identificar os fatores que favorecem ou inibem o registro das variantes, considerando as dimensões diatópicas e sociocultural dos fenômenos descritos;
- c) Investigar os indícios de variação diageracional, diassexual e diastrática, no que se refere à manutenção ou à implementação das variantes nas localidades.

Esta pesquisa justifica-se pela contribuição para os estudos do português brasileiro falado no Paraná, na descrição da variação e da mudança linguística para a lateral alveolar e os róticos em coda silábica. Contribui para o ensino da Língua Portuguesa, pois há variação linguística nas comunidades de fala, há preconceito linguístico, falares considerados estigmatizados em torno do rotacismo e do retroflexo que podem ser vistos nos falares dos sujeitos. Diante disso, este estudo oferece dados para que os falantes observem em seu cotidiano que mudanças e variações na língua são recorrentes e a fala possui traços que compõem a história linguística das comunidades.

Alguns trabalhos geolinguísticos realizados sobre a fala do Paraná e da região Sul do Brasil demonstram que há áreas em que se mantêm os traços da fala dos estados de origem dos primeiros moradores e algumas regiões que buscam inovar a linguagem de acordo com as relações que os falantes mantêm ao longo de sua trajetória. Neste viés, fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para determinar as modificações da linguagem ao longo do tempo, visto que estes estudos mostram como a língua é naquele local, pois, de acordo com pesquisas, a língua é heterogênea e diversificada; assim, apresenta distintas variações, conforme os fatores que estão ligados à comunidade de fala<sup>1</sup>. As pesquisas realizadas por Bisol (1996), Costa (2011), Brod (2014), Galli (2016), Hahn-Nonnenmacher (2019) contribuem para

---

<sup>1</sup> Labov (1972, p. 158) afirma que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam, todos, as mesmas formas; é melhor definida como um grupo que partilha as mesmas normas em relação à língua”.

um retrato do falar em distintos locais que compõem a região Sul do país, e indicam que o falar apresenta distinções ligadas às condições de cada região, entre elas a colonização, fatores linguísticos e extralinguísticos, aspectos primordiais para a ocorrência da variação linguística.

Esta dissertação soma-se às pesquisas que descrevem as variedades do português do Sul do Brasil, especificamente no que se refere às variantes para a lateral alveolar e os róticos. O texto está organizado em cinco seções. A primeira seção apresenta as discussões acerca dos cenários da variação e da mudança linguística, tal como perspectivas da Sociolinguística, Dialectologia e Geolinguística. Posteriormente, na terceira seção, abordamos as constituintes linguísticas, a lateral alveolar, os róticos (sons de /r/, os quais constituem uma classe peculiar) e suas variantes. Na quarta seção, tratamos dos percursos metodológicos da pesquisa; na quinta seção, elencamos a análise dos dados, apresentando, de acordo com os objetivos da pesquisa, um panorama da fala oestina. Por fim, e não menos importante, apresentamos as considerações finais, que refletem que este estudo pode abrir caminhos para novos olhares, novas perspectivas, visto que a língua é heterogênea e modifica-se no tempo e espaço.

## 2 MUDANÇA LINGUÍSTICA: CENÁRIOS

Apresentamos, nesta seção, definições sobre variação e diversidade linguística, pautadas nas contribuições da Sociolinguística, Dialetologia, discussões acerca dos contextos da variação e mudança linguística, variáveis sociais (diassexual, diageracional e diastrática), na sequência apresentamos um breve panorama dos falares sulistas, a formação histórica e linguística do Oeste do Paraná. Entre os teóricos utilizados, estão Labov (2008), Freitag e Lima (2010), Tarallo (2011), Aguilera (2013) e Mollica (2015). As reflexões aqui apresentadas encontram-se fundamentadas nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da variação, e na Geolinguística.

### 2.1 PERSPECTIVAS SOCIOLINGUÍSTICAS

A língua, tomada na sua dimensão social, passa por modificações no tempo e no espaço, pois cada comunidade de fala registra variantes linguísticas distintas. Por meio de pesquisas de campo, a Sociolinguística, inspirada no método sociológico, registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variedade linguística como seu objeto de estudo (LABOV, 2007).

Para Labov (2007), os estudos sociolinguísticos têm como objetivo observar os aspectos da língua, tal como ela é no cotidiano, considerada um veículo de comunicação utilizada para as pessoas interagirem no meio social em que vivem. Nas palavras de Labov (2007), a Sociolinguística

[...] é uma área da ciência da linguagem que procura constatar de que forma os fatores internos e externos estão correlacionados ao uso de variantes na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico de uma língua. Portanto, o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, “o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana” (LABOV, 2007, p. 2).

Ao considerar a fala em um cenário de contato linguístico e dialetal, as comunidades de fala são constituídas de acordo com as interações entre os falantes, características na fala são compartilhadas em um grupo e os mesmos traços compartilhados são os que diferenciam o grupo dos demais. O discurso falado, ou

seja, o vernáculo, constitui material básico para a análise Sociolinguística, o discurso tal como é encontrado na comunidade de fala (TARALLO, 2011).

Nessa perspectiva, os estudos variacionistas tomam a língua como “[...] o objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente” (TARALLO, 2011, p. 18). Nesse sentido, as pesquisas de William Labov, na década de 1960, contribuíram para a consolidação de um ramo da linguística conhecido como Sociolinguística Variacionista, o qual estuda padrões sistemáticos de variação na sociedade, como já dito por Tarallo, a partir da linguagem que encontramos no grupo social, tal como ela é, na comunidade de fala, para, assim, investigar os fatores que levaram à manutenção ou inovação linguística naquele contexto social.

As distintas variações ocorrem nas relações mantidas entre os falantes e estão condicionadas às variáveis geográficas e sociais. Tarallo (2011) destaca que, a cada situação de fala em que nos inserimos, observamos que a língua apresenta variações, isto é, a língua é diversificada e heterogênea.

De acordo com Labov (2007), a forma como o indivíduo se expressa não deve ser aplicada a um grupo de falantes que utiliza, mas sim a um grupo seguidor das mesmas normas relativas ao uso da língua. Por exemplo: uma comunidade de idosos não pertence à mesma comunidade dos mais jovens, pois o vernáculo é propriedade de um grupo, não de um indivíduo sozinho.

Para Mollica (2015, p. 9), “[...] todas as línguas apresentam um dinamismo inerente”. Dada a sua condição de existência social, a língua se coloca no eixo entre a estrutura linguística e o social. Nesse interespaço, entre o que a constitui, como sistema, e a sua existência, em uso, imprime à língua as variantes no tempo e no espaço. Os dados a partir das variáveis sociais podem fornecer um quadro do passado, assim como do futuro da língua em determinada comunidade.

Dessa maneira, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 16), “[...] fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família”.

Labov (2008) destaca que

As mudanças são altamente estruturadas, não acontecem em um vácuo social, delimitam-se tempo e lugar específicos, o que exige uma explicação. Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem

levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre (LABOV, 2008, p. 20).

Assim, as pressões sociais podem atuar sobre a língua, considerando-se distintos fatores presentes na comunidade, tais como classe socioeconômica, faixa etária, gênero, grupo étnico, lugar de origem, grupo geracional, escolarização, redes de relações sociais, e também fatores internos, inerentes ao sistema, os quais interferem na linguagem utilizada pelos falantes.

Desse modo, para Aguilera (2013), os estudos atrelados à Dialetoлогия ou à Sociolinguística podem contribuir para determinar quais grupos buscam uma tendência para inovar a linguagem, visto que há um contraste entre variáveis linguísticas e variáveis independentes, tais como idade, sexo, classe social, grupo étnico, região, ou seja, fatores históricos e sociais contribuem para um falar dissemelhante, apresentando manutenção ou inovação dos traços linguísticos.

Com base nos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), Labov (2008), Tarallo (2011) e Mollica (2015), observamos que as línguas são dinâmicas, encontram-se em movimento, modificam-se, alteram-se para atender às demandas das comunidades de fala, sendo então consideradas heterogêneas, isto é, apresentando pluralidade, diversidade. Assim, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que esta mudança ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

Com a evolução constante dos estudos sociolinguísticos, ficou ainda mais evidente a relação existente entre linguagem e sociedade, visto que é apenas no contexto social que se pode verificar a diversidade atrelada aos sistemas linguísticos. Diante disso, resultados de pesquisas linguísticas indicam que a língua, colocada como sistema heterogêneo, comporta a diversidade e a mudança, que, com efeito, podem ser identificadas por meio da análise das situações reais de uso, como o fez William Labov em Martha's Vineyard e em Nova Iorque (LABOV, 2008).

Para a pesquisa realizada em Martha's Vineyard, Labov precisava obter dados dos ditongos (ay) e (aw). Para isso, o estudioso teve que planejar e executar certos procedimentos em sua pesquisa, que incluíram: um questionário léxico para a busca de palavras que apresentavam os ditongos a serem estudados, uma série de perguntas relacionadas a juízos de valor, construídas de tal maneira que as respostas induzissem à ocorrência que eram objetivos em seu estudo, uma leitura programada

de duzentas palavras, com o intuito de ser utilizada para as medidas espectrográficas, isto é, análises das características físicas e acústicas presentes nos fonemas (LABOV, 2008).

Para tomar os dados, Labov iniciou o trabalho sobre o inglês falado em Martha's Vineyard (1963), relacionando elementos indispensáveis para observar a variação da linguagem, como: idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitudes relativas ao comportamento linguístico dos ilhéus. Seu interesse de estudo, como já mencionado, estava voltado para a pronúncia dos ditongos (ay) e (aw), percebendo a ocorrência da centralização das vogais. Nesse estudo, Labov (2008) considerou o uso centralizado dos referidos ditongos por determinados moradores da ilha; este falar estava relacionado à forma de comunicação entre os nativos, que reagem a pressões sociais advindas da cultura dos visitantes e veranistas que invadiam a ilha todos os anos. O uso da variante padrão desses "invasores" gerava, por parte dos nativos, um sentimento de insatisfação, seja pela vontade dos jovens de abandonar a ilha, ou pela vontade de que ela evoluísse e se assemelhasse a outras cidades americanas (CORREIA, 2015).

Para Labov (2008), essa variante estigmatizada dos nativos se caracterizava como um comportamento linguístico marcador de identidade social. Com esta finalidade o estudioso realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos de Nova Iorque. O método dessa pesquisa tem uma abordagem rápida, na qual os falantes (empregados das lojas) não sabem que estão sendo avaliados, obtendo, assim, a pronúncia cotidiana do (r).

Labov (2008) inicia sua pesquisa em três lojas de Nova Iorque, sendo elas, a Sacks, uma loja de luxo; a Macy's, uma loja com prestígio mediano; e a Klein, que possui status inferior. A escolha do local, dos informantes (empregados das lojas), assim como a estratificação social de cada informante, traria um panorama da linguagem naquela comunidade de fala. Os dados revelaram em cada loja a ocorrência da estratificação social, pelo fato de cada uma delas ser frequentada por diferentes grupos sociais e, assim, revelando a variação no uso do (r) pelos funcionários dos estabelecimentos. Foi possível observar, nas três lojas, uma diferença na estratificação do (r), e que isso ocorre dependendo de muitos fatores,

entre eles, a raça, o cargo ocupado, a idade, o sexo e principalmente os fatores socioeconômicos (LABOV, 2008).

Com base nesses estudos, denominados por Labov de Teoria da Variação, proposta e aplicada pelo sociolinguista, não se trata, portanto, apenas de um amontoado de gráficos e números sem função definida, mas um instrumento de investigação social dos fatos linguísticos, na tentativa de compreender o uso da linguagem naquele contexto, analisando os fatores ligados às variações linguísticas da comunidade.

Desse modo, tanto Labov quanto os linguistas modernos entendem a língua como um sistema heterogêneo. Segundo Tarallo (2011), Mollica (2015) e Galli (2016), ao mesmo tempo ordenado e constituído por elementos que variam, a depender da situação em que se constituem, os falares, assim como os fatores diretamente ligados aos falantes. Neste ponto, além de outros mais, tais estudiosos convergem no entendimento da dimensão sociolinguística como muito mais do que mera quantificação de dados, mas um panorama da linguagem no contexto pesquisado.

Nesse sentido, para Mollica (2015), a Teoria da Variação tem como princípio a análise da heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos, na busca de descrever a regularidade no interior dos processos de variação. Conforme a autora,

As línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade. Nota-se que isso só é possível porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada. A variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade (MOLLICA, 2015, p. 12).

Portanto, a língua é dinâmica, e a variação obedece a uma regularidade, uma organização que pode ser condicionada por aspectos internos e externos, seguindo uma estabilidade (LABOV, 2008).

Seguindo os pressupostos de Labov (2008), ao analisar determinada variável, é preciso levantar quais são os grupos de fatores internos e externos que condicionam o uso da nova forma em que está sendo inserida a língua, na tentativa de buscar explicações para a sua realização. Nesse mesmo viés, Tarallo (2011) destaca que a atuação dos fatores externos na geração e motivação da fala está condicionada pela mesma “dinâmica” dos fatores internos, sendo possível, portanto, determinar a rede de relações mantida entre eles, e que orienta a produção da fala na comunidade. Nos seus estudos, Labov (2008) e Tarallo (2011) observam que há variáveis que atuam

como fator condicionante na variação. Para Labov (2008, p. 193), “as correlações existentes entre as variáveis linguísticas, internas à língua, e as variáveis não linguísticas, externas à língua, operam como em um campo de batalha, inibindo ou favorecendo o emprego de algumas variantes”.

Ainda, para Labov (2008), a variação social ou diastrática refere-se à variação condicionada aos fatores sociais. Dentre eles, destacam-se: nível de escolaridade, faixa etária e sexo. Nesse sentido, conforme salienta Mollica (2015), as variáveis linguísticas e não linguísticas não agem isoladamente, mas atuam em um conjunto de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes, assim, atreladas às relações históricas do falante, determinarão a linguagem que ele utiliza, pois, a linguagem contribui para a inserção do falante nos grupos sociais.

Para Mollica (2015), toda língua pode apresentar variantes mais prestigiadas que outras; nesse sentido, estudos sociolinguísticos oferecem contribuições para destruir preconceitos linguísticos. Paiva (1991) acentua que as variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, a função de garantir a identidade do indivíduo com determinado grupo social e um sistema de valores definidos. Isto é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais, assim, conforme destaca Mollica (2015), quando o indivíduo quer inserir-se no grupo, este deve partilhar, além de atitudes e valores, também a linguagem deste mesmo grupo.

Determinadas formas linguísticas nem sempre são realmente prestigiadas, porém, inserem-se naquele grupo; conforme mencionado por Mollica (2015), trata-se de um “*status particular*”. Essa situação é descrita, por Labov, como prestígio encoberto. Ao definir a noção de prestígio encoberto, postulada inicialmente por Labov (2008), definindo que este conceito pode ser estabelecido como um conjunto de normas encobertas que atribuem valor positivo ao vernáculo local e informal. Essa noção se associa diretamente à identidade do falante, ao seu orgulho linguístico e à marcação de seu pertencimento a determinada classe social ou comunidade de fala (LABOV, 2008).

Nesse sentido, Trudgill (1974) afirma que os homens da classe trabalhadora tendem a atribuir “prestígio encoberto” à maior parte das vinte variantes fonéticas e fonológicas analisadas, enquanto as mulheres se orientam basicamente em direção

das formas usadas pela classe mais favorecida socioeconomicamente. Essa atribuição poderia, então, atuar para garantir a identidade do indivíduo em determinado grupo social, revelando sua solidariedade com o uso desse grupo.

No estudo da correlação entre sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora, visto que a língua apresenta variações, possui regras, está sujeita a mudanças para atender às demandas sociais. Conforme afirma Labov (2008), mulheres são mais conscientes e mais sensíveis ao significado social das variáveis linguísticas, o que faz com que sejam mais conservadoras quanto às mudanças linguísticas que operam em direção oposta à da variedade de prestígio. Quando a mudança caminha em direção a uma forma prestigiada, ainda que não obedeça à forma padrão da comunidade, as mulheres tendem a ser mais inovadoras.

Neste viés, de acordo com Coelho (2021), as variantes padrão tendem a ser conservadoras, pois fazem parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser inovadoras. Assim, faz-se necessário uma ressalva quanto aos temas de interesse da Sociolinguística: “[...] os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social” (MOLLICA, 2015, p. 35). Em virtude da avaliação social, variantes de prestígio e estigmatizadas, os estudos da Sociolinguística têm oferecido valiosas contribuições na tentativa de romper com o preconceito linguístico.

Para Tarallo (2011, p. 57), temos que considerar dois pontos principais da língua: “[...] a língua falada é heterogênea e variável; a variabilidade da fala é passível de sistematização. A língua falada é, portanto, um sistema variável de regras”. Isso implica dizer que, sendo a língua heterogênea e variável, está sujeita a mudanças.

A mudança é inerente à língua. A própria condição de existência de uma língua é a sua mutabilidade. Mollica (2015) destaca que as mudanças acontecem no tempo, pois não se processam de maneira instantânea, como se todos, repentinamente, começassem a falar de uma maneira diferente da falada anterior; trata-se, pois, de um processo. De acordo com a autora, aos poucos, a língua vai se transformando, num processo contínuo e constante. A mudança linguística, no que se refere às variáveis sociais, está condicionada à faixa etária, ao sexo e ao nível de escolaridade dos falantes, de forma que os falantes mais velhos, por exemplo, tendem preservar

algumas formas, enquanto os mais jovens podem não as reconhecer como parte da língua (LABOV, 2008; MOLLICA, 2015).

Segundo Labov (2008), as mudanças dependem de um contexto, ocorrem em determinado tempo e lugar específico. O pesquisador ainda ressalta que não podemos entender uma mudança linguística sem levar em conta outros fatores relacionados ao sujeito, como a vida social e a comunidade em que o sujeito está inserido.

Tarallo (2011) reforça essa ideia, destacando que a língua somente será compreendida se houver entendimento dos processos históricos pelos quais passou, diante de sua configuração. Trata-se, portanto, de compreender as transições pelas quais a língua passa, distinguindo os fatores históricos que estão diretamente ligados às manifestações linguísticas e as mudanças inerentes a ela.

Conforme Freitag e Lima (2010), os estudos da Sociolinguística Variacionista têm como objeto a língua, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Ainda, para Mollica (2015), cabe à Sociolinguística, “[...] investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2015, p. 11).

Diante disso, os estudos sociolinguísticos têm como propósito apurar as mudanças que ocorrem no tempo e espaço, as quais podem produzir efeito positivo ou negativo para a comunidade de fala, visto que os diversos usos linguísticos se apresentam para atender a uma demanda de comportamento social ou cultural dos indivíduos. Assim, Freitag e Lima (2010) destacam que, na Sociolinguística, opta-se por tratar das realizações linguísticas nas comunidades como variedades apresentadas pela língua.

Como já mencionado por Tarallo (2011), a Sociolinguística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente, ou seja, observa a linguagem tal como é na comunidade de fala, para, assim, investigar os fatores que levaram à manutenção ou inovação linguística naquele contexto social.

Freitag e Lima (2010) consideram que

[...] a língua estabelece uma relação de ir e vir com a sociedade. Sem a língua, o homem não se organiza socialmente. Isso significa dizer que a

organização social depende da língua, e que os fatos da língua dependem da organização da sociedade e vão variando, mudando, construindo discursos, trabalhando com elementos que estão ligados ao fato de que o homem é um ser linguístico e social, e de que essas duas coisas não se separam. Sistematizar este ir e vir da relação entre língua e sociedade é a tarefa da Sociolinguística (FREITAG; LIMA, 2010, p. 16).

É por meio da língua que o ser humano estabelece uma relação com a sociedade, assim, a língua apresenta variações, mudanças ao longo do tempo e tais aspectos ganham sentido e são sistematizados pelos estudos sociolinguísticos, visto que a Sociolinguística tem sido uma área de ampla investigação nos últimos anos, com resultados que se refletem nas decisões políticas e educacionais exigidas pelas questões que a diversidade linguística suscita. Mediante essa compreensão, a Sociolinguística se coloca, portanto, como uma ciência que descreve os fenômenos linguísticos a partir do entrelaçamento com a sociedade, ou seja, investiga a língua em uso, considerando que esses elementos são, de certa forma, sincronizados.

Na sequência, apresentamos discussões acerca das perspectivas Dialetológica e Geolinguística, pois, neste estudo, buscamos descrever e situar os diferentes usos da língua, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

## 2.2 PERSPECTIVAS DIALETOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA

A fim de analisar a distribuição areal das variantes para a lateral alveolar e os róticos em coda silábica na fala do Oeste do Paraná, a partir de dados coletados por Busse (2010), pautamo-nos nas perspectivas da Dialetologia. Para este estudo, verificamos as variedades em contato, os dialetos que cada ponto da pesquisa apresenta, para atender a especificidade linguística e considerar os fenômenos distintos que podem ser determinados por fatores linguísticos ou extralinguísticos. Dessa forma, o estudo da língua, na busca de observar o espaço geográfico, concebe as variações, com base nas singularidades linguísticas de cada região.

Para a Dialetologia, a relação entre língua e espaço direcionam a descrição do percurso das variantes linguísticas no espaço. De acordo com Cardoso (2010), a Dialetologia tem por finalidade essencial estudar a variação Geolinguística. E nisto está a sua “identidade”, a definição do seu campo, a afirmação dos seus objetivos próprios.

Ferreira e Cardoso (1994) destacam que a Dialetoologia busca traçar o perfil das línguas e das variedades dialetais. Cardoso (2010, p. 15) destaca que a Dialetoologia é “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Para Coseriu (1982), a Dialetoologia presume o registro das formas linguísticas em variação encontradas nas comunidades, em que se faz necessário o registro por meio de entrevistas, em pontos determinados, os quais são delimitados de acordo com o objeto de estudo de cada pesquisa. Portanto, os estudos baseados nessa ciência

[...] pressupõe[m] o registro em mapas de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais e gramaticais) comprovadas mediante entrevista direta e unitária em uma rede de pontos de um determinado território ou, pelo menos, leva em consideração a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou os falares estudados (COSERIU, 1982, p. 29).

Conforme considerações de Ferreira e Cardoso (1994), os trabalhos na área da Dialetoologia inserem-se em dois grandes grupos. O primeiro grupo compreende os trabalhos de análise, ou seja, os estudos de caráter monográfico que descrevem fatos e aprofundam a análise do dialeto de uma ou de várias localidades; assim, analisam a realidade e sobre ela conseguem concluir algo, além de torná-la mais conhecida. O segundo grupo abrange os trabalhos de descrição das realidades dialetais, como os Atlas Linguísticos<sup>2</sup> Nacionais ou Regionais, que se tornam instrumentos conclusivos de análises sobre a realidade linguística que determinada pesquisa abrange. Esses dois grupos contribuem, portanto, para que se conheça melhor a diversidade linguística do Brasil.

Para Rossi (1969), nos Atlas Linguísticos é que permanece uma das maiores conquistas da Linguística no século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método. O autor ainda ressalta que, em um atlas linguístico, podemos observar a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos, como menciona Brandão (1991):

---

<sup>2</sup> Segundo Brandão (1991, p. 24), “[...] um atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico”.

[...] para que se chegue a uma descrição fidedigna da realidade linguística de um país, região ou localidade, é fundamental não só recolher e analisar os dados segundo rigorosa metodologia específica, mas também que se proceda um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa dos segmentos sociais que a constituem (BRANDÃO, 1991, p. 25).

Por conseguinte, para que se chegue a uma descrição da fala de maneira real, é necessário, além de recolher e analisar os dados, também conhecer as especificidades da região, os fatores sócio-históricos que constituem aquela realidade, para que, assim, possamos entender o uso da linguagem naquele contexto.

Nesse cenário, a Geolinguística, segundo Miazza (1972), está sendo considerada como disciplina autônoma, ainda que vinculada aos parâmetros cartográficos da Geografia tradicional. Dessa maneira, os dados obtidos pela Dialetoлогия e pela Geolinguística permitem a “demonstração de que as palavras migram”, como atesta Moreno Fernández (1998, p. 58), de forma que o registro dos fenômenos linguísticos ilustra o percurso das palavras, bem como onde elas se instalam e, ainda, as áreas fronteiriças dos dialetos. Logo, a dispersão das formas pelo território aponta as áreas encarregadas pela adoção, implementação e dispersão das formas inovadoras, ao mesmo tempo que indica locais conservadores da língua.

Na sequência, apresentamos discussões acerca dos princípios dialetológicos monodimensionais e pluridimensionais.

### 2.2.1 Dialetoлогия: mono e pluridimensional

Apresentamos, nesta subseção, definições e reflexões sobre a Dialetoлогия monodimensional (dimensão espacial ou diatópica) e pluridimensional (traços linguísticos das comunidades de fala atrelados aos fatores sócio-históricos e linguísticos), levando em consideração a abrangência entre essas perspectivas linguísticas. Dimensões que objetivam estudar a correlação entre língua e sociedade, e a partir da percepção e consciência da existência da diversidade linguística em relação às línguas e seus usos.

Estudos linguísticos anteriores, mostram que a Dialetoлогия Tradicional surgiu no século XIX e considerava apenas uma dimensão para a análise linguística da comunidade de fala. Conforme destaca Thun (2010), esse estudo limita-se à

territorialidade, abarca em sua análise apenas a dimensão espacial, também chamada de diatópica. Para Aguilera (2013),

[...] a Dialectologia tradicional (a Geografia Linguística em seus primórdios) consistia no estudo de formas linguísticas predominantemente rurais, considerando-se que o informante era “HARAS” (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário) e teve o seu valor por ter registrado dados que, de outra forma, se teriam perdido (AGUILERA, 2013, p. 52).

No princípio, os estudos dialetológicos levavam em consideração apenas uma dimensão. Essa concepção, com o passar do tempo, não dava conta de atender a todas as demandas que a linguística se propunha a realizar, pois, de acordo com a estudiosa, neste momento, a Geolinguística Tradicional ocupava-se de áreas e não de linhas, não sendo suficiente para obtenção de um panorama da linguagem em determinada comunidade de fala (AGUILERA, 2013).

Para sanar essa lacuna, foram necessários avanços na Linguística, baseando-se em estudos contemporâneos. Conforme Aguilera (2013),

[...] a Dialectologia que centralizava seu interesse no estudo da variação diatópica e que tradicionalmente se ocupava da interpretação de fatos linguísticos em áreas predominantemente rurais, tem se beneficiado dos avanços da Linguística moderna e também das contribuições das ciências sociais, razão por que na contemporaneidade entende-se que a dimensão social da língua é tão importante quanto a espacial (AGUILERA, 2013, p. 335).

Pelo mesmo viés, Isquierdo (2013) salienta que os estudos dialetológicos, em seu princípio, visavam descrever apenas a variação diatópica, mas essa concepção, com o tempo, foi se modificando, pois se faz pertinente analisar a língua atrelada as dimensões sociais, históricas; só assim observamos os dissemelhantes falares que formam as comunidades.

Como destacam Ferreira e Cardoso (1994), convivendo com o homem rural, aprendemos, além dos fatos linguísticos, aprendemos sobre seu modo de vida, sua linguagem, seus costumes e histórias. Diante disso, acreditava-se que a maneira como o homem do campo vivia era diferente; tais fatos refletiam na linguagem que esse homem utilizava, estariam na sua fala as formas arcaicas da língua. Para complementar essa reflexão, Brandão (1991) ressalta que a língua é o meio de comunicação, assim, não basta pesquisar somente a história, os costumes ou o

ambiente em que o ser humano vive; também é necessário observar a forma particular como ele representa a realidade que o circunda.

Assim, a Dialetoologia Tradicional ou Monodimensional tem como foco primordial a dimensão diatópica, pois cumpria a tarefa de resgatar o esquecimento ou até mesmo o desaparecimento, os dialetos locais mais antigos, pela influência das inovações e desenvolvimento da língua padrão literária, ou língua oficial. Nesse viés, segundo Busse (2010), quando há ampliação dos critérios para a questão dos gêneros, da faixa etária e da classe social nos estudos linguísticos, significa uma mudança na cartografia dos dados, ou seja, dos registros nas cartas linguísticas dos fenômenos; dessa forma, a Geolinguística contribui para compreender como estas mudanças ocorrem.

Desse modo, em conformidade com Brandão (1991, p. 12), podemos designar Geolinguística como uma “[...] rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente, à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados”. Com base no método da Geolinguística, é possível observar que esta metodologia contribui para que possamos adquirir conhecimento dos mecanismos com que operam uma língua e os possíveis fatores que determinam sua evolução no contexto definido para a pesquisa.

Nesse mesmo viés, Coseriu (1982) destaca que a Geolinguística tem como incumbência a pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território “[...] ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados” (COSERIU, 1982, p. 79). Fundamentados nessa perspectiva, podemos afirmar que o método cartográfico se mostra de muita utilidade para o conhecimento e/ou reconhecimento das variáveis regionais de uma língua, investigando dimensões sociais e linguísticas, as quais são relevantes para compreender as mudanças da língua na sua totalidade.

Já os pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional levam em conta os traços linguísticos das comunidades de fala atrelados aos fatores sócio-históricos e linguísticos, visto que a linguagem é uma construção de diversos fatores pelos quais os sujeitos perpassam ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, Galli (2016) afirma que os estudos dialetológicos estão vinculados aos fatores socioculturais e fatores

históricos, de maneira a serem determinantes para que se possa compreender o trajeto percorrido pela língua em seu contato com outras realidades linguísticas.

Nesse sentido, a Dialetoologia Pluridimensional ou Contemporânea realiza o desdobramento da dimensão diatópica nas dimensões sociais, no que tange ao estudo contrastivo da língua, possibilitando uma análise profunda dos fenômenos variáveis. Segundo Aguilera (2013), a Dialetoologia Contemporânea atende, além da dimensão diatópica, a diageracional e a diassexual, como também a variável espacial (estabelecimento de uma rede de pontos), considerando as variáveis sociais: faixa etária, sexo, escolaridade, naturalidade, profissão.

Em concordância com Ferreira e Cardoso (1994),

A Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 19).

Os estudos sociolinguísticos, juntamente com os dialetológicos, têm a incumbência de observar os traços linguísticos de grupos e de indivíduos, o que torna o falar dissemelhante naquele contexto, quando comparado a outra região, pois a língua é heterogênea e cada localidade apresenta dialeto diversificado, costumes linguísticos que devem ser considerados, dado que nosso país é considerado multicultural. Nessa perspectiva, o falar está ligado aos fatores sociais, culturais que abarcam cada região.

Conforme destacam Ferreira e Cardoso (1994), antes mesmo de a Sociolinguística ter se fixado como um ramo da ciência e da linguagem, a Dialetoologia já interpretava os fatos linguísticos e extralinguísticos. A Dialetoologia, então, ocupa-se de recursos interpretativos que passam a ser também utilizados, posteriormente, pela sociolinguística. Podemos dizer que ambas têm como objetivo principal o estudo da diversidade da língua.

Como já mencionado, no princípio, os estudos dialetológicos tradicionais partiam apenas de uma dimensão, com intuito de investigar os dialetos que estavam sendo esquecidos. Essa compreensão precisou ser revista, pois, para que tenhamos um panorama da linguagem em determinada comunidade, outros fatores devem ser considerados. Assim, foi possível constatar que os princípios dialetológicos não

deveriam interessar-se apenas pelos dialetos rurais, mas também com as variedades urbanas, conforme destacam Ferreira e Cardoso (1994, p. 17), “visto que necessário é investigar tanto das variedades regionais como as sociais, tanto no eixo horizontal como vertical”. Conforme menciona Aguilera (2013), atualmente os pressupostos contemporâneos são de extrema relevância, pois buscam os movimentos horizontais, isso é, geográficos, verticais e também no âmbito das mudanças sociais.

A dimensão diatópica deve, portanto, ser considerada em conjunto com as variáveis sociais que a língua apresenta. A linguagem se constrói através do tempo e espaço; diante disso, outros contextos foram ganhando espaço na investigação das variações e mudanças que ocorrem na língua. Portanto, fez-se necessário analisar as diferenças diastráticas e diafásicas, diassexual<sup>3</sup> e diageracional<sup>4</sup>; isso posto, surge a Dialetoologia Pluridimensional.

Thun (2000) ressalta que a Dialetoologia Pluridimensional analisa as variedades linguísticas, os dialetos e as variedades das línguas em contato a partir de diferentes dimensões e parâmetros. Assim, define esse termo, evidenciando algumas indagações que a Dialetoologia contemporânea consegue alcançar. Segundo o autor,

[...] a Dialetoologia Pluridimensional, que busca se distinguir da Dialetoologia tradicional “pela arealização complexa, pela desarealização e pela quantificação”, pode responder a duas questões para as quais a Geolinguística tradicional e a Sociolinguística não têm encontrado resposta: (i) “Até que nível social, idade, estilo etc. estende-se um fenômeno linguístico identificado numa área entre os locutores de um mesmo nível social, de uma mesma faixa etária ou expressando-se num mesmo estilo?”; (ii) “Até que área chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que convivem num mesmo lugar, em vários grupos etários, em vários estilos, etc.?” (THUN, 2000, p. 196).

Ainda de acordo com as considerações já mencionadas, a Dialetoologia Pluridimensional passa a ser um resultado da confluência entre as duas disciplinas separadas historicamente, “Dialetoologia areal e Sociolinguística, trata-se da proposta do registro da dinâmica das línguas em todos os modos de realização” (MARGOTTI, 2004, p. 87).

Diante disso, segundo Busse (2010), a metodologia da Dialetoologia Pluridimensional, que une o diatópico ao diastrático, passa a identificar os elementos

---

<sup>3</sup> Termo da dialetoologia utilizado para se referir à variável extralinguística sexo masculino e sexo feminino.

<sup>4</sup> Termo da dialetoologia utilizado para se referir às faixas etárias, ou, também, às diferentes gerações dos falantes.

que atuam como inovadores e conservadores, bem como as circunstâncias de uso da língua em que os traços são registrados, por descrever a fala nos eixos horizontal (sua distribuição areal), vertical (sua realização nos diferentes estratos sociais) e relacional (seu registro em diferentes instâncias comunicativas).

Ainda baseada nas perspectivas de Cardoso (2002), a Geolinguística Pluridimensional, que se consolida ao final do século XX, vai se ocupar do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar a pluralidade de dados a ser cartografada. Conforme a autora, diante dos pressupostos da Dialetologia, com relação à possibilidade de identificar, descrever e dar tratamento aos dados, por meio da cartografia, as perspectivas dialetológicas, nos últimos anos, ampliaram a concepção dos espaços geográficos, das variáveis sociais para a seleção dos informantes e da coleta dos dados, incluindo, por exemplo, elementos referentes ao contato entre línguas e dialetos (CARDOSO, 2002).

Sobre a Dialetologia Pluridimensional, Thun (1998) aponta que

[...] o espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 706).

Assim, as cartas linguísticas e os Atlas registram o movimento da língua, e, na sua forma mais detalhada, podem oferecer o que antes era uma ‘fotografia’ da fala de determinado grupo e, em área estabelecida, uma ‘imagem em movimento’ da fala de uma área geográfica.

Em síntese, refletimos que, no início, a Dialetologia, ciência da variação espacial, limitou-se a compreender a presença ou ausência dos fenômenos linguísticos em diferentes espaços geográficos; dessa forma, era possível delimitar as áreas dialetais. Os primeiros estudos buscavam retratar as diferenças espaciais da língua, consagrando, portanto, a Geolinguística como o método da Dialetologia.

Busse (2010) destaca que as concepções dialetológicas nos oferecem possibilidades de descrever o dinamismo apresentado por nossa língua. Nesse sentido, o desafio da Geolinguística Pluridimensional está em eleger e delimitar os

aspectos metodológicos e assegurar o conjunto de variáveis para capturar os fenômenos em sua complexidade e dinamicidade, pois

[...] a Dialetologia Pluridimensional oferece, a partir dos seus princípios metodológicos, que cruzam as variantes diatópicas e socioculturais, a possibilidade de descrever a dinamicidade da língua, os roteiros das variantes pelo espaço e pelas dimensões socioculturais. Os dados permitem reconhecer o comportamento linguístico dos falantes diante das diversas situações de uso da língua. O rastro deixado pelas variantes na sua viagem pelos espaços revela o homem, sua condição no interior do grupo, seu papel e sua função na organização das sociedades (BUSSE, 2010, p. 80).

Diante disso, a Dialetologia tem como tarefa principal a descrição da variação e das variedades dialetais. Desse modo, os princípios metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística podem desdobrar a configuração areal dos dados e, com o advento do uso de tecnologias na cartografiação, dimensionar e registrar a fala a partir de seus condicionantes e das variáveis sobre as quais atua e das quais recebe influências.

Na sequência, apresentamos discussões acerca das variáveis, as quais contribuem para a compreensão dos distintos falares encontrados nas comunidades de fala, pois, para que tenhamos um esboço autêntico da língua viva, é necessária uma correlação entre as variáveis sociais e linguísticas.

### 2.3 CONTEXTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Apresentamos, aqui, reflexões acerca dos contextos da variação linguística. Segundo Mollica (2015), ao investigar os fatores sociais, investiga-se a influência de variáveis internas, isso é, de natureza propriamente linguística (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos). Em uma comunidade de fala, a língua se constitui pela complexa relação entre seus elementos, a partir da reconstituição de estágios anteriores da combinação de formas do passado com novas formas, condicionadas às dimensões sociais e espaciais, pois, para o estudioso Coseriu, na língua real, na língua falada, coincidem o sistemático, o cultural, o social e o histórico (COSERIU, 1998).

O falante age com criatividade e liberdade, pois, como ser social, faz uso de formas da tradição linguística da comunidade, mas também acolhe em sua fala outros elementos, obedecendo às condições externas e internas da língua. Como ressalta

Coseriu (1998), não é a língua que se impõe ao falante, como estrutura; de outro modo, ela se oferece como possibilidade de uso diante do conjunto de dimensões que orientam aquela situação comunicativa.

Segundo Freitag e Lima (2010), como a língua é um fenômeno social, cujo uso é regido por normas culturais, além de ter domínio das regras internas da língua, os falantes devem usá-la de forma adequada à situação de fala, visto que a língua é, ao mesmo tempo, heterogênea e diversificada. É justamente essa situação de heterogeneidade que deve ser processada, analisada, sistematizada e compreendida pelo pesquisador de línguas e também pelo professor de língua materna (MOLLICA, 2015). Nesse contexto, Busse (2010) ressalta:

[...] nas pesquisas sobre variação, além da descrição das variantes de uma língua, é possível identificar os estágios dos fenômenos que se encontram nos processos de mudança, ou seja, nas formas inovadoras implementadas numa comunidade de fala, e que convivem com as já existentes. As formas que se mantêm, e no estado em que se mantêm, são indícios do movimento da língua nas dimensões sociais e espaciais (BUSSE, 2010, p. 44).

Conforme a autora, quando iniciado um trabalho de descrição das variantes de uma língua, podemos, de igual forma, investigar os processos de mudanças que estão ocorrendo na comunidade nos níveis internos à língua (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos), como as variantes estão atuando para manter ou inovar a linguagem de maneira a retratar as realidades já existentes há tempos, como as variedades estão sendo implementadas naquele contexto, pois, sendo a língua viva, passa o tempo todo por alterações, atendendo à demanda do conjunto social.

Ao refletir sobre a natureza heterogênea da língua, ela se modifica, se altera no tempo e espaço. Considerada um fenômeno social que possui regras, normas, os falantes devem adequar seu falar a cada situação e/ou contexto de fala, em razão de que a realidade linguística da comunidade investigada deve recobrir as variáveis internas e externas da língua. Na sequência, elencamos algumas reflexões acerca das variáveis externas da língua, as quais contribuem para exemplificar as mudanças, alterações da língua refletida no sujeito, de maneira que o conjunto de fatores externos são importantes para definir a maneira como a fala é utilizada na comunidade.

### 2.3.1 Variáveis sociais

Para que possamos estudar a língua em uso numa comunidade de fala, sempre nos deparamos com a realidade de variação (FREITAG; LIMA, 2010). Desse modo, os falantes possuem características distintas (sexo, idade, profissão, escolaridade, classe social, entre outras) e essas dissemelhanças são reconhecidas como fatores sociais ou externos, que atuam na forma de cada um se expressar.

#### 2.3.1.1 Variável diassexual

A variável diassexual pode ser tomada como indicadora do *status* social das variantes linguísticas na comunidade, principalmente no que se refere às formas prestigiadas. Essa variável possui, portanto, papel importante para as variações linguísticas encontradas nos conjuntos sociais.

A fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esse motivo, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais (TRUDGILL, 1974).

Labov (2008), em seus estudos variacionistas, afirma que, na fala monitorada, as mulheres optam por formas menos estigmatizadas; além disso, estão mais suscetíveis a escolher a forma de prestígio. Conforme evidencia o autor, as mulheres de classe média baixa, se comparadas aos homens da mesma categoria social, usam em menor escala a forma não padrão e, quando fazem uso das formas mais extremas de uma variável, corrigem-se mais em contextos formais. De acordo com o linguista, em suas investigações e estudos, foi possível observar que, para a variável sexo, a forma prestigiada da língua tende a predominar na fala feminina. Essa característica, associada à consciência feminina do *status* social, é justificada por algumas concepções (LABOV, 2008):

a) A opção por uma ou outra forma linguística não é aleatória, deve-se ao fato da posição de prestígio que ocupa na comunidade de fala, ainda que a forma de prestígio não seja uma variante padrão;

b) Se a forma padrão for a variante de prestígio, ela aparecerá mais frequentemente na fala da mulher;

c) Em algumas comunidades, como é o caso de comunidades mulçumanas, a fala da mulher está associada ao papel social que ela ocupa;

d) Na fala espontânea, a mulher tende a ser mais solidária ao seu interlocutor;

e) Referente às mudanças linguísticas, as mulheres são mais conservadoras; inovações linguísticas aparecem com mais frequência na fala dos homens. No entanto, se a forma inovadora goza de prestígio social, as mulheres lideram os processos de mudança;

f) No tocante à variação estilística, diafásica, o aumento do índice da variedade padrão na fala da mulher é proporcional ao grau de formalidade presente no discurso.

A partir das considerações citadas por Labov (2008) sobre a variável sexo, observamos que, de fato, as mulheres tendem a utilizar as formas mais prestigiadas da língua, pois levam em conta a posição que ocupam, o papel social que desempenham, procuram ser mais conservadoras e apenas inovam na linguagem se a nova forma estiver entre a norma de prestígio.

Freitag e Lima (2010) ressaltam que, como as mulheres têm papéis sociais distintos, por exemplo, na educação dos filhos, elas tendem a dar preferência ao uso das variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente, bem como são mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas. Já quando as variantes são desprestigiadas, as mulheres assumem uma atitude conservadora; homens tendem a liderar a mudança, nesse caso.

Para Mollica (2015), as mulheres tendem a liderar os processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens. Ainda de acordo com a autora, a interação entre gênero/sexo e classe social contribui para que as diferenças linguísticas se acentuem no contexto ao qual os falantes pertencem.

Diante disso, inferimos que a língua está associada ao comportamento, às regras sociais do local, assim, as mulheres demonstram maior cuidado com a linguagem, pois se preocupam em influenciar alguém por meio de suas atitudes. Em conformidade com Busse (2010), quanto menos flexíveis forem as regras sociais entre homens e mulheres, mais rígidas serão as diferenças sociais, que desencadeiam em uma espécie de expectativa quanto ao comportamento esperado de homens e mulheres. A explicação poderia estar no fato de que determinados extratos sociais e algumas variantes podem apresentar algum tipo de 'prestígio' (TRUDGILL, 1974).

Para Mollica (2015), realmente, as mulheres demonstram maior preferência

pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente, e a autora acrescenta que

[...] a análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala (MOLLICA, 2015, p. 35).

Mediante essa compreensão, Freitag e Lima (2010) concordam que as variedades linguísticas que encontramos no cotidiano possuem o mesmo valor como sistemas estruturados e coerentes, mas, na perspectiva social, uma é mais aceita do que outra: a variedade culta ou de prestígio. Assim, para os estudos sociolinguísticos, todas as variantes possuem o mesmo valor. Porém, para os sujeitos, todas as modificações estão ligadas a elementos sociais, históricos, entre outros, e esse conjunto de fatores influi na realização das regras variáveis, podendo ser uma variedade mais aceita que outra por estar ligada ao prestígio, ou até mesmo a linguagem culta e padrão. Assim é para Busse (2010):

A variação linguística de sexo/gênero surge porque a língua, como fenômeno social, está relacionada a atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, e são regidos por diferentes regras sociais. A língua reflete simplesmente um fato social. A linguagem de homens e mulheres não é apenas diferente: a linguagem das mulheres é também (socialmente) 'melhor' que a linguagem dos 'homens'. Isto é um reflexo do fato de que o comportamento social considerado mais 'correto' é o da mulher (BUSSE, 2010, p. 56).

Nesse sentido, no estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, obedece à organização social da comunidade. Dessa maneira, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora, ou seja, se essa modificação pode ser considerada de prestígio ou estigmatizada, enfim, qual é o sentido, significado dessa nova variante para a comunidade. São considerações que contribuem para que os usuários acionem ou não o uso da variante linguística em seu cotidiano.

Contudo, para que o indivíduo se integre em determinado grupo, deve partilhar, além das mesmas atitudes e valores, da linguagem característica desse grupo (MOLLICA, 2015).

### 2.3.1.2 Variável diageracional

A faixa etária compreende a variável que nos orienta quanto à variação temporal da fala, um fator de caráter externo à língua, que contribui para determinar/condicionar o uso de uma forma linguística ou outra. Conforme Freitag e Lima (2010), a estratificação etária pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo (mudança histórica) e também a mudança na fala de um indivíduo em relação ao tempo de sua vida (gradação etária).

Seguindo as considerações de Freitag e Lima (2010), a faixa etária e o nível de formalidade são fatores de caráter externo, são fatores sociais que determinam/condicionam o uso de uma forma ou de outra. Busse (2010) destaca que o comportamento dos indivíduos em diferentes fases da vida contribui para que o falar seja considerado dissemelhante:

[...] considerando-se que o comportamento das pessoas apresenta certa regularidade em diferentes fases da vida, o fenômeno da variação pode ser descrito a partir dos elementos que se manifestam entre jovens e velhos. A idade é um marco na constituição de identidades sociais: jovens e idosos estão envolvidos em diferentes atividades, assumem determinados comportamentos, os quais são refletidos na linguagem (BUSSE, 2010, p. 53).

Como ressalta a autora, a idade é um fator que marca a identidade do sujeito que, porventura, não frequentou a escola, assim, as relações sociais, comportamentos, são diferentes, e tais fatores refletem na linguagem. Conforme salienta Mollica (2015), na medida que o falante vai alterando a faixa etária, muda a distribuição das variantes na comunidade.

Nesta perspectiva, para Eckert (1997), o comportamento linguístico de todos os indivíduos se modifica no decorrer de sua vida. E as mudanças linguísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de alterações linguísticas históricas; são mudanças decorrentes da história do indivíduo. Para o autor, nascemos, crescemos, tornamo-nos adultos, envelhecemos e, a cada etapa, as mudanças de ordem biológica e social ocorrem e refletem-se também na língua do indivíduo, o que Eckert denomina de curso da vida linguística. Assim, a faixa etária é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo.

Para Mollica (2015),

[...] nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público (MOLLICA, 2015, p. 43).

Observamos, por meio do que nos é dito pelos estudiosos citados anteriormente, que o fator idade apresenta influência quanto à escolha linguística, pois o comportamento, atitudes, relações sociais e históricas com os quais o indivíduo teve contato ao longo de sua trajetória pessoal são fatores relevantes para que o sujeito apresente uma linguagem diferente da usual da comunidade à qual pertence.

### 2.3.1.3 Variável diastrática

A escolaridade é considerada fator primordial para que a linguagem siga alguns padrões linguísticos ou não. É por meio da escolaridade que o sujeito adota comportamentos linguísticos e, assim, pode se apropriar ou resistir às mudanças linguísticas e reconhecer as formas que são prestigiadas ou estigmatizadas socialmente (FASOLD, 1990).

Para Mollica (2015), a escola é responsável por gerar mudanças na fala e na escrita das pessoas, atuando como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nas comunidades, já que a instrução escolar é sempre um fator social significativo nos fenômenos de variação e mudança linguística.

Freitag e Lima (2010) destacam que a escolarização, além de fazer uma pressão direta sobre o uso linguístico, atua também de forma indireta, ao iniciar e inserir o falante em uma modalidade mais rígida e mais homogênea, como a escrita. Em suma, a variável escolaridade atua nos processos de promoção ou resistência à mudança linguística.

Para Labov (2008), outros fatores, além da escolaridade, contribuem para que o falar seja dissemelhante. Um exemplo é a classe social, fato que concorre para o uso da forma linguística na comunidade, pois, quando observamos um grupo de classe baixa, é perceptível que a linguagem informal impera naquele contexto. Já que nem todos participam das mesmas demandas sociais, infere-se que a frequência com relação à escolarização não foi a mesma (LABOV, 2008).

Assim, esses sujeitos podem apresentar insegurança quando precisam expressar-se em contextos formais que não fazem parte de sua rotina; por mais que haja um esforço para utilizar uma forma linguística de prestígio, tendem a utilizar a forma que ora aprenderam em seu conjunto social. Dessa maneira, esforçam-se para utilizar alguns marcadores linguísticos mais usuais na comunidade de fala para se sentirem integrados naquele contexto. Labov (2008) defende: “[...] a grande insegurança linguística desses falantes levaria à flutuação em suas normas para contextos formais, e até mesmo na meia-idade eles tendem a adotar marcadores de prestígio mais recentes dos falantes mais jovens da classe média alta” (LABOV, 2008, p. 164).

Desse modo, o falante busca uma forma que melhor lhe convém para se comunicar. Retomando as observações de Busse (2010), o sujeito recria, renova a história de sua língua, ou seja, assume papel de indivíduo histórico, faz isso pelo fato de reconhecer que possui ‘liberdade linguística’ naquele contexto.

Diante disso, refletimos que os fatores que levam às mudanças linguísticas estão intrinsecamente ligados às variáveis sociais, pois os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto de formas linguísticas que levam a variações que são marcadas como prestigiadas ou não. É por meio da linguagem que o homem expressa suas ideias, as ideias de seu tempo, então as variáveis sociais contribuem para que o falar seja considerado dissemelhante para o grupo em que o sujeito está inserido (BRANDÃO, 1991).

Conforme Freitag e Lima (2010), controlar a escolaridade dos indivíduos pode nos dar pistas do prestígio ou do estigma do fenômeno, fato que permite refletir sobre os aspectos que estão envolvidos no contexto escolar e como esses aspectos interagem com o ensino e a valoração social das formas do fenômeno variável sob análise, dado que, para Mollica (2015), o nível de escolaridade continua a desempenhar um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes. Nesse mesmo viés, Freitag e Lima (2010) defendem que a ocorrência das variantes linguísticas prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável escolaridade.

Em síntese, mediante os estudos elencados, a escolarização contribui significativamente para a maneira como a linguagem vai circular em determinado grupo, ou para algumas pessoas desse grupo, pois, quando o informante frequenta o

espaço escolar, conhece a forma padrão da língua e, ao contrário, replica o que já é dito pelos demais integrantes de seu contexto social.

## 2.4 FALARES SULISTAS: UM BREVE PANORAMA

Nesta seção, recorreremos a pesquisas realizadas no Paraná e na região Sul do Brasil que descrevem as áreas cujos movimentos de colonização são fatores primordiais, quando se trata dos fenômenos de variação do português, especificamente no nível fonético-fonológico.

Bisol e Collischonn (2009) apresentam pesquisas que contribuem para um panorama da fala com o objetivo de descrever os fenômenos fonológicos variáveis na fala da Região Sul, com dados do Banco VARSUL. Os dados dessa recolha compreendem amostras representativas de cidades dos três estados do Sul. Os indivíduos das amostras estão distribuídos por sexo, escolaridade e idade. O levantamento inclui todas as cidades que compõem a amostra original do Projeto VARSUL. Observou-se que o fator localidade geográfica foi um dos principais condicionadores da variação.

Neste estudo os dados levantados por Monaretto (1992) tem o objetivo de analisar a vibrante em 3.966 dados de uma amostra, coletada por Bisol em 1982, e apresenta em seu estudo um mapeamento detalhado de estudos variacionistas e geolinguísticos realizados sobre o comportamento variável da vibrante em toda área geográfica abrangida pelo Banco VARSUL. Conforme cita Collischonn (2009), a escolha da comunidade linguística deve ser considerada, o banco de dados de pesquisa contribui para confirmar resultados anteriormente obtidos, assim esse trabalho,

[...] propõe completar análises precedentes através do exame de localidades não estudadas do Banco e confirmar resultados já obtidos sobre o papel de variáveis condicionadoras. Para Mattoso Câmara (1985), a fala do sul do País conservava a pronúncia com vibrante. Dados mais atuais, no entanto, revelam que há variação, com predomínio da fricativa velar no onset<sup>5</sup> e predomínio da vibrante simples na coda (COLLISCHONN, 2009, p. 11).

---

<sup>5</sup> De acordo com Collischonn (2009, p. 101), “[...] o onset complexo é formado por uma obstruinte seguida de uma líquida. Pela escala de sonoridade, todas as consoantes podem assumir a posição de onset (ataque) quando esse for simples, contudo, se complexo, haverá restrições em sua formação”.

Na sequência, o estudo de Collischonn e Quednau (2009), focalizando a variação da lateral pós-vocálica (ex. papel ~ papew ~ paper ~ pape∅), apresenta uma análise de amostras do Banco VARSUL, entre as quais as de Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco, no Paraná, e a de São José do Norte, no Rio Grande do Sul, e Lages, em Santa Catarina. Propõe também uma visão ampliada dessa variação na Região Sul, por meio de uma análise comparativa que inclui dados de um levantamento anterior de amostras de localidades do Rio Grande do Sul (QUEDNAU, 1993).

De acordo com os estudiosos, a coleta de dados confirma a baixa ocorrência das variantes /r/ e /∅/, a primeira delas restrita a falantes de baixa escolaridade de algumas regiões, e a variante /∅/ restrita a determinados contextos em que o apagamento favorece uma estrutura fonológica menos marcada. Com relação à variação /l/ - /w/, o estudo mostra que os principais fatores influenciadores são a localidade e a idade do falante, confirmando a sugestão de estudos anteriores de uma acentuada mudança em curso na região, no sentido de uma pronúncia vocalizada da lateral (COLLISCHONN; QUEDNAU, 2009).

No ano de 2011, Costa publica sua tese: *Abordagem dinâmica do rotacismo*, pesquisa realizada em Curitiba. Esse estudo deu segmento a dissertação de Costa, defendida no ano de 2006, cujo tema da pesquisa foi indicar uma representação do rotacismo à luz da fonologia gestual com especificação bigestual para as líquidas e acoplamento fásico entre a líquida e a vogal no ataque complexo. O objetivo geral do trabalho estava em propor uma representação teórica no âmbito de modelos dinâmicos de fala que possibilite a incorporação dos possíveis detalhes fonéticos envolvidos na realização do rotacismo. A metodologia da pesquisa partiu da análise acústica, onde realizou-se o experimento que consistia na leitura de frases-veículo visualmente apresentadas impressas em cartões brancos, nas quais inseriram-se palavras com ataques complexos compostos pelas duas líquidas.

Segundo as constatações de Costa (2011), os dados desse estudo mostraram a presença de três variantes do rótico fraco no ataque complexo: tepe, a predominante; aproximante, que prevaleceu na realização do rotacismo; aproximante retroflexa. Além da variação encontrada na fala e ilustrada nos dados, o grupo rotacismo produziu sons híbridos chamados de róticos lateralizados.

Em 2014, Brod defende sua tese cujo título é: *A lateral nos falares florianopolitano (PB) e portuense (PE): casos de gradiência fônica*. A investigação de

Brod foi realizada da seguinte maneira: em um grupo, foram selecionados 16 informantes do sexo masculino, falantes nativos do PE, nativos da cidade de Porto (Portugal) e residentes em seu país de origem. O outro grupo reúne 12 informantes do sexo masculino, falantes nativos do PB, provenientes (e residentes) de três regiões da cidade de Florianópolis-SC: Centro, Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha (BROD, 2014).

O tema da pesquisa foi o estudo acústico do som lateral alveolar do falar florianopolitano. O objetivo geral da pesquisa estava em apresentar as características acústicas dos sons laterais nos falares florianopolitano e portuense. As estratégias metodológicas aplicadas na pesquisa estavam relacionadas à coleta de dados, aos sujeitos e às análises acústica e estatística dos dados.

Em sua pesquisa, Brod (2014) alcançou resultados quantitativos, os quais revelaram a presença de sons laterais alveolar e velarizado e sons vocalizados nos falares portuense e florianopolitano. As conclusões também apontaram diferenças estatisticamente significativas entre essas produções nos dialetos estudados e entre cada um desses conjuntos para os parâmetros físicos avaliados.

Em 2016, Galli defende sua dissertação intitulada: *Uma análise Geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand-PR*. Essa pesquisa retrata o panorama da realização do fenômeno rotacismo na fala dos chateaubriandenses, objetivando identificar a frequência e a distribuição diatópica e diastrática das variantes para lateral alveolar, vibrante alveolar e o fenômeno rotacismo. De acordo com a construção teórica de Galli (2016), a metodologia utilizada no recolhimento, tanto da bibliografia quanto na busca dos dados, foi baseada nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia.

Os resultados da pesquisa deram conta de que o rotacismo está presente na fala dos chateaubriandenses e o fenômeno não é visto como estigma, mas sim como uma maneira “diferente” dentro das inúmeras possibilidades da variação e da grandiosidade da língua portuguesa brasileira.

No ano de 2019, Hahn-Nonnenmacher defendeu sua tese a partir do título: *Vocalização e Velarização de // em coda: o papel da diacronia na estruturação da gramática a partir da análise do português brasileiro*. O tema dessa inquirição foi propor uma investigação sobre a realização de // em posição final de sílaba em

português por falantes do PB, sobre a relação entre a posição da lateral na estrutura silábica e a sua realização na superfície e sobre a relação das diferentes histórias das regras de vocalização e velarização da lateral em português. Os objetivos eram esclarecer a linha de análise de Bermúdez-Otero (2007) e investigar, em diferentes estudos sobre a vocalização de // no PB, evidências de ‘etapas’ do processo, da gradiência fonética à interação com a morfologia e a categoricidade do processo.

De acordo com Hahn-Nonnenmacher (2019), essa investigação se vale, sobretudo, de dados oriundos da literatura, retomando estudos de velarização e vocalização realizados sobre o PB, em especial os referentes a variedades faladas no Rio Grande do Sul-RS. Dados que foram também gerados e investigados por meio de estudos de percepção de realizações de // em coda silábica, para subsidiar a análise dos processos de vocalização e velarização no PB na perspectiva de Bermúdez-Otero.

Para isso, a recolha foi pautada em dois instrumentos, em que o primeiro é sobre julgamento de falantes nativos e o segundo instrumento também busca testar a percepção de // por diferentes sujeitos, avaliando o grau de vocalização da lateral. Desse modo, por meio dos instrumentos utilizados, foi possível verificar que o processo de vocalização da lateral não é sensível a nenhum tipo de controle morfológico e se confirma o que a revisão bibliográfica aponta: que a vocalização da lateral no PB encontra-se na Fase II do ciclo de vida da mudança sonora.

Os estudos linguísticos aqui apresentados contribuem para a reflexão de que a língua é variável, demonstrando que há áreas em que se mantêm os traços da fala, pois os movimentos de colonização de cada região são fatores primordiais quando se trata de variações linguísticas.

Diante disso, nesta pesquisa, em que realizamos um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná, buscamos descrever as variantes linguísticas e sua distribuição areal, observando, principalmente, os pontos que apresentam características relativamente homogêneas e heterogêneas, constituídas a partir dos “movimentos de povoamento das localidades” (BUSSE, 2010, p. 24).

## 2.5 FORMAÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DO OESTE DO PARANÁ

Nesta seção, apresentamos informações sobre a formação histórica e linguística do Oeste do Paraná, dados que contribuem para descrever as áreas de manutenção ou inovação linguística, tendo em vista que os movimentos de colonização são fatores primordiais, quando se trata dos fenômenos de variação da linguagem.

A região Oeste foi marcada por fluxos migratórios, confrontos entre povos, os quais refletem nos movimentos de colonização da região, povoada primeiramente por indígenas, a região Oeste situada entre Paraguai e Argentina, território marcado por conflitos os quais resultavam no interesse econômico, como por exemplo, exploração de madeira e erva-mate.

Conforme Busse (2010),

[...] apesar do retardo no seu povoamento em relação ao restante do estado, há registros de fluxos migratórios na região ainda no século XVI, com dois núcleos de povoamento ligados à Redução Jesuítica do Guairá, localizados onde hoje se encontram os municípios de Guaíra e Terra Roxa. Nesse mesmo período, a região foi palco do maior conflito da história entre brancos e indígenas, com a destruição das reduções jesuíticas e demais povoações espanholas pelos bandeirantes (BUSSE, 2010, p. 36).

O retardo do povoamento estava ligado à falta de investimentos por parte dos governantes, foi solucionado com a tomada do país pelo nacionalismo getulista (BUSSE, 2010). Antes a região era somente vista como oportunidade comercial, a exemplo disso, em 1869, a região passou de fato a ser povoada, agora pelos *obrageros*, que, com capital inglês, começaram a projetar seus interesses sobre o Oeste (RIPPEL, 2005). As companhias estrangeiras permaneceram por mais de cinquenta anos explorando as riquezas vegetais, encontram mão de obra barata e a região cada vez mais isolada, suscetível ao que lhes era oferecido pelas companhias.

Após vários esforços por parte dos interessados na região, por volta de 1888, com o fim da Guerra do Paraguai foi fundada a primeira colônia Militar na foz do rio Iguaçu, e foram retomados os interesses nacionais no Oeste paranaense. Nesse período, segundo Colodel (2002), ocorrem as primeiras tentativas de povoamento da região, os moradores não tinham muitas perspectivas, estavam abandonados, somente ligados ao comércio de exploração de madeira e erva-mate. A partir da

necessidade do povoamento da região, por povos nativos houve então, a necessidade da instauração de um projeto de nacionalização do Governo Federal, fato que ocorreu após 1930.

Segundo Rippel (2005), os governantes perceberam que era necessário expulsar os exploradores argentinos da área, e, depois, “ocupar de modo efetivo a região com população brasileira visando garantir a preservação da fronteira nacional” (RIPPEL, 2005, p. 76). Rippel destaca, no processo de ocupação da região, a formação de núcleos rurais, que atraíram os colonizadores sulistas na ocupação das terras e, mais tarde, novos imigrantes, como mão-de-obra para o trabalho nas lavouras. “com relação à formação e ao povoamento, nem todas as localidades foram colonizadas de forma igual. Os núcleos sulistas ficaram restritos a algumas localidades, como Toledo, Marechal Cândido Rondon, Palotina, Santa Helena e Medianeira” (BUSSE, 2010, p. 41).

Em síntese, conforme ressalta Busse (2010), o povoamento da região Oeste, realizado efetivamente na década de 1960, pode ser compreendido a partir de três perspectivas: a geográfica e histórica (extensão e disputas territoriais); continuidade dos sentimentos de conhecer e povoar o mundo novo, a terra prometida que levou muitos a aventuras em terras, até então desconhecidas e a terceira perspectiva relacionada ao desenvolvimento social e econômico (BUSSE, 2010).

Pesquisas já realizadas na região Oeste do Paraná por linguistas, como: (AGUILERA, 1994; KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002; ALTINO, 2007),

[...] revelam um quadro interessante da fala local, que resulta do contato entre os diferentes grupos e da manifestação desse contato na língua, na formação de áreas conservadoras, inovadoras e de transição. Ou seja, revelam como a cultura e os ideais de continuidade trazidos pelos colonos sulistas estão hoje, como influenciaram os demais grupos, e que influências receberam. (BUSSE, 2010, p. 43).

Diante disso, o falar é influenciado por contatos entre diferentes grupos, revelando na língua traços inovadores ou não, assim, o processo de colonização refletiu na linguagem da comunidade, pois encontramos uma variedade linguística no contexto Oestino.

Galli (2016) destaca que o caminho percorrido pela língua portuguesa do Brasil, foi marcado por muitas interferências de imigrações, diferentes regiões formadas por diferentes etnias, imigrantes de diversos países, fatores que

influenciaram na cultura, costumes, na linguagem, e conseqüentemente na história de maneira geral. Na seqüência, apresentamos as constituintes linguísticas, variações que contribuem para modificações/alterações linguísticas.

### 3 CONSTITUENTES LINGUÍSTICOS: A LATERAL ALVEOLAR, OS RÓTICOS E SUAS VARIANTES

A língua, em toda sua complexidade e variação, apresenta, ao longo do tempo, variantes. Nesta seção, elencamos algumas considerações acerca das variações para a lateral alveolar, e para os sons de ‘r’ também chamados de róticos, visto que o propósito deste estudo é analisar a formação de áreas linguísticas dos falares do Oeste do Paraná, a partir da descrição das variantes para a lateral alveolar em coda silábica e para os róticos, em dados coletados por Busse (2010). Assim, observamos que há, na língua, variedades que acenam para um panorama em que se exteriorizam na unidade as diversidades regionais e culturais refletidas no âmbito da linguagem.

Para esta discussão, incorporamos os estudos de Bisol (1996), Miranda (1996), Ladefogger e Maddieson (1996), Câmara Jr (1997), Tasca (2002), Faraco (2007), Hora (2009), Busse (2010), Costa (2013), Galli (2016), entre outros estudiosos que analisaram a linguagem em dissemelhantes contextos, assim, contribuem para que as análises dos falares sejam cada dia mais considerados, pois são diversos os contextos que tornam os falares díspares.

#### 3.1 A LATERAL ALVEOLAR

Na língua portuguesa, as líquidas, junto a outras consoantes, formam os denominados encontros consonantais. O fato de termos apenas duas consoantes que podem ocupar tal posição pode ser uma das explicações para a grande produtividade de substituições de uma pela outra, principalmente na fase de aquisição da língua. Não é incomum ouvirmos, por exemplo, “praca” em vez de “placa” (HORA, 2009).

As consoantes líquidas compartilham propriedades fonotáticas no português brasileiro: ambas podem formar ataque simples, coda silábica e são os únicos segmentos permitidos como segundo elemento de um ataque complexo (COSTA, 2006). Ainda é possível observar, em estudos sobre as ocorrências de modificações em coda silábica, que a frequência de uso é maior entre os falantes mais velhos e baixíssima entre as faixas etárias mais novas, sugerindo que o rotacismo nesse ambiente seria uma regra que tende a desaparecer na comunidade. Em suas pesquisas, Costa (2006) salienta que os resultados apontaram que, para coda

silábica, as variáveis favorecedoras ao fenômeno foram o sexo masculino e a faixa etária mais velha, mesmos fatores selecionados como favorecedores à preservação da lateral alveolar na coda silábica em estudos variacionistas sobre esse segmento.

Para Galli (2016), nos contextos silábicos de coda medial e de coda final, a rotacização ocorre com menor frequência; nessas posições, a realização do rotacismo coexiste com outros fenômenos: a vocalização e o apagamento. Os contextos silábicos e o contexto precedente favorecem a coexistência dos três fenômenos, no entanto, a vocalização é a variante mais utilizada pelos falantes.

A lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como lateral alveolar sonora, lateral velarizada, variante vocalizada e rotacização. Em outras palavras, escreve-se *papel*, *jornal*, *Brasil* e fala-se *pape[w]*, *jorna[w]*, e *Brasi[w]* ou ainda, *palpe[l̥]*, *pape[r̥]* e *papé[ø]*. Estas duas últimas, a rotacização e o apagamento, são as formas estigmatizadas. Para Hora (2006), a escolaridade contribui para que ocorra o apagamento do som lateral alveolar. Nesse sentido, sempre é mais frequente se precedida por /u/, que formaria o ditongo [uw], se não houvesse a crase, uma vez que a realização do tipo [uw] não é aceitável na nossa língua, porque geraria um ditongo malformado. Estudos comprovam que se trata de variação que ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto linguísticos.

Tasca (2002) destaca que a variação da lateral alveolar em posição final de sílaba é descrita em muitas línguas, não se tratando, portanto, de um fenômeno exclusivamente presente no português brasileiro.

Conforme ressaltam Monaretto, Quednau e Hora (2001), na língua portuguesa, a lateral em posição pós-vocálica apresenta-se:

[...] em quase todo o território de língua portuguesa, como uma variante posicional. Há, então, uma elevação do dorso da língua até o véu palatino, do que resulta uma articulação dental velarizada, ou inteiramente velar, pela supressão do movimento da ponta da língua; nesse último caso, dá-se a vocalização do /l/ em /w/, com conseqüente arredondamento dos lábios (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001, p. 215).

Segundo destacam Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), comprovando também a realização da lateral alveolar, essa ocorrência se dá por meio de uma oclusão central e o ar escapa pelas laterais do trato vocal, em contraste com vibrantes, dado que a realização da lateral alveolar apresenta uma multiplicidade de variantes, em especial no caso da vibrante alveolar, o articulador ativo, a língua, toca

rapidamente o articulador passivo, os alvéolos, resultando em uma série de rápidas oclusões.

Neste viés, de acordo com Bisol (1996, p. 226), “[...] um som lateral é produzido quando a língua entra em contato com os dentes ou o palato”. Segundo Câmara Jr. (1977), na língua portuguesa, esse /l/ é uma líquida lateral, de articulação dental, uma vez que a ponta da língua toca a arcada dentária superior e a corrente de ar escapa pelos lados. Ladefoged e Maddieson (1996) destacam que laterais e róticos podem estar em um mesmo grupo, pois compartilham de certas semelhanças fonéticas e fonológicas. Segundo os autores, “[...] foneticamente, elas estão entre as mais sonoras das consoantes orais, sendo que “as líquidas constituem uma classe especial na fonotática de uma língua; por exemplo, os segmentos dessa classe são sempre aqueles que ocorrem nos grupos consonantais” (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 182).

Galli (2016) salienta que, no português brasileiro, a posição das laterais define a ocorrência de determinados sons, por exemplo, em início de palavras, como em *lata*, e em estrutura *consoante+consoante+vogal* (CCV), como em *claro*, realiza-se a lateral alveolar, representado foneticamente [l]. Já em codas, observa-se a vocalização ou a velarização, representadas por [w] e [ʁ]. Na vocalização, ocorre a articulação do / com a qualidade da vogal *u*; essa ocorrência se aplica à maioria dos dialetos brasileiros.

Dentre as consoantes de nossa língua, interessa-nos, aqui, a consoante /l/, a qual é nosso objeto de estudo, em posição de coda, segundo já observado por Câmara Jr. (1977), pode ser preenchida por uma destas quatro consoantes: “/S/, /N/, (/l/), /r/”.

Estudos de cunho variacionista têm contribuído para a compreensão da lateral na posição de coda. Destacamos Quednau (1993), Espiga (1997) e Tasca (2002), entre outros estudiosos que apresentam conclusões que comprovam a variação que ora pode apresentar-se como sonoro, velarizado, vocalizado, ora apagado, mas nunca alveolar, que só se verifica quando /l/ ocupa a posição de ataque da sílaba ou o segundo elemento de ataque complexo.

### 3.1.1 A vocalização

A vocalização não é um processo novo no português. Alguns estudos já foram realizados sobre essas ocorrências, de maneira a verificar em grande parte do território nacional a predominância da variante vocalizada da consoante // em final de sílaba, transformar-se em uma semivogal [w] e forma um ditongo com a vogal do núcleo da sílaba. Por exemplo, nos vocábulos *mal* e *mau* (ou *vil* e *viu*), confundem-se numa mesma pronúncia: *mau* e *viu*. Podemos, portanto, afirmar que decorre um processo de neutralização entre esses dois fonemas, quando estão em final de sílaba.

Pinho (2010) destaca que a transformação do // em /w/ é algo relativamente comum nas línguas, principalmente nas neolatinas. No latim vulgar, observamos a passagem do // para /w/, como é possível atestar nos vocábulos *poupar* (de *palpare*) e *outro* (de *alterum*). No francês, segundo nos relata Malmberg (1954), também houve esse processo de velarização e uma posterior vocalização da lateral. O francês teve antigamente um // velarizado que se transformou mais tarde num elemento vocálico (u) em consequência da perda da articulação apical. Esse processo é responsável, por exemplo, pelos plurais franceses de tipo *cheval* – *chevaux*. Mediante o mesmo tema, Cristófar-Silva (2002) afirma:

[...] em posição final de sílaba, a lateral alveolar ocorre com ou sem velarização [sal] ou [saw] em Portugal e certas regiões do sul do Brasil. Na grande maioria dos dialetos do Brasil ocorre a vocalização da lateral pós-vocálica que se manifesta foneticamente com um glide posterior arredondado, ou seja [w] (CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p. 3).

Diante disso, verifica-se que a vocalização está presente no PB e está ligada, principalmente, a fatores extralinguísticos (região, sexo e idade do informante, por exemplo) como também linguísticos, os quais a língua atravessa ao longo de sua trajetória. Busse (2010) enfatiza que a posição da lateral facilita a variação desse fonema, na medida que os diversos fatores condicionam esta utilização:

[...] a lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como lateral alveolar sonora [l], lateral alveolar surda [ɫ] ou velar sonora [w] (variante vocalizada). Estudos comprovam que se trata de variação que ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto linguísticos (BUSSE, 2010, p. 199).

Sá (2007) ressalta que o pouco contato ou a ausência com a forma escrita seja o fator crucial na vocalização, no apagamento de fonemas ou até mesmo no uso do rotacismo. Para o estudioso, quanto à estrutura linguística, quando o [l] é precedido por [o], a tendência à vocalização é maior, se antecedido por labiais.

Para Faraco (2007), a idade, assim como a escolaridade, são fatores significativos, quando se trata da realização de variantes, implementação de novas formas linguísticas, conservação da linguagem ou até mesmo apagamento de fonemas:

[...] se contrastarmos o português falado hoje na maioria das regiões brasileiras, por pessoas de gerações bem diferentes, vamos observar, por exemplo, que na fala dos mais idosos (digamos a geração de 75 anos), o último som de palavras como *mal*, *papel*, *lençol* é ainda, no mais das vezes, uma consoante lateral, semelhante ao primeiro som de palavras como *lama*, *leite*, *lado*; enquanto na fala de outras gerações o último som é a semivogal /w/, idêntica ao último som de palavras como *mau*, *céu*, *vendeu* principalmente entre os falantes da classe média urbana (FARACO, 2007, p. 12).

Diante do exposto, verificamos que nas comunidades de fala, os mais velhos preservam o uso da lateral, pois foi a maneira que ora aprenderam, conservando e mantendo a variante velarizada. Isso não ocorre entre os mais jovens, nesse sentido, percebemos que o português do Brasil tende, muito em breve, a substituir a variante velarizada pela vocalizada, já que, na fala dos mais novos, a vocalização predomina.

Em conformidade com alguns estudos realizados por Bisol (2009), os falantes mais escolarizados tendem a aplicar mais a regra de vocalização. Para a estudiosa, a explicação pode estar no fato de que essa seja uma característica de comunidades que estão adquirindo a regra, como ocorre nas comunidades de falantes bilíngues do Sul do Brasil, nas quais a mudança ‘vem de cima’, isso é, não surge naturalmente da deriva linguística, mas é tomada de empréstimo de outras variedades. O fenômeno também pode estar ligado ao fato de que a vocalização se naturalizou nas comunidades, de forma que, na aquisição da fala, já está presente a vocalização. Para a autora, o contexto em que ocorre a vocalização não explica essa ocorrência, pois, para ela, é um fenômeno de estrutura silábica e não de caráter assimilatório, assim,

[...] a natureza da vogal precedente não deveria influenciar a ocorrência de vocalização da lateral alveolar; entretanto, análises anteriores apontam que havia desfavorecimento em alguns casos e favorecimento em outros (caso da vogal baixa [a], por exemplo) (BISOL, 2009, p. 98).

Desse modo, alguns estudos têm em pauta o processo de vocalização, no intuito de buscar respostas para compreender tal uso. Pesquisas recentes, como as de Brod (2010), Galli (2016) e Moras (2016), destacam que a vocalização é um fenômeno comum no português brasileiro; ocorre, em diversas palavras, a ditongação, ou seja, o enfraquecimento da consoante, passando a uma semivogal, que ao posicionar-se posteriormente a uma vogal, a lateral perde seu traço consonântico e assimila-se à vogal precedente. Galli (2016) salienta que, na vocalização, ocorre a articulação do /l/ com a qualidade da vogal /u/; essa ocorrência aplica-se à maioria dos dialetos brasileiros.

Para Moras (2016), a vocalização é um processo fonológico,

[...] pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal quando ocupa certas posições da sílaba ou da palavra. A motivação do processo é em geral prosódica, como ocorre no português brasileiro com a consoante lateral /l/ em coda silábica (ou posição pós-vocálica), esteja a sílaba no interior ou em final de vocábulo: *falta~fa[w]ta*, *futebol~futebo[w]*, *móvel~móve[w]*, *almoço~a[w]moço* (MORAS, 2016, p. 51).

Mediante essa perspectiva, compreendemos que o contexto ocupado pelo fonema pode favorecer a vocalização, que pode ser em coda, como nos exemplos mencionados anteriormente, ou final de sílaba. Dal Mago (1998), sobre o contexto em que a vocalização ocorre, afirma:

Nas palavras em que o /l/ pós-vocálico encontra-se na sílaba tônica há um maior favorecimento à aplicação da regra, ou seja, à vocalização, o mesmo acontece nas palavras que possuem até duas sílabas e em palavras em que o contexto precedente do /l/ são vogais /u/, /E/ e /o/ (DAL MAGO, 1998, p. 38).

O contexto de realização da consoante lateral é determinante para a sua manutenção ou variação na fala de brasileiros de diferentes regiões do Brasil.

Monaretto, Quednau e Hora (2001) destacam:

[...] na posição pós-vocálica, essa consoante apresenta-se, em quase todo o território de língua portuguesa, como uma variante posicional. Há, então, uma elevação do dorso da língua até o véu palatino, do que resulta uma articulação dental velarizada, ou inteiramente velar, pela supressão do movimento da ponta da língua; nesse último caso, dá-se a vocalização do /l/ em /w/, com conseqüente arredondamento dos lábios (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001, p. 125).

A semivocalização é, portanto, um fenômeno fonético que consiste na transformação de uma consoante ou vogal numa semivogal, em que se faz premente analisar os fatores que mobilizam a ocorrência em determinada área, porém, esse uso está ligado ao processo de formação da língua, já que a realização da lateral alveolar muito se assemelha à vogal em que ocorre a troca.

Na sequência, elencamos considerações acerca do rotacismo, que consiste na substituição de um som [l] ou uma sibilante sonora por um som [r].

### 3.2 RÓTICOS

As laterais e os róticos pertencem ao grupo das consoantes líquidas, por partilharem características fonéticas, fonológicas e fonotáticas. Dentre os fonemas, as líquidas não laterais, conhecidas também como róticos, sempre foram consideradas interessantes objetos de estudo, pois possuem um extenso gama de variações, se observadas em diferentes dialetos.

Para Lindau (1985),

Róticos ocupam o mesmo lugar em sistemas consonantais e em estruturas silábicas de diferentes línguas. Em línguas dotadas de onsets complexos, os róticos tendem a ocorrer próximo ao núcleo da sílaba. Em geral, “erres” pós-vocálicos tendem a se tornarem vogais ou a desaparecerem. Róticos apresentam efeitos similares no ambiente: vogais antes de ‘r’ tendem a se alongar, como no Inglês e no Sueco (LINDAU, 1985, p. 157-158, tradução nossa).

Segundo o autor, as ocorrências dos dissemelhantes sons de ‘r’ são perceptíveis em diferentes línguas; sendo comuns nas línguas do mundo. Segundo Maddieson (1984), 76% dos idiomas são dotados de segmentos róticos, embora, na maior parte deles, 57,7%, conste um único fonema.

Conforme Miranda (1996, p. 24), “[...] os róticos como ‘todos os sons de ‘r’, os quais, por terem similaridades acústicas e padrão fonológico comuns com as laterais, com elas constituem a classe das líquidas”. A autora também salienta que, nas variações róticas em início de palavra, apenas [R] é encontrado, como em [R]ato; em coda, nota-se alofonia entre [r] e [R], percebida na diferença entre a fala de um gaúcho e de um carioca, respectivamente; em posição medial, há contraste e,

consequentemente, dois fonemas distintos, como em ca[r]o e ca[R]o; em *onset*, após /S/, /l/ ou /N/, apenas [R] é detectado, como em is[R]ael; por fim, em obstruintes tautossilábicas, percebe-se apenas [r], como em p[r]ato.

Quanto ao r-fraco, Cristófar-Silva (2009, p. 142) destaca que “ocorre em todos os dialetos do português em posição intervocálica (por exemplo: *caro*)”; também é o rótico utilizado como segundo elemento de grupo consonântico (por exemplo: *prato*). Segundo Oliveira (2007), em posição pós-vocálica (por exemplo: *carne*, *mar*), pode ocorrer um ou outro, entretanto, com predomínio do r-fraco, principalmente em dialetos do Sul.

Para Oliveira (2007), o r-forte ocorre em início de palavra ou *onset* absoluto (por exemplo: *rato*), em início de sílaba precedida por consoante (por exemplo: *Israel*), em posição intervocálica (por exemplo: *carro*, situação em que é representada graficamente pela duplicação do “r”) e em posição pós-vocálica (por exemplo: *carne*, *mar*).

Segundo Botassini (2013), os contextos comuns de uso desses róticos são a posição pós-vocálica (ou de coda silábica), cuja modalidade articulatória é dependente do dialeto, e a posição intervocálica. Entretanto, em posição intervocálica, a diferença é importante, pois, nesse contexto, os dois segmentos apresentam distintividade fonológica (*careta/carreta*, *muro/murro*, *caro/carro*, *era/erra*). Para Callou e Leite (1995, p. 73), “se existem duas vibrantes em português que só se opõem em posição intervocálica é porque nos outros ambientes a oposição fica neutralizada”.

O rótico retroflexo [ɻ], também conhecido como “r-caipira”, tem como articulador passivo o palato duro e como articulador ativo a ponta da língua, caracterizado pelo levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro (CALLOU; LEITE, 1995; CAGLIARI, 2009; CRISTÓFARO-SILVA, 2009; HORA, 2009).

De acordo com Cagliari (2009, p. 42), a variante retroflexa “[...]” pode ser articulada também por uma retração da parte da frente da língua, formando um monte com a concentração de um grande volume da massa da língua junto aos dentes molares”. Para o autor, essa forma de articular o rótico retroflexo é comum em alguns dialetos do inglês americano e no dialeto caipira.

Sobre a retroflexão dos fonemas, Cohen (2006) argumenta que

[...] tanto o r quanto o l posvocálicos podem sofrer retroflexão e se fundir num ‘r’ retroflexo neutralizando a diferença l/r em favor do erre. Portanto,

etimologicamente esse retroflexo que hoje se encontra no falar dito 'caipira' procede tanto de um l quanto de um r. Sintetizando: o r e o l posvocálicos em posição de coda silábica tanto interna quanto externa podem convergir ambos para um r retroflexo (COHEN, 2006, p. 77).

A variante tepe [r], de ocorrência em todo o Brasil, caracteriza-se por apresentar os seguintes traços fonéticos: articula-se com uma única batida rápida da ponta da língua contra os alvéolos dos dentes incisivos, ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente do ar através da boca (CALLOU; LEITE, 1995; CAGLIARI, 2007; 2009; CRISTÓFARO-SILVA, 2009; HORA, 2009). O tepe, em português, pode ocorrer entre uma oclusiva ou fricativa labiodental e uma vogal (por exemplo: preço, cravo, freira, livre), entre duas vogais (careta, barato) e, também, na pronúncia de alguns falantes, em posição final de sílaba (carta, verde, mar).

De acordo com Costa (2013), o rotacismo não pode ser considerado apenas como uma substituição explícita de um som lateral por um som líquido, visto que há distintos sons nos falares de cada sujeito, atrelados ao modo de falar de cada região, assim, é possível observar que há uma “mistura” de som rótico com lateral, e que podemos chamar de róticos lateralizados. Como as laterais, os róticos apresentam realizações com variação de ponto de articulação, podendo ser alveolares, dentais, retroflexos, velares, uvulares, e de modo, podendo ser fricativos, vibrantes e tepes.

A seguir, elencamos considerações acerca do rotacismo, o qual faz parte da discussão dos dados desta dissertação.

### 3.2.1 Rotacismo

A alternância ou substituição de um som por outro, assim, a ocorrência do rotacismo é comum na fala, já que, em algumas palavras, o som dos fonemas /l/ e /r/ são similares quanto ao ponto de articulação e a substituição nem sempre é percebida. Para Mollica (2015), a lateral e a vibrante compartilham uma série de propriedades fonéticas. A alternância /l/ por /r/ “é bastante antiga, atestada no *Appendix Probi (flagellum non fragellum)*, e, em determinado momento, deixou de ser processo de mudança e passou à condição de variação estável” (MOLLICA, 2015, p. 76).

Para Mollica e Paiva (1991, p. 182), “[...] ocorrendo na palavra um outro seguimento líquido, no caso [lateral], a líquida lateral presente na palavra tende a

assimilar, transformando-se em [r]. É o que ocorre por exemplo, na palavra *flora* passando a *frora*”.

De acordo com os estudos de Mollica e Paiva (1991), Bisol (1996), Bagno (1999) e Hora (2006), na língua portuguesa, o rotacismo é tradicionalmente descrito como a troca categórica de um som lateral por um tepe. Por meio de registros históricos e estudos recentes, observamos que o fenômeno é persistente e produtivo, fez parte do dialeto brasileiro e ainda está presente, utilizado mediante as necessidades linguísticas de cada informante, colabora para a evolução da língua portuguesa brasileira. Muitas palavras eram escritas e faladas com /r/, como <pranta> <planta>, <chicrete> <chiclete>, <frauta> <flauta>, entre outras; atualmente, o uso é considerado estigmatizado em diversas comunidades, sendo um falar comum no meio “caipira”. A realização do rotacismo ocorre em três contextos silábicos: em coda medial, como em <alface> <arface>, em coda final, <sal/> <sar/> e em grupos consonantais, <globo> <grobo>. Trata-se, ainda, de um fenômeno que existe antes mesmo da formação do português brasileiro.

De acordo com Bagno (1999),

[...] o rotacismo participou da formação da língua portuguesa padrão, como já vimos em *branco*, *escravo*, *praga*, *fraco*, *entre outras*, e continua vivo e atuante no português não-padrão. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social (BAGNO, 1999, p. 43).

Nesse viés, o rotacismo é visto como um processo e, muitas vezes, conforme cita Bagno, inerente ao sujeito, o falar estará atrelado as necessidades e relações que o informante mantém com sua comunidade de fala, “[...] não estando ligado ao que se fala, mas a quem fala” (BAGNO, 1999, p. 44), visto que, o lugar ocupado socialmente pelo indivíduo tem grande influência. Dessa forma, a variante continua viva e ativa, pois a sociedade é heterogênea, nem todos participam das mesmas condições, oportunidades, acessos e essas situações refletem na linguagem.

Conforme Amaral (1976), essa variante é julgada negativamente por muitos, embora ateste que ela também é empregada por pessoas com maior escolaridade e bem posicionadas socioeconomicamente, mas nem sempre é bem vista, dependendo de quem utilizar este falar, pode ser considerado “caipira”.

Para Costa (2006), o rotacismo é uma regra variável, que depende do contexto silábico para sua ocorrência e está condicionado por diversos fatores, que são:

sociais, históricos, linguísticos, extralinguísticos, ou seja, está ligado ao falante, depende da história da comunidade, das relações que foram mantidas, resultando na maneira de falar, já que cada falante traz consigo características, vícios linguísticos que podem ser vistos tanto na fala quanto na escrita.

Busse (2010) destaca que

[...] as variantes alveolares sonora e alveolar surda, juntamente com a retroflexa, a queda e o rotacismo, são formas estigmatizadas socialmente. As duas primeiras, por se concentrarem na fala de pessoas mais velhas, residentes na zona rural, com pouca escolaridade. No caso, não se pode afirmar veementemente que se trata de prestígio econômico dos falantes, mas relaciona-se à escolaridade e ao rótulo de “colono”, dado àquelas pessoas que residem na zona rural e que, julgadas com pouca escolaridade, não têm acesso aos bens culturais (BUSSE, 2010, p. 207).

O rotacismo pode ser descrito como um processo cujas raízes estão na passagem do latim para o português, mas que ainda hoje vigora em diversas localidades brasileiras, sendo muitas vezes estigmatizado, sem levar em consideração que essa realização faz parte da história da língua. Também é possível salientar que esse fenômeno não ocorreu somente na evolução da língua portuguesa no Brasil, sendo também recorrente em outros dialetos e principalmente no português, utilizados em outras regiões/países. Conforme afirma Boléo (1943), no que se refere às consoantes /r/ e /l/, devemos recordar que a substituição da segunda pela primeira (marvado, minh’arma) não se encontra só no português popular do Brasil, mas também advindo de regiões portuguesas, processo que ocorre igualmente no português popular de algumas regiões portuguesas.

### 3.2.2 O Retroflexo

A descrição e a análise das vibrantes no português brasileiro têm recebido atenção especial dos linguistas brasileiros. Trata-se de uma variante dialetal que marca a fala geograficamente: por exemplo, o retroflexo, o qual é mais frequente em São Paulo e Minas Gerais.

Para Lima (2013), o retroflexo, também chamado de “erre caipira”, muito comum no português brasileiro, é produzido pelo levantamento e encurvamento da língua em direção ao palato duro; retroflexão refere-se, desse modo, “[...] àquela [posição] em que a língua se curva para trás tocando o palato” (LIMA, 2013, p. 44).

Brandão (1991) destaca que o retroflexo foi apontado, até há pouco tempo, como um dos fones típicos do dialeto caipira, e estigmatizado em muitas regiões, o qual teria se irradiado de São Paulo para as áreas desbravadas pelos bandeirantes. Porém, atualmente, a variante encontra-se disseminada em vários locais do país, mas ainda não há trabalhos suficientes para determinar e concluir o papel que o fone pode representar na delimitação das áreas dialetais brasileiras, dado que os estudos linguísticos não dão conta de atender a toda demanda de mudança e variação linguística que perpassam no tempo e espaço. Assim, para Brandão (1991),

[...] o estigma, que hoje, essa pronúncia representa talvez não seja apenas um traço de diferenciação cultural – das célebres dicotomias escolarizado/não escolarizado, urbano/rural –, como se acredita, mas seja, isso sim, o resíduo de uma pronúncia corrente no país até há pouco mais de um século e meio, encantada – como diria Amadeu Amaral – em pequenos redutos onde ainda não se fez mais forte a força niveladora das normas que se irradiam dos grandes centros (BRANDÃO, 1991, p. 23).

Por tais razões, faz-se necessária a construção de atlas linguísticos de distintas regiões, dado que a língua guarda resquícios da construção sócio-histórica, que são resultados de mudanças ocorridas ao longo do tempo. A língua conduz o sujeito a novas experiências, enriquece, renova, recria o universo do ser humano, permitindo inserir-se num universo maior, garantindo a identidade cultural de si mesmo (BRANDÃO, 1991).

Há discussões sobre a origem do retroflexo no português brasileiro (PB) que perpassam décadas; não existe um consenso entre os autores. Amaral (1920) e Robl (1985) destacam a situação de contato linguístico ocorrido entre os portugueses e indígenas, no início da colonização; e, em meados do século XVII, com os negros escravizados. Essa situação colabora para a constituição de um “dialeto caipira”, do qual a variante retroflexa é um fonema característico.

Conforme Aguilera e Silva (2011),

[...] se pensarmos na realização lusitana alveolar e velar do / l / em coda silábica, como em mal, sol, falta, calma, é fácil deduzir a dificuldade de nossos indígenas e dos mestiços na realização da lateral em contexto consoante +vogal +consoante. A tentativa de aproximar a lâmina da língua ao palato, na realização da lateral em coda, poderia ter, naturalmente, levado à realização de um / r / retroflexo (AGUILERA; SILVA, 2011, p. 126).

Aguilera e Silva (2011) ressaltam que para os nativos, a articulação da lateral em contexto (consoante + vogal + consoante) era dificultosa, o que levava a uma realização natural da variante retroflexa, e essa realização foi se espalhando ao longo do território, pois já era visível em outros contextos linguísticos. Com o passar do tempo, a variante foi alvo de muitos estudos; linguistas perceberam que ela era mais comum entre os falantes e começaram a investigá-la.

Com base nos estudos de Amaral (1920), a ocorrência da variante retroflexa no Brasil ganhou espaço, pois trazia um traço característico da fala do caipira. Desde então, muitos estudos vêm sendo realizados, relacionando essa variante a diferentes dialetos brasileiros, como o trabalho de Rezende (2005), que aborda a presença do retroflexo no dialeto rural em comunidades rurais goianas; ou relacionando a variante a diferentes comunidades, como a pesquisa de Silva (2016), que apresenta a variante retroflexa como tipicamente comum na comunidade da Cidade de Goiás-GO, entre outros estudos mais recentes, como em Leite (2004) e Aguilera e Silva (2011).

Nos últimos anos, pesquisas como as de Aguilera e Silva (2011) e Silva (2012) têm apontado uma mudança de atitude linguística diante da variante retroflexa, com o ganho de *status* mais positivo em algumas comunidades em que é realizada. Um exemplo são os sujeitos da comunidade do Triângulo Mineiro. Desta maneira, apesar de a variante retroflexa se relacionar a uma noção cristalizada de caipira, seus aspectos morais são valorizados em detrimento de questões econômicas.

Além disso, a configuração da imagem do caipira tem passado por mudanças: para um público mais idoso, a variante vem ganhando aspecto mais positivo, por estar associada ao contexto histórico e social dos falantes. Aguilera e Silva (2011) apontam que esse é um indivíduo financeiramente reconhecido, proprietário de bens, participante de rodeios, onde procura demonstrar que a linguagem não lhe conduz a nenhuma dificuldade, de maneira que, para um público mais jovem, o falar considerado caipira estaria relacionado à imagem de celebridades da televisão e à ascensão dos cantores de música sertaneja. Os aspectos mencionados têm favorecido a realização da retroflexão e a permanência desse fone na língua da comunidade. Por meio de estudos, foi possível observar que o uso da variante retroflexa ocorre no Paraná e, especificamente, na região Oeste, área em que os dados desta pesquisa foram coletados. Na sequência, apresentamos o percurso metodológico desta dissertação.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta seção apresenta o caminho metodológico percorrido para a concretização das etapas desta pesquisa, meios que dão embasamento para este estudo. No campo das ciências, de acordo com os objetivos e fundamentação teórica, o pesquisador pode optar por quais modalidades estão de acordo com seu objeto de estudo e pode aplicar na sua análise de dados.

### 4.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: UM ROTEIRO PARA A DESCRIÇÃO DO FALAR OESTINO

Os dados analisados nesta dissertação foram coletados por Busse (2010), para a Tese de Doutorado *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná*. O objetivo principal da pesquisa consistia em documentar os fenômenos linguísticos, apresentar uma descrição diatópica e sociocultural das variantes do falar oestino, na busca de recobrir a realidade linguística do Oeste paranaense presente em trabalhos que se dedicaram à descrição do falar paranaense e da região Sul do país.

De acordo com a autora, sua pesquisa faz uma incursão pela Dialetologia Contemporânea, com vistas a descrever a fala no espaço areal, atravessado pelas dimensões e pelos parâmetros sociais.

Seguindo as considerações de Ferreira e Cardoso (1994), com relação à pesquisa que tem como propósito explorar dados variáveis na comunidade de fala, devemos levar em conta que

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda variação nele contida (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

Dessa maneira, observamos que a língua apresenta distintas formas, fatores intrinsecamente relacionados ao falante, pois, como salientam Ferreira e Cardoso (1994), em toda situação de fala, devem ser considerados os diferentes estratos sociais dos quais o falante faz parte, constituindo a identidade linguística do sujeito.

Busse (2010) considerou, em sua investigação,

[...] o atravessamento étnico-cultural na fala, pois este elemento acaba por delinear a formação de áreas e subáreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que refletem a cultura dos grupos que primeiro ocuparam os espaços e deixaram a constituição de uma identidade que se insinua na língua (BUSSE, 2010, p. 83).

A pesquisa pauta-se na topodinâmica<sup>6</sup> da variação, em grupos que migraram há uma ou duas gerações e que, em alguns casos, reemigraram para regiões como o Paraguai e o Mato Grosso do Sul. Esse fato reflete na maneira de falar dos informantes, que ora mantêm seu dialeto, ora implementam inovações, seguindo as relações que estão presentes no cotidiano (BUSSE, 2010).

Conforme os pressupostos dialetológicos, Busse (2010) destaca que as dimensões sociocultural e diatópica permitiram a exposição, nas cartas linguísticas, do movimento das variantes linguísticas pelo espaço do Oeste paranaense, nas nove localidades da rede de pontos (Guaíra; Assis Chateaubriand; Marechal Cândido Rondon; Santa Helena; Medianeira; Santa Terezinha do Itaipu; Capitão Leônidas Marques; Cascavel e Guaraniaçu) e no interior das variáveis sociais (diassexual; diastrática e diageracional), com base nos instrumentos utilizados para obter e analisar os dados coletados (questionário e entrevistas), para posterior tratamento dos dados. De acordo com a pesquisadora, no território paranaense, as áreas linguísticas foram definidas pelas ondas colonizadoras, pois é possível encontrar, na região Oeste, locais em que o falar representa a formação histórica do lugar.

Para comprovar os estudos direcionados à linguagem de distintos locais, temos registros de Atlas. O Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) e Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), entre outros, mencionam a dinâmica de transição e formação de subáreas linguísticas no Oeste, “as quais se manifestam pelo conservadorismo com relação a alguns traços linguísticos e pela inovação advinda, principalmente, do falar do Norte do estado” (BUSSE, 2010, p. 87).

Com base nas inferências de investigações linguísticas que consideram os falares de distintas regiões, de acordo com a estudiosa, os Atlas já divulgados mostram dados que embasam os diferentes falares que cada região apresenta e são

---

<sup>6</sup> Para Thun (1998) topodinâmica refere-se à mobilidade geográfica (estudo, trabalho, e outras atividades na zona rural e urbana).

descritos em mapas, leva-se em conta a localização geográfica, colonização e processo de urbanização e repovoamento, da região, inferindo que nestes locais, há adoção de formas inovadoras, enquanto, em áreas homogêneas, mantêm-se traços e formas da fala dos grupos de origem do Sul do Brasil (BUSSE, 2010).

A seguir, trataremos das dimensões que contribuem para que os falares apresentem dissemelhanças.

#### 4.1.1 A dimensão diatópica

Apresentamos a rede de pontos da pesquisa de Busse (2010). Esta investigação pauta-se em princípios metodológicos dialetológicos, com base em estudos prévios sobre o tema, bem como a escolha da localidade e informantes. Em meio aos cinquenta municípios que compõem a região Oeste do Paraná, Busse (2010) selecionou nove localidades para compor a rede de pontos da pesquisa. De acordo com a pesquisadora, optou-se por municípios que tiveram seu povoamento realizado na década de 1960, apenas o ponto 06 - Santa Terezinha de Itaipu teve sua emancipação realizada em 1987, porém, os primeiros moradores chegaram ao município entre 1960 e 1970, originários de Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (BUSSE, 2010, p. 102).

Na Figura 1, referente ao mapa da região Oeste do Paraná, com a rede de pontos desta pesquisa, temos a identificação das fronteiras regionais, nacionais e internacionais.

**Figura 1:** Mapa da Região Oeste do Paraná – Rede de pontos da pesquisa



Fonte: Busse (2010, p. 103)

A realização da investigação parte da formação histórico-cultural da região, considerando: (a) o processo de colonização do Sul do Brasil; (b) o povoamento da região, realizado por descendentes de colonos sulistas; (c) a interação entre grupos de etnias (alemã, italiana, indígena, castelhana, portuguesa) e regiões geográficas distintas (Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, e Norte do Paraná). A recolha de dados de Busse (2010) foi assim delimitada:

[...] a pesquisa se volta para o estudo da fala de informantes residentes no meio rural, tomando este como espaço geográfico que ainda abriga falantes dos períodos de povoamento das localidades, auxiliando, assim, na elaboração de um quadro da fala a partir da descrição e análise das variáveis que orientam os processos de conservação, inovação, transição, difusão e irradiação das formas linguísticas (BUSSE, 2010, p. 23).

Ainda, em conformidade com Busse (2010), para a definição da rede de pontos da pesquisa, consideraram-se:

[...] (i) os estudos desenvolvidos por Aguilera (1994), Rodrigues (2007) e Altino (2007), os quais indicam a formação de áreas ou zonas linguísticas marcadas por traços característicos dos movimentos de colonização e povoamento; (ii) a data de fundação localidades (década de 60); (iii) as localidades que concentraram no processo de povoamento os grupos oriundos dos estados do Sul, do Sudeste e do Nordeste do Brasil; e (iv) a equidistância entre os pontos (BUSSE, 2010, p. 103-104).

Nesse sentido, estudos anteriores contribuem para a comprovação de que há, nesses locais, variações linguísticas que merecem estudos contemporâneos, com vistas a observar que o processo de mudança linguística está atrelado a fatores sociais, econômicos e culturais da região, assim como os movimentos de formação que são traços de cada região.

A partir da representação cartográfica dos dados coletados para o estudo Geossociolinguístico da fala oestina, a autora buscou “[...] identificar áreas linguísticas na região, de forma a resgatar os elementos da identidade dos falantes com relação à posição geográfica dos pontos selecionados para a realização dos inquéritos, e à sua formação histórica” (BUSSE, 2010, p. 104).

Considerando os critérios apresentados, a rede de pontos foi constituída conforme o Quadro 1:

**Quadro 1:** Descrição da rede de pontos

Ponto	Descrição do Ponto
Ponto 01	Guaira
Ponto 02	Assis Chateaubriand
Ponto 03	Marechal Cândido Rondon
Ponto 04	Santa Helena
Ponto 05	Medianeira
Ponto 06	Santa Terezinha de Itaipu
Ponto 07	Capitão Leônidas Marques
Ponto 08	Cascavel
Ponto 09	Guaraniaçu

Fonte: Busse (2010, p. 104)

Seguindo os pressupostos da pesquisa dialetológica, faz-se necessária a definição antecipada da rede de pontos, assim como dos informantes. Para Ferreira e

Cardoso (1994), a escolha de localidade(s), de informante(s) e do método de investigação dá à pesquisa direcionamento e embasamento teórico. Conforme ressalta Brandão (2005), a seleção da rede de pontos representa uma tentativa de delimitação prévia das áreas de abrangência (as isoglossas<sup>7</sup>) de determinados fenômenos linguísticos, podendo, assim, revelar com maior nitidez as zonas de transição entre elas. Seguindo as considerações de Cardoso (1994) e Brandão (2005), Busse (2010) destaca:

A rede de pontos é reveladora dos objetivos do estudo, pois a escolha não é aleatória, mas representativa dos fenômenos da variação observados em determinada área. Por meio da fixação dos pontos, poderão ser identificadas áreas inovadoras, áreas conservadoras e áreas de dispersão e de irradiação linguística (BUSSE, 2010, p. 69).

Na tabela a seguir, apresentamos dados e informações sobre cada localidade que compõe a rede de pontos da pesquisa (municípios, área/localização, limites, população, origem), dados retirados da pesquisa de Busse (2010). A estudiosa coletou informações de materiais fornecidos pelas prefeituras municipais, de *sites* da Internet, mas, principalmente, das obras bibliográficas que retratam mais profundamente a formação histórica da região.

**Tabela 1:** Informações sobre a rede de pontos da pesquisa

MUNICÍPIO	ÁREA/LOCALIZAÇÃO	LIMITES	POPULAÇÃO	ORIGEM
Guaíra	568,845 km <sup>2</sup> / localizado às margens do Rio Paraná, Região Noroeste.	Mercedes, Terra Roxa, Altônia e Mundo Novo, no Estado do Mato Grosso do Sul.	Dados 2007 do IBGE: 28.683 habitantes. Dados do censo de 2000 demonstram que 24.878 habitantes residem na zona urbana e 3.781, na zona rural.	Surgiu na primeira metade do século XX, pertencendo, durante cinquenta anos, aproximadamente, à Companhia Mate Laranjeira. Habitada por selvagens, a região foi anexada ao território brasileiro devido aos constantes ataques dos bandeirantes às reduções

<sup>7</sup> Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), “[...] isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e consequentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças linguísticas socioculturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas)”.

				jesuíticas, que acabaram por afastar, definitivamente, a pretensão do Governo do Paraguai de prolongar, nesse rumo, o seu domínio até o Atlântico.
Assis Chateaubriand	966,158 km <sup>2</sup> , está a 440 metros acima do nível do mar e a 577,96 km de Curitiba/ localiza-se na região Médio Oeste do Paraná.	Alto Piquiri e Iporã, através do Rio Piquiri; ao sul, com Toledo e Tupãssi; ao oeste, com São Pedro e Palotina; e ao leste, através do Rio Verde, com Formosa do Oeste, Jesuítas e Nova Aurora.	IBGE 2007: 32.226 habitantes. Censo 2000: 27.011 habitantes zona urbana e 6.265, na zona rural.	Desmembrado dos municípios de Cascavel, Palotina e Toledo. Segundo o relatório PADCT/CIAMB (1993), a primeira tentativa de ocupação planejada da região Noroeste do estado ocorreu no início do século XX, mais precisamente na década de 1920, a partir de iniciativa da Companhia Brasileira de Viação e Comércio (BRAVIACO) e com apoio da Companhia de Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande (CEFSPRG).
Marechal Cândido Rondon	748,281 km <sup>2</sup> , está localizado às margens do Rio Paraná, a 400 metros acima do nível do mar e a 584,52 km de Curitiba.	Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste e Pato Bragado.	IBGE 2007: 44.562 habitantes. Dados do Censo IBGE-2000: 31.246 habitantes residindo na zona urbana e 5.051, na zona rural.	02 de dezembro de 1961, quando foi desmembrado de Toledo. A formação histórica é correlata à formação do município de Toledo, em função do trabalho desenvolvido pela Empresa Colonizadora, denominada Industrial Madeireira Rio Paraná S/A – Maripá, que, na sistemática da

				colonização, procede de maneira distinta para os municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon.
Santa Helena	Área total de 759,123 km <sup>2</sup> , está localizado a 347 metros acima do nível do mar e a 607,71 km de Curitiba/Oeste do Paraná.	Entre Rios do Oeste, Missal e Diamante d'Oeste.	IBGE-2007: 22.794 habitantes. Dados do Censo IBGE-2000: 9.818 habitantes residiam na zona urbana e 10.673, na zona rural.	A ocupação inicial da área do atual município, desde meados do século passado, deve-se principalmente à extração da erva-mate e da madeira, realizada de forma predatória pelas <i>obrages</i> .
Medianeira	Área total de 325,167 km <sup>2</sup> , e está localizado a 402 metros acima do nível do mar e a 577,30 km de Curitiba.	Missal, ao oeste, com São Miguel do Iguaçu, ao sul, com Serranópolis do Iguaçu, e ao leste, com Matelândia.	IBGE-2007: 38.397 habitantes. IBGE-2000: 33.246 habitantes residiam na zona urbana e 4.581, na zona rural.	28 de julho de 1960, foi desmembrado do território pertencente a Foz do Iguaçu. A população, que inicialmente era formada quase exclusivamente de gaúchos e catarinenses, passou a receber as migrações do Norte do Estado, de onde procediam os nortistas, e, assim, formou-se aos poucos uma rica etnia com pessoas das mais diversas origens, predominando os descendentes de italianos e alemães.
Santa Terezinha de Itaipu	Área total de 267,491 km <sup>2</sup> , está localizado a 270 metros acima do nível do mar e a 613,20 km de Curitiba.	Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu.	IBGE-2007: 19.552 habitantes.	Em meados da década de 50, a colonização do município deu-se a partir de migrações provenientes de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Norte do Paraná. Posteriormente, instalou-se, também, na sede do município uma

				população remanescente da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, de origens nordestina e mineira.
Capitão Leônidas Marques	Área total de 274, 892 km <sup>2</sup> , está localizado a 360 metros acima do nível do mar e a 516,43 km de Curitiba.	Santa Lúcia, Céu Azul, Capanema, Nova Prata do Iguaçu, Realeza, Lindoeste e Boa Vista da Aparecida.	IBGE-2007: 13.616 habitantes. Dados do Censo IBGE-2000: 4.609 habitantes residiam na zona urbana e 2.218, na zona rural.	Instalado oficialmente em 14 de dezembro de 1964, desmembrado de Cascavel. A formação do município deu-se, em grande parte, ao incentivo dado pelo Governo do Estado por meio das companhias imobiliárias, o que dinamizou o fluxo migratório para a região.
Cascavel	Área total de 2.091,401 km <sup>2</sup> , está localizado a 800 metros acima do nível do mar e a 491,00 km de Curitiba.	Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Braganey, Campo Bonito, Catanduvás, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida, Santa Lúcia e Lindoeste.	IBGE-2007: 285.784 habitantes. Em 2000, dados do Censo IBGE, 115.462 habitantes residiam na zona urbana e 7.275, na zona rural.	Em 14 de novembro de 1951, tendo seu território desmembrado de Foz do Iguaçu. Formou-se, assim, um povoado no meio do sertão e às margens do caminho entre Guarapuava e Foz do Iguaçu (IBGE, 1959). Soma-se, a esse fato, a localização geográfica da localidade, em um ponto formado pelo entroncamento de várias trilhas abertas pelos ervateiros, e que foi denominada Encruzilhada.

Guaraniaçu	área total de 1.240,063 km <sup>2</sup> , está localizado a 920 metros acima do nível do mar e a 427,51 km de Curitiba.	Catanduvas, Quedas do Iguaçu, Nova Laranjeiras, Altamira do Paraná, Campina da Lagoa.	IBGE-2007: 15.959 habitantes. IBGE-2000: 4.036 habitantes residiam na zona urbana e 4.419, na zona rural.	Guaraniaçu foi desmembrado de Laranjeiras do Sul e elevado à categoria de distrito em 1934. A sua história confunde-se com a formação histórica do estado do Paraná, por originar-se das expedições que exploravam o Terceiro Planalto Paranaense no século XIX.
------------	---	---	--	--

Fonte: Elaborada pela autora

#### 4.1.2 A dimensão sociocultural

Para a descrição dos dados, de acordo com a dimensão sociocultural, é pertinente observar alguns critérios. Assim, para a seleção de informantes, é necessário observar as variáveis, sexo, idade, nível de instrução e situação socioeconômica, as quais são determinantes para “que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos” (BRANDÃO, 2005, p. 26).

Mediante essa perspectiva, de acordo estudos de Busse (2010), a Dialectologia tem como incumbência a descrição dos falares na sua face móvel, buscando retratar a fala tal como se encontra nas comunidades, assim, os estudos dialetológicos buscam identificar “[...] áreas e estratos sociais mais arcaizantes e conservadores, até zonas e estratos sociais inovadores, além do reconhecimento das modalidades ou estilos de linguagem em que os fenômenos da mudança linguística possam ser melhor identificados” (BUSSE, 2010, p. 115).

Neste sentido, Thun (1998) destaca que

[...] existem essencialmente dois complexos importantes entre os fatos extralinguísticos os quais os geolinguistas não podem de ignorar. Estes são a mobilidade da população e a identificação de redes de comunicação. Para tanto, deve distinguir entre os aspectos estáticos e dinâmicos (THUN, 1998, p. 371).

Ainda, de acordo com Thun (1998), é pertinente o linguista conhecer a zona, estratos sociais que se interessa de pesquisar, para que se possa “distinguir entre os aspectos estáticos e dinâmicos” (THUN, 1998, p. 371), que a língua apresenta variações na comunidade, visto que estudos atrelados à dialetologia possibilitam ao linguista reconhecer os estilos, as mudanças, as transformações da língua no tempo.

Neste estudo, as dimensões diassexual, diageracional e diastrática contribuem para que possamos alcançar um panorama da linguagem de acordo com os objetivos propostos.

Conforme enfatiza Trudgill (1974), a fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por essa razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais. Para o estudo proposto por Busse (2010), foram entrevistados quatro homens e quatro mulheres em cada ponto, de duas faixas etárias e dois níveis de escolaridade.

Para a dimensão diageracional, Busse (2010) considerou as faixas etárias, conforme Quadro 2, apresentado na sequência:

**Quadro 2:** Perfil dos informantes<sup>8</sup> - Um estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

Células Sociais	
Homem, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 18 a 35 anos	MEFIGI
Homem, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 45 a 65 anos	MEFIGII
Homem, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 18 a 35 anos	MEMIGI
Homem, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 45 a 65 anos	MEMIGII
Mulher, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 18 a 35 anos	FEFIGI
Mulher, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 45 a 65 anos	FEFIGII
Mulher, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 18 a 35 anos	FEMIGI
Mulher, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 45 a 65 anos	FEMIGII

Fonte: Busse (2010, p. 118)

Baseando-se na escolha das duas faixas etárias, segundo as considerações de Busse (2010), os registros da variação na fala oestina fornecem dados para uma

<sup>8</sup> EFI: nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto - EMI: Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto. (BUSSE, 2010, p. 117).

análise da mudança em tempo aparente em contraste com uma análise da mudança em tempo real. Em conformidade com Ferreira e Cardoso (1994), as diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática são chamadas de diferenças diastráticas.

Para Busse (2010), a dimensão diastrática inclui os parâmetros que definem a classe social dos informantes. Entre esses fatores, estão:

[...] o perfil socioeconômico, o nível de renda, a ocupação, o nível de instrução, o tipo de moradia e o bairro ou ponto de residência na localidade. Para o estudo em questão, optou-se pela escolaridade como variável diastrática, já que a escola pode ser determinante no que se refere ao comportamento linguístico do informante, não se trata apenas do acesso ao conhecimento formal da língua, mas da aquisição de certas atitudes com relação à sua fala, à fala do seu grupo (BUSSE, 2010, p. 117).

Conforme estudos sociolinguísticos, o contato com a escola pode ser um divisor de águas, quando se trata da linguagem, visto que o falante que nunca a frequentou terá dificuldade na linguagem. Como salienta Busse (2010), a escola passa a ser determinante no que se refere à linguagem, pois, por meio da interação escolar, o sujeito pode expandir seu léxico, não se tratando apenas do conhecimento da linguagem padrão, e, sim, do fato de adquirir atitudes “com relação à sua fala, à fala do seu grupo” (BUSSE, 2010, p. 117).

Nessa mesma perspectiva, Thun (2005) destaca que a definição dos parâmetros diastráticos se dá pelas questões socioculturais, ou seja, conforme a formação escolar. O nível de escolarização pode facilitar o acesso a alguns bens que favorecem a mudança linguística, como a mídia, e, ainda, levar o indivíduo a absorver algumas características sociais em função da profissão e dos contatos que estabelece durante o período que permanece na escola.

Na sequência, elencamos discussões acerca dos instrumentos utilizados nesse contexto para a descrição dialetológica do falar oestino, com o intuito de alcançar os objetivos propostos nesta dissertação.

## 4.2 INSTRUMENTOS – DESCRIÇÃO DIALETOLÓGICA DA FALA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos para a descrição dialetológica da fala no estudo de Busse (2010), a relevância do questionário, com base nas orientações de Ferreira e Cardoso (1994).

Na tentativa de atingir os objetivos da pesquisa ora proposta, elencamos o método que foi utilizado para as entrevistas de acordo com as dimensões sociais; também demonstramos os passos utilizados para análise e tratamento de dados aplicados nesta pesquisa.

Faz-se pertinente, em uma pesquisa Geolinguística, seguir alguns procedimentos que contribuem para obter melhores resultados, conforme indica Busse (2010):

[...] as pesquisas com características Geolinguísticas seguem alguns procedimentos metodológicos, que buscam garantir uma descrição da realidade linguística quanto aos fenômenos de variação, nas dimensões diatópica e sociocultural. O cuidado e o rigor refletem a necessidade de registrar os fenômenos linguísticos de maneira a organizar um quadro da realidade linguística da comunidade investigada, recobrando aquelas variáveis internas e externas da língua, que retratam o *modus operandi* dos grupos que formam aquela sociedade em toda a sua dinamicidade e complexidade (BUSSE, 2010, p. 119).

Refletindo sobre a importância do questionário, seguimos algumas orientações de Ferreira e Cardoso (1994). Para as autoras, a inquirição (questionário) se destina a uma investigação de natureza dialetal e convém que tenha a sua elaboração regida pelos objetivos que se pretende atingir na pesquisa (FERREIRA; CARDOSO, 1994). A inquirição precisa ser elaborada com cuidado para que atinja os objetivos do(a) pesquisador(a) e para que os dados alcançados se tornem relevantes para a comunidade.

Para tal, Ferreira e Cardoso (1994), ainda, destacam que o questionário precisa conter uma sequência de perguntas do tipo palavra-coisa que permita o levantamento das características lexicais; também deve incluir “narração de fatos”, “relatos de casos e de histórias”, logo, o informante deixará seu vernáculo imergir, deixando seu discurso mais amplo, colaborando para documentar o que se pretende na pesquisa.

No estudo de Busse (2010), a elaboração do questionário seguiu as orientações do Comitê Nacional para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). De acordo com a estudiosa,

[...] as questões foram adaptadas do questionário do ALiB, buscando averiguar a diversidade linguística nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical. Além de refletir aspectos e traços linguísticos específicos da região, o questionário tem por objetivo confirmar fenômenos observados na Região Sul e no Brasil (BUSSE, 2010, p. 119).

Mediante a perspectiva da pesquisa dialetológica, o questionário foi disposto em duas partes: (a) a primeira, que se destina ao levantamento de dados pessoais do informante e da localidade; (b) a segunda, que está dividida em cinco partes: questionário fonético-fonológico – QFF, com 87 questões; questionário semântico-lexical – QSL, com 163 questões; questionário morfossintático – QMS, com quarenta questões; questões metalinguísticas, com oito questões; e conversa livre (ANEXO A) (BUSSE, 2010). Para esta dissertação, destacamos somente as ocorrências da lateral em coda silábica, vibrante em coda silábica e rótico em final de palavra.

#### 4.2.1 Recolha e tratamento dos dados

Os inquéritos para a coleta de dados foram realizados no período de fevereiro a novembro de 2008. Primeiramente, houve contatos iniciais, por meio de carta e telefonemas, com as prefeituras, e com departamentos, especificamente com as secretarias de educação, com o intuito de chegar a um mediador na comunidade, o qual poderia fornecer informações importantes no que tange ao conhecimento de informantes, de acordo com as células propostas na pesquisa. Após realização desses passos importantes para a pesquisa dialetológica, foram direcionadas e realizadas as primeiras visitas às localidades para a seleção dos informantes.

O espaço escolar foi considerado ponto de referência, sempre contando com a ajuda de diretores, professores e funcionários dos estabelecimentos e da comunidade. Os dados foram alcançados por meio da realização de 72 entrevistas, nos nove municípios que constituem a rede de pontos da pesquisa já explicitados, no que tange à análise dos fenômenos: (i) de manutenção de variantes linguísticas da fala dos grupos de origem, especialmente dos colonizadores sulistas; (ii) de adoção de formas

inovadoras, provenientes da fala dos grupos oriundos do Norte do Paraná, do Sudeste e Nordeste do Brasil (BUSSE, 2010).

Os inquéritos foram realizados a partir da seleção dos informantes, observando as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (GI – 18 a 35 anos; GII – 45 a 65 anos) e nível de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto; Ensino Médio incompleto).

Na pesquisa de Busse (2010), foram primordiais as aplicações dos questionários. Diante disso, o questionário semântico-lexical buscava investigar as dimensões diatópicas e socioculturais, com o objetivo principal de documentar a fala local, levando em consideração os processos de conservação, inovação e irradiação das variantes linguísticas do português brasileiro. Dessa forma, “o questionário morfossintático visa a apurar variantes – diatópica, diassexual, diageracional e diastrática – nas construções sintáticas e morfológicas. Para tal, seguindo as orientações do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil)” (BUSSE, 2010, p. 122).

Após a aplicação dos questionários e efetivação da pesquisa por meio de gravações, fez-se necessário realizar as transcrições dos dados coletados. Em seu estudo, Busse (2010) realizou as transcrições, as quais foram concomitantes à realização dos inquéritos. Para a estudiosa, a realização das entrevistas e as transcrições a partir das gravações contribuiu para a verificação de pontos falhos, para posterior correções ou ajustes, para que, assim, fosse possível corrigir ou ajustar os percalços do estudo. À vista disso, após finalizar a etapa de transcrição das entrevistas, depois de três revisões, as variantes foram organizadas em tabelas do Word, assim, foi possível observar a sua ocorrência no interior das dimensões diatópica e sociocultural.

Na pesquisa ora explicitada, os dados foram mostrados em cartas, de duas maneiras:

- a) para representação dos dados diatópicos, distribuídos nas cartas linguísticas, foi utilizado o gráfico de setores<sup>9</sup>. Optou-se por essa representação na tentativa de registrar dinâmica diatópica das variantes em cada ponto. b) para a representação dos dados socioculturais, nas dimensões diassexual, diageracional e diastrática, foi utilizado o gráfico de barras. Além

---

<sup>9</sup> “[...] gráfico de setores é uma adaptação do modelo cartográfico utilizado por Thun (1998) para as cartas linguísticas do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai/ADDU, Atlas Linguístico Guarani-Românico/ALGR e do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch/ALMA-H. No gráfico, encontra-se a frequência, em porcentagem, das variantes registradas pelos falantes e selecionadas para a análise” (BUSSE, 2010, p. 124-125).

de registrar a frequência das variantes em cada dimensão sociocultural, o gráfico de barras pode subsidiar uma análise relacional do movimento da fala entre os grupos (BUSSE, 2010, p. 124-125).

Pautando-nos nos critérios já descritos para representação e análise dos dados, refletimos que as informações coletadas ofereceriam um retrato da fala e da cultura do Oeste paranaense, colaborando para reconhecimento da identidade linguística do morador da região. Conforme salienta a pesquisadora, a busca por dados contribui para resgatar os elementos da identidade dos falantes com relação à posição geográfica dos pontos selecionados para a realização dos inquéritos, bem como a sua formação histórica.

Na sequência, tratamos da exposição dos dados, das cartas e gráficos gerais, com base nas ocorrências do estudo de Busse (2010), os quais contemplam os objetivos propostos nesta pesquisa, descrição Geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS: UM PANORAMA DA FALA OESTINA

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados selecionados, de acordo com os critérios da pesquisa de Busse (2010) para a descrição Geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná.

Os dados foram levantados a partir de entrevistas em nove municípios, que constituem a rede de pontos desta investigação, cujo objetivo geral da pesquisa é: documentar a modalidade oral da língua portuguesa em uso em nove localidades da região, nos níveis fonético-fonológico e semântico lexical (BUSSE, 2010).

### 5.1 OS DADOS NA DIMENSÃO DIATÓPICA

A região Oeste do Paraná é marcada pela colonização sulista em algumas localidades, enquanto outras apresentam uma realidade mais heterogênea. Essa realidade aponta distinções de espaço geográfico, em que encontramos diferenças na realização do falar regional, visto que cada região apresenta dissemelhantes contatos desde a sua formação, e essas situações desencadeiam variações nos falares, pois os informantes se deslocam a outras cidades, países, regiões, para atender às suas demandas diárias.

Como já mencionado, de acordo com Brandão (1991), os falantes de uma mesma língua, porém de regiões distintas, por sua vez, demonstram características linguísticas diversificadas e, se pertencem a uma mesma região, muitas vezes não falam da mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias que esses informantes atravessam na comunicação diária. Para a estudiosa, essas situações tornam evidentes a complexidade de um sistema linguístico e toda variação nele contida; para exemplificar, os estudos diatópicos contribuem para identificar esses dissemelhantes falares.

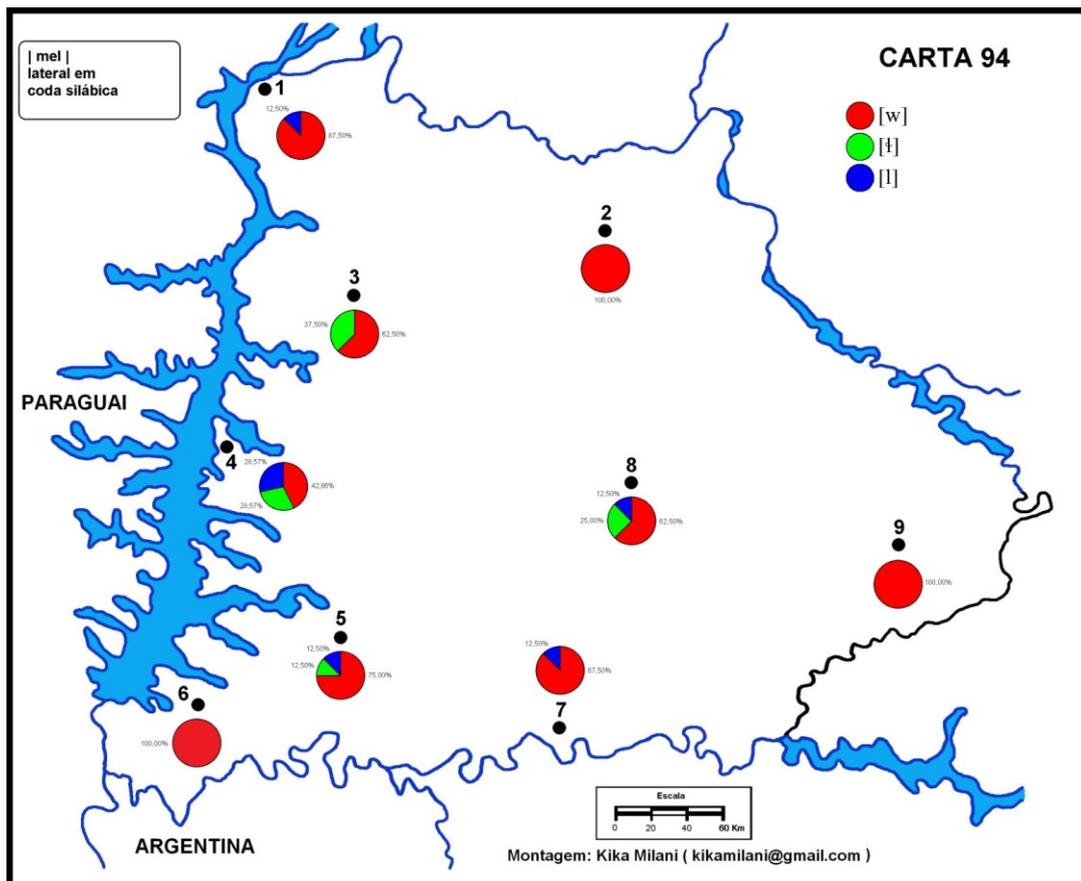
#### 5.1.1 Variantes para a lateral alveolar em coda silábica

Apresentamos, a seguir, os dados diatópicos das variantes para a lateral alveolar em coda silábica medial e final. Os dados advêm das cartas linguísticas n.º 94, para MEL, n.º 95 para PÓLVORA, e n.º 96, para AZUL. Na tentativa de obter tais

respostas, as perguntas foram as seguintes: para MEL (E o que é que a abelha fabrica?); para PÓLVORA (...aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?); para AZUL (que cor é esta? Mostrar algo nesta cor).

Na carta 94, Figura 2, é possível observar o registro da lateral alveolar, da vocalização e da variante velarizada.

**Figura 2:** Carta Linguística – MEL – lateral alveolar em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 181)

A variante vocalizada para a lateral em coda silábica é registrada em todos os pontos investigados. Conforme a Figura 2, nos pontos 2 (Assis Chateaubriand), 6 (Santa Terezinha do Itaipu), 9 (Guaraniaçu) e nos demais locais, a variante vocalizada apresenta um percentual significativo, observamos a alternância com a variante lateral alveolar e a lateral velarizada, pouco recorrente nesta amostra de dados; a realização da lateral e da variante velarizada somam um percentual baixo, se comparado com a variante vocalizada. Os dados podem ser tomados como indicadores dos movimentos das variantes na região, apontando para áreas de alternância entre a lateral alveolar e a variante velarizada, e áreas de adoção da semivogal.

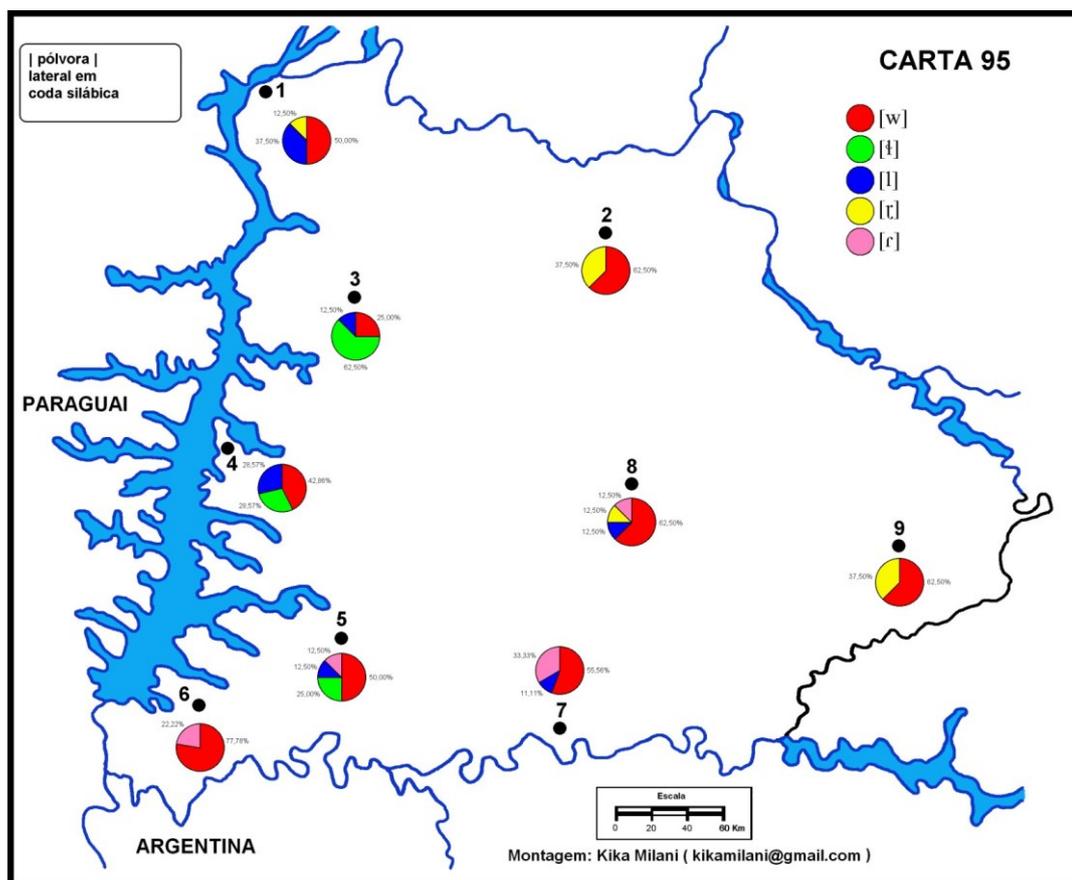
Para MEL, inferimos que o contexto em coda silábica final favorece a vocalização, variante recorrente na região Oeste. Nesse sentido, Moras (2016) ressalta que a vocalização é um processo fonológico pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal, quando ocupa certas posições da sílaba ou da palavra. Galli (2016) destaca que o contexto CVC (consoante, vogal, consoante) contribui para a ocorrência da vocalização. Ao posicionar-se posteriormente a uma vogal, a lateral perde seu traço consonântico e assimila-se à vogal precedente (BROD, 2010).

De acordo com Busse (2010), a distribuição das variantes indica o movimento dos colonizadores pela região Sul, que saíram do Rio Grande do Sul e do Oeste, Sudoeste e Extremo Sudeste de Santa Catarina. Os dados revelam a presença de uma variante inovadora nesses pontos em contraste com a lateral alveolar e a velarizada. Podemos inferir, com esses resultados, que a vocalização decorre de um processo de neutralização entre dois fonemas quando esses encontram-se em final de sílaba, as demais variantes apresentadas, lateral alveolar e velarizada é que mostram um panorama distinto para esta ocorrência, uma vez que a tendência desta palavra é a vocalizar.

Ainda de acordo com Brandão (2005), faz-se pertinente, em toda pesquisa, a seleção dos pontos que convergem para uma realidade semelhante, para que, assim, o pesquisador possa delimitar as áreas de abrangência de determinados fenômenos linguísticos, podendo, dessa forma, revelar com maior nitidez as zonas de transição entre elas.

Na carta linguística 95, Figura 3, a seguir, foram registradas as variantes para a lateral em coda silábica em PÓLVORA. Dentre as variantes, observamos a realização da lateral alveolar, da vocalização, da velarização, do retroflexo e do tepe.

**Figura 3:** Carta Linguística – PÓLVORA – lateral alveolar em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 182)

Os dados registrados apontam a vitalidade da variante vocalizada na maioria dos locais, apresentando até 56% de realização nos pontos 1 (Guaíra), 2 (Assis Chateaubriand), 5 (Medianeira), 6 (Santa Terezinha do Itaipu), 7 (Capitão Leônidas Marques), 8 (Cascavel) e 9 (Guaraniaçu). Para a variante retroflexa, os registros aparecem em pequenas proporções, nos pontos 5 (Medianeira), 6 (Santa Terezinha do Itaipu), 7 (Capitão Leônidas Marques) e 8 (Cascavel). A velarização e a lateralização, nesse caso, assinalam a mesma percentagem, de 12,5%, que, somadas, contabilizam 25%; e, por último, está o uso do tepe, com apenas 4%.

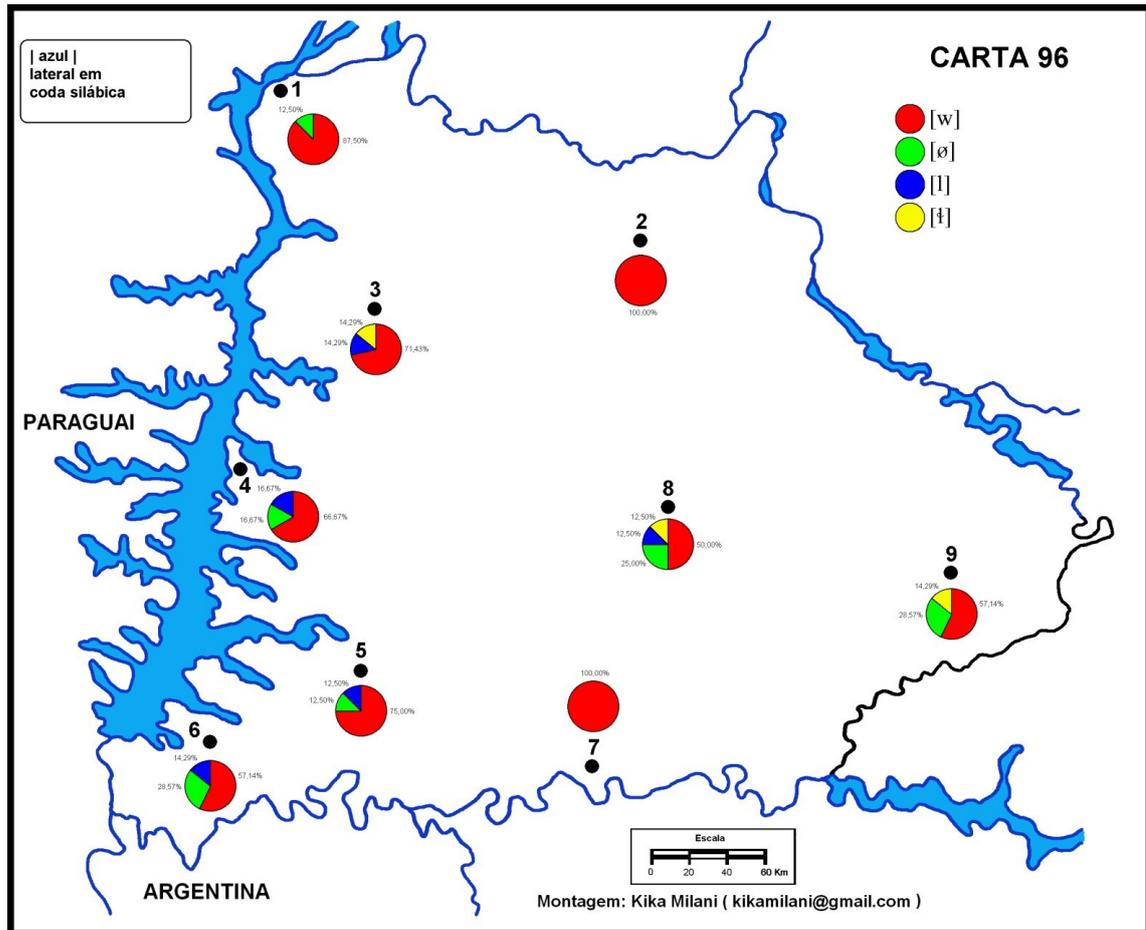
Nesse sentido, conforme ressaltam Monaretto, Quednau e Hora (2001), o contexto de realização da consoante lateral é determinante para a sua manutenção ou variação na fala de brasileiros de diferentes regiões do Brasil. No caso de PÓLVORA, a lateral encontra-se na posição pós-vocálica, consoante que se apresenta, em quase todo o território de língua portuguesa, como uma variante posicional, indicando variação vocalizada em diversas regiões.

Para Dal Mago (1998), quando o // pós-vocálico encontra-se na sílaba tônica, há um maior favorecimento à vocalização; o mesmo acontece nas palavras que possuem até duas sílabas e em palavras em que o contexto precedente do [l] são vogais [U], [E] e [O].

Diante disso, Monaretto, Quednau e Hora (2001), Brod (2010) e Galli (2016) destacam que a vocalização é um processo comum na língua brasileira. Nesse sentido, o fenômeno linguístico ocorre por meio da articulação da lateral com a qualidade da vogal *u*, vocalizando-a. Para Busse (2010), outro fator primordial a ser levado em consideração é a extensão da palavra, podendo facilitar a incidência da ocorrência, como em PÓLVORA, em que foi possível observar que esse fator pode contribuir para que a vocalização ocorra, de maneira que a posição CVC auxilia para que a vocalização aconteça. Como salienta Brod (2010), ao posicionar-se posteriormente a uma vogal, a lateral perde seu traço consonântico e assimila-se à vogal precedente. A variante mais recorrente é a vocalizada, porém observamos que o retroflexo, velarização e tepe somam um percentual significativo, realidade demonstra que a língua portuguesa nessas localidades é heterogênea, que fatores linguísticos, extralinguísticos estão atrelados aos resultados. Conforme ressaltam Brandão (1991), Busse (2010) e Galli (2016) é possível observar que a variante retroflexa ocorre com número significativo em comunidades colonizadas por colonos sulistas, nesses locais a retroflexa coocorre com o tepe ou a vibrante múltipla.

A seguir, na carta linguística 96, é apresentada a distribuição areal das variantes para a lateral alveolar em AZUL. Conforme os dados, foi possível observar a manutenção da lateral alveolar, da variante vocalizada e da velarização.

**Figura 4:** Carta Linguística – AZUL – lateral alveolar em coda silábica



Os dados registram a concentração da variante vocalizada, na maioria dos pontos: nos pontos 2 (Assis Chateaubriand) e 7 (Capitão Leônidas Marques), apresentando vitalidade no uso dessa variante; nos pontos 1 (Guaíra), 3 (Marechal Cândido Rondon), 4 (Santa Helena), 5 (Medianeira), 6 (Santa Terezinha do Itaipu), 8 (Cascavel) e 9 (Guaraniaçu), chegando a registrar índice maior que 50%. A lateral alveolar e a variante velarizada somam 12%, apontando um baixo uso, se comparadas com a variante vocalizada. Houve a não realização das variantes em alguns pontos, 1 (Guaíra), 4 (Santa Helena), 5 (Medianeira), 6 (Santa Helena) e 8 (Cascavel), demonstrando que os informantes desses locais não sofreram influências significativas de grupos linguísticos próximos.

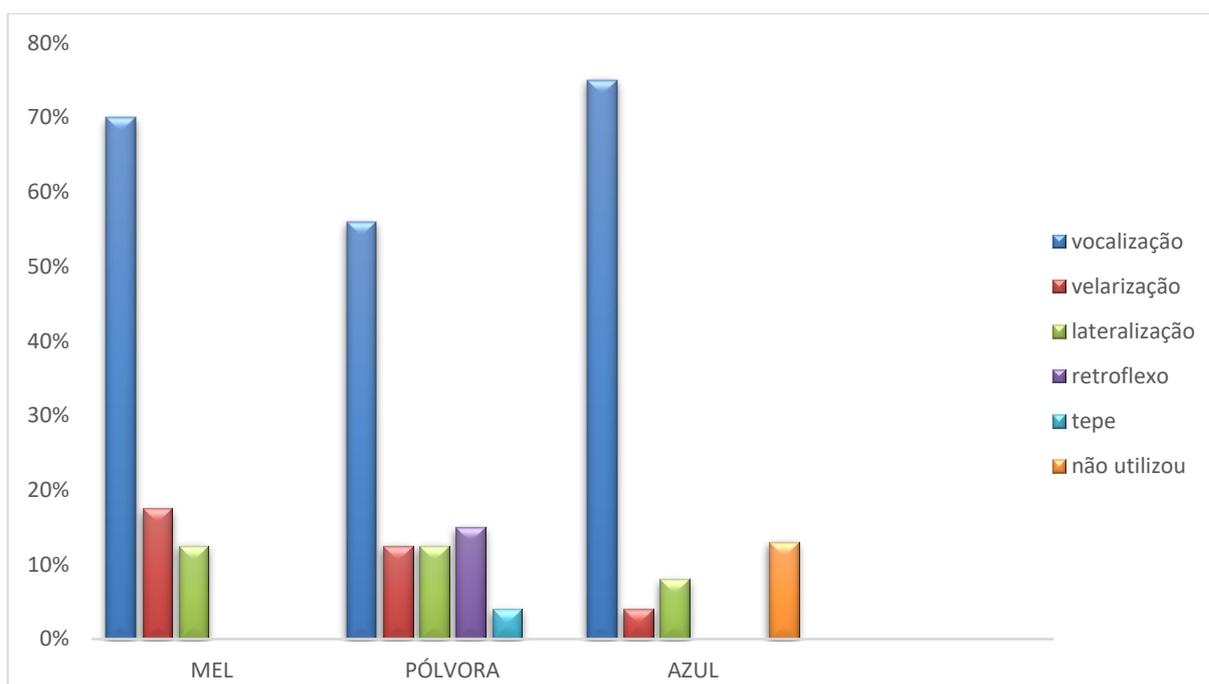
Para essa realidade, como já mencionado anteriormente, a posição da lateral em coda CVC pode possibilitar a variação, favorecendo a vocalização, ocorrência considerada comum no português brasileiro. Conforme salienta Cristófaros-Silva (2002), na grande maioria dos dialetos do Brasil, ocorre a vocalização da lateral pós-

vocálica, que se manifesta foneticamente com um glide posterior arredondado, ou seja [w].

De maneira geral, os dados registram a incidência da variante vocalizada em todas as localidades da rede de pontos investigada por Busse (2010), para os vocábulos MEL, PÓLVORA e AZUL. Essa variante é mais produtiva nessas localidades, pois o Oeste do Paraná registra um polimorfismo linguístico decorrente do processo de colonização, dos contatos linguísticos e da localização geográfica, em área de fronteira.

Retomando os estudos referenciados na fundamentação teórica, para Cristófar-Silva (2002), a vocalização está presente no PB e pode ser observada em diferentes contextos de realização da lateral como semivogal, ligada principalmente a fatores extralinguísticos (etnia, região, sexo e idade do informante, por exemplo), como também linguísticos, os quais a língua perpassa ao longo de sua trajetória. Conforme salienta Cunha (1986), a vocalização é um processo linguístico comum, ocorrendo em diferentes falares brasileiros, em variedades urbanas e não urbanas, na fala monitorada ou não monitorada.

Consideramos, também, que a posição da lateral facilita a variação desse fonema, na medida que os diversos fatores condicionam esta utilização. Nessa perspectiva, Busse (2010, p. 199) destaca que “[...] a lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como lateral alveolar sonora [l], lateral alveolar surda [ɫ] ou velar sonora [w] (variante vocalizada)”. A seguir, apresentamos o Gráfico 1, com os dados gerais das variantes registradas pelos informantes:

**Gráfico 1:** Distribuição da lateral alveolar em coda – MEL/PÓLVORA/AZUL

Fonte: Elaborado pela autora

A variante vocalizada apresentou vitalidade, assinala soma percentual acima de 56%, distribuída nos 9 pontos da coleta de dados, mostra 100% de uso em algumas localidades, conforme dados das Figuras 2, 3 e 4. As variantes para a lateral alveolar e velarizada também registram uso em todas as ocorrências, porém, em menores proporções, se associadas ao índice da vocalização, e um pequeno percentual do uso do tepe para Pólvora.

Retomando as considerações anteriores, a vocalização é, portanto, um fenômeno fonológico que consiste na transformação de uma consoante ou vogal numa semivogal, em que se faz premente analisar os fatores que mobilizam a ocorrência em determinada área, porém, esse uso está ligado ao processo de formação da língua, já que a realização da lateral alveolar muito se assemelha à vogal em que ocorre a troca.

Para Sá (2007), a estrutura linguística é importante quando se quer analisar um fenômeno linguístico em determinada comunidade, de maneira que, quando o [l] é precedido pelo [o], a tendência à vocalização é maior, se antecedido por labiais.

Em conformidade com estudos linguísticos prévios, observamos que o perfil da região Oeste demonstra que a língua caminha para a mudança linguística, já que as variantes vocalizada e retroflexa estão em destaque nessa base de dados. Assim, a

distribuição diatópica e sociocultural das ocorrências pode se somar aos demais fenômenos para delimitar áreas em que os dados indicam maior homogeneidade dos traços linguísticos e áreas mais heterogêneas.

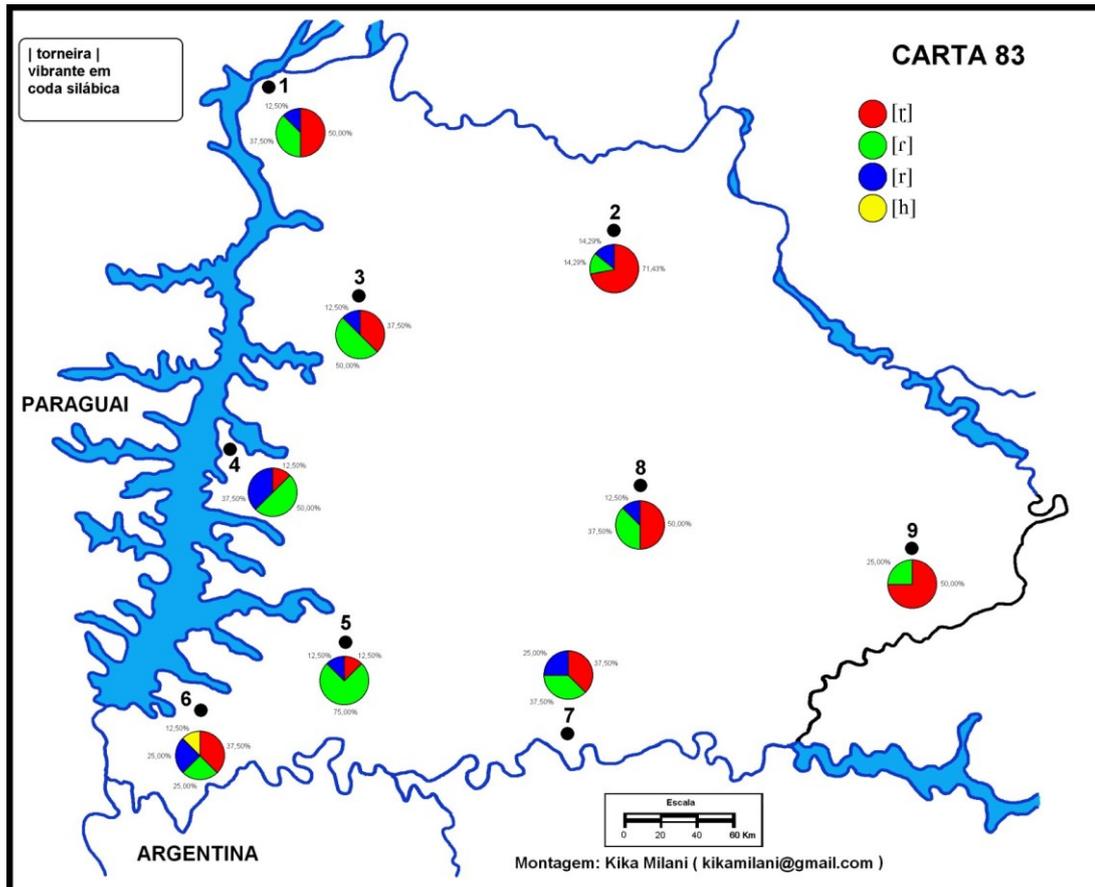
Em síntese, consideramos que o contexto de realização da consoante lateral é determinante para a sua manutenção ou variação na fala de brasileiros de diferentes regiões do Brasil. Para Busse (2010), os dados fonético-fonológicos coletados evidenciam uma realidade que se afigura em todo o território brasileiro. Os dados aqui descritos ocorrem especificamente na região Sul, comprovando o que os estudos recentes manifestam, de que se trata de variação que ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto linguísticos.

#### 5.1.2 Variantes para os róticos em coda silábica medial

Apresentamos, a seguir, os dados diatópicos das variantes para a vibrante em coda silábica. Os dados advêm das cartas linguísticas n.º 83, para TORNEIRA, n.º 84, para TARDE e n.º 85, para GORDURA. Para obter as respostas, de acordo com os objetivos da pesquisa, as perguntas foram as seguintes: TORNEIRA (... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?); TARDE (Qual é o contrário de cedo?); GORDURA (A carne de porco não é magra porque tem \_\_\_\_\_).

Conforme carta 83, é possível constatar as realizações do retroflexo, tepe, vibrante múltipla e fricativa velar.

**Figura 5:** Carta Linguística – TORNEIRA – vibrante em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 166)

A distribuição areal dos dados registra a concentração da variante retroflexa, em todos os pontos, chegando a assinalar índice maior que 50% em alguns pontos, como 1 (Guaíra), 2 (Assis Chateaubriand), 8 (Cascavel) e 9 (Guaraniaçu). O tepe registra uma percentagem significativa, sendo possível também observar registros em todos os pontos. Há também, nesse contexto, registro da vibrante múltipla, em menor proporção, em todos os pontos e, também, temos que considerar o registro da variante fricativa, no ponto 6 (Santa Terezinha do Itaipu). De acordo com estudos prévios, o uso da variante retroflexa marca geograficamente a fala, isto é, em algumas regiões, essa variante tem uso frequente entre os falantes. Segundo Busse (2010),

[...] podemos afirmar que há uma grande tendência à adoção do retroflexo, seja pela ascendência do fenômeno em âmbito nacional, que perde seu estereótipo caipira, pois está presente na academia e na mídia, seja pela proximidade entre falantes de outras localidades, seja pela motivação linguística (BUSSE, 2010, p. 198).

Confirmando o que já foi dito anteriormente sobre o *status* que a língua pode proporcionar ao falante, Guiotti (2002) destaca que o r-retroflexo se mantém em algumas comunidades por motivações culturais e econômicas. A autora ressalta que, desde a década de 1960, o jovem da alta classe vem aderindo ao estilo cultural *country*, motivador da adesão a um tipo específico de música sertaneja e de forma de se vestir.

Retomando os estudos referenciados na fundamentação teórica, Head (1987) levanta a hipótese de que a origem da vibrante retroflexa está nas propriedades da língua portuguesa, como o ponto e o modo de articulação, e na influência de outros traços que foram incorporados ao português falado no Brasil. Hora (2006) salienta que os róticos, no PB e nas demais línguas do mundo, têm um comportamento extremamente variável e apresentam uma multiplicidade de variantes.

No entanto, para Busse (2010),

[...] além da dimensão geográfica, em que se pode identificar as áreas de maior atuação da retroflexa, e da dimensão social, com o registro da variante por determinados grupos de uma localidade, a retroflexa pode ser caracterizada pela sua produção no interior da dimensão linguística, a partir do ambiente fonológico (BUSSE, 2010, p. 176).

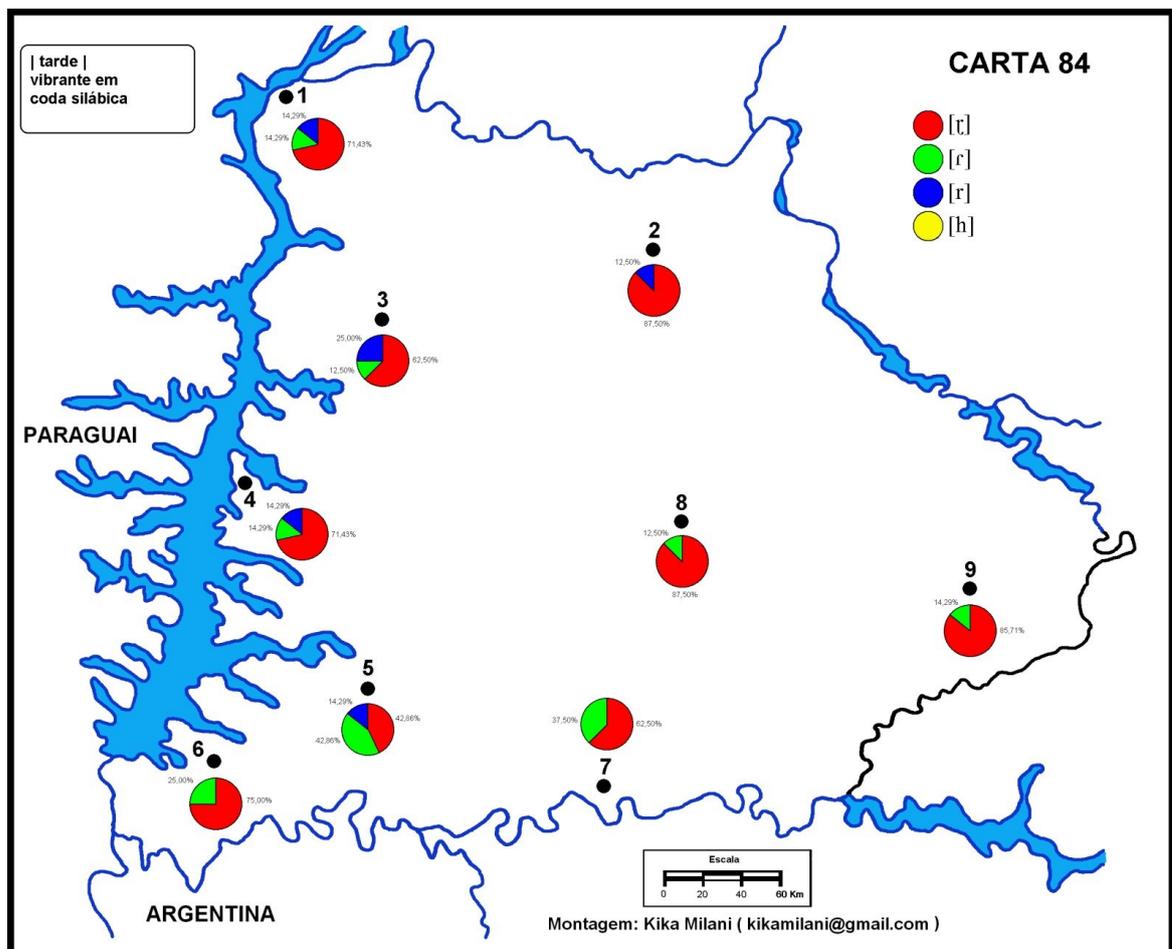
A incidência da variante retroflexa em algumas comunidades está atrelada ao ambiente fonológico e, de igual forma, aos fatores condicionados à dimensão geográfica. Brandão (1991), Busse (2010) e Galli (2016) ressaltam que é possível observar que a variante retroflexa ocorre com número significativo em comunidades colonizadas por colonos sulistas, e a retroflexa coocorre com o tepe ou a vibrante múltipla nesses contextos.

Estudos como de Aguilera e Silva (2011) e Silva (2012) têm apontado uma mudança de atitude linguística diante da variante retroflexa, com o ganho de *status* mais positivo em algumas comunidades em que é realizada; o fato pode estar atrelado às relações econômicas. As autoras ressaltam que “[...] um indivíduo dotado de uma situação financeira consolidada, proprietário de terras e bens que ele faz questão de exhibir nos rodeios realizados” (AGUILERA; SILVA, 2011, p.187). Ou seja, o sujeito daquela comunidade faz uso da variante retroflexa que passa a ser recorrente na comunidade, condição que está atrelada ao que Labov (2008) salienta, somente entendemos o desenvolvimento de uma mudança, ou uso linguístico, quando levamos em conta a vida social da comunidade em que esta mudança ocorre.

Diante disso, de acordo com Bazzo (2020), uma variável sociolinguística somente é compreendida para além de sua ocorrência na estrutura linguística, podendo ser definida como um indicador quando traços linguísticos se ligam a grupos socioeconômicos, etários e étnicos, e não recebem julgamentos sociais dos falantes; ou como um marcador sociolinguístico, quando o traço linguístico apresenta estratificação social e estilística; ou ainda como um estereótipo, quando “[...] um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social explícita” (LABOV, 2008, p. 287).

A seguir, apresentamos a carta linguística 84. É possível observar o retroflexo, o tepe, a vibrante múltipla e a fricativa velar.

**Figura 6:** Carta Linguística – TARDE – vibrante em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 167)

Conforme a distribuição areal dos dados, é possível observar a concentração da variante retroflexa em todos os pontos, registrando uso maior que 50%. Na

sequência, há o registro do tepe e da vibrante, variantes que apontam usos na maioria dos pontos. Conforme dados dessa realidade, consideramos que há, na região Oeste, uma porcentagem de falantes advindos das regiões Norte e Noroeste do Paraná e de diferentes regiões do Brasil. As ocorrências estão atreladas a outros fenômenos que colaboram para que o falar seja assim encontrado nas localidades, tais como idade, escolaridade e gênero.

Para Brandão (1991), por meio da fala, o sujeito transmite, além da mensagem contida em seu discurso, dados que permitem ao interlocutor reconhecer seu estilo pessoal – seu idioleto<sup>10</sup> –, também filiá-lo a determinado grupo, a uma comunidade linguística, visto que a linguagem está ligada a fatores linguísticos e extralinguísticos representativos na fala de cada sujeito. Brandão (1991) ressalta, em suas pesquisas, que a variante retroflexa já foi apontada como um dos fones típicos do dialeto caipira e, por isso, estigmatizado em muitas regiões, o qual teria se irradiado de São Paulo para as áreas desbravadas pelos bandeirantes. Neste viés, para Aguilera (2008) “[...] o /r/ em coda silábica é o fonema com possibilidade de se realizar com o maior número de variantes no português do Brasil, principalmente quando se consideram as dimensões diatópico-regionais” (AGUILERA, 2008, p. 1).

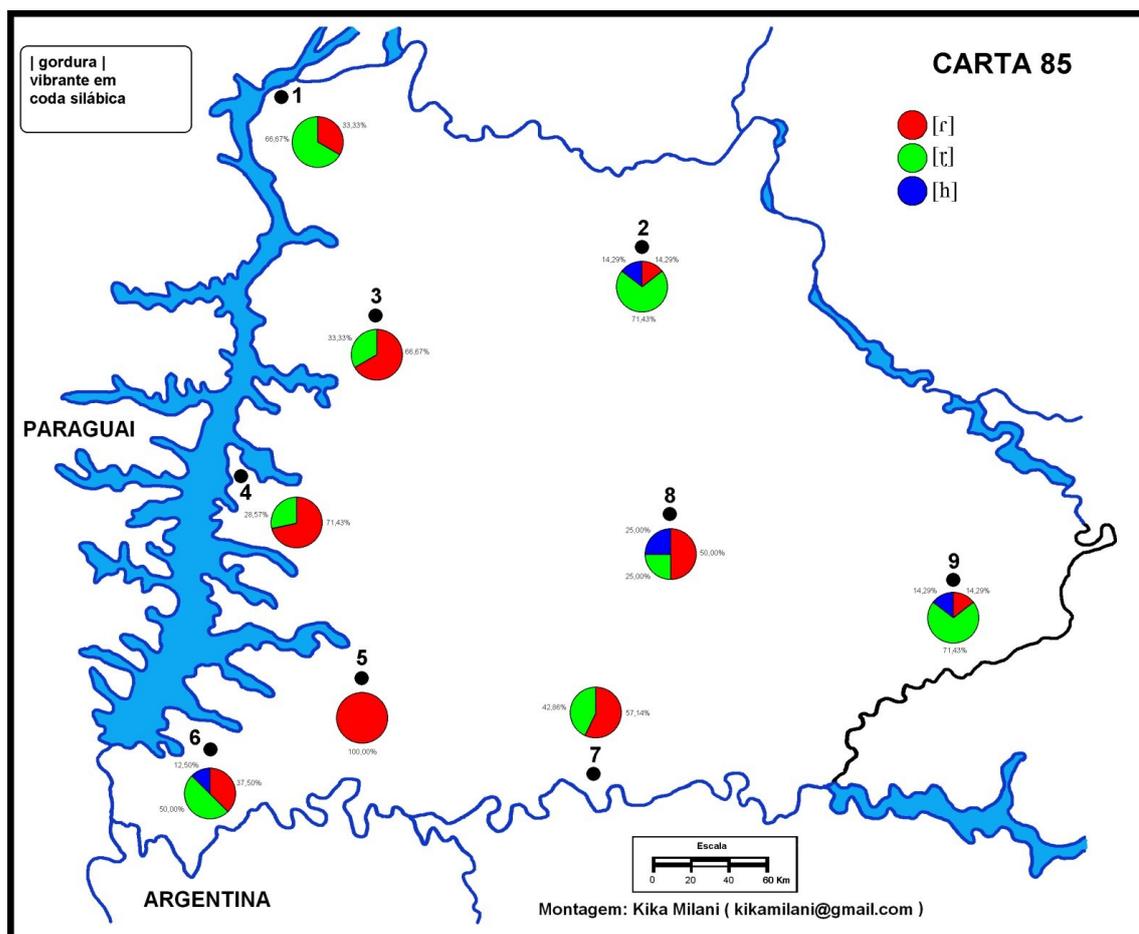
Em TARDE, como já mencionado, de acordo com os estudos de Busse (2010), a variante retroflexa ocorre nos pontos que registram a presença de grupos de outras regiões do Brasil (Sudeste e Nordeste) e do Paraná (Centro-Oeste e Norte), como: 1 (Guaíra), 2 (Assis Chateaubriand), 6 (Santa Terezinha de Itaipu), 8 (Cascavel) e 9 (Guaraniaçu). Nas demais localidades, como nos pontos 3 (Marechal Cândido Rondon), 4 (Santa Helena) e 7 (Capitão Leônidas Marques), comunidades representativas dos colonos sulistas, a retroflexa coocorre com o tepe ou a vibrante múltipla. O ponto 5 (Medianeira) registra o predomínio do tepe.

A seguir, na carta 85, temos o registro das variantes para a vibrante em coda silábica, em GORDURA. É possível observar o tepe, retroflexo e a fricativa velar.

---

<sup>10</sup> Conforme Dubois *et al.* (1991, p. 329), “conjunto de usos de uma língua própria de um indivíduo, num momento determinado”.

Figura 7: Carta Linguística – GORDURA – vibrante em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 168)

Na dimensão diatópica, conforme os dados apresentados, o tepe chega a assinalar 100% no ponto 5 (Medianeira) para GORDURA. Conforme indicam estudos prévios, o uso significativo do tepe, pode estar ligado ao fato de que, nessa região há a presença de colonos sulistas, fato que contribui para uma linguagem homogênea.

Conforme dados coletados por Busse (2010), sobre a formação de Medianeira,

[...] a população, que inicialmente era formada quase que exclusivamente de gaúchos e catarinenses, passou a receber as migrações do Norte do estado, de onde procediam os nortistas, e, assim, formou-se aos poucos uma rica etnia com pessoas das mais diversas origens, predominando os descendentes de italianos e alemães (BUSSE, 2010, p. 111).

A formação histórica de Medianeira advinda da colonização pode se tornar um importante elemento para que a linguagem passe por mudanças ou resista a essas alterações. Nesse sentido, Medianeira apresentou um índice que revela um grupo conservador da linguagem, com o uso do tepe, porém, esse percentual não foi

significativo, a ponto de definir se a linguagem nessa localidade registra mudança em curso ou manutenção dos traços linguísticos, pois não apresenta a mesma realidade para as demais ocorrências analisadas na pesquisa.

Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2007), em posição pós-vocálica, como em GORDURA, pode ocorrer o predomínio do r-fraco, ou seja, o tepe, contexto observado principalmente em dialetos do Sul.

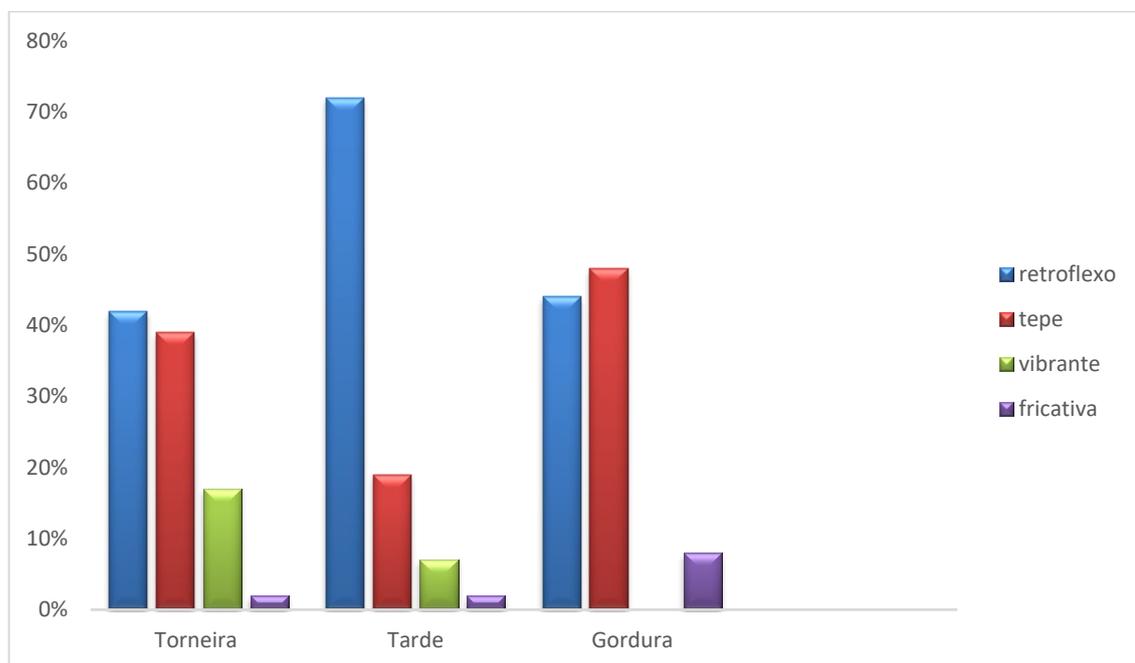
De forma geral, os índices observados nesta recolha vibrante em coda silábica são similares, não sendo possível delimitar essa realidade no que se refere à inovação e manutenção linguística, no entanto, é possível verificar que uma percentagem utiliza as novas formas linguísticas, o uso da variante retroflexa, pois registra uso significativo. É pertinente destacar que o contato que os informantes mantêm, ao longo do tempo, contribui para a busca de formas inovadoras da língua.

Busse (2010), Costa (2011), Brod (2014) e Galli (2016) destacam que a variante retroflexa marca a fala geograficamente: por exemplo, o retroflexo, que é mais frequente em São Paulo e Minas Gerais, há pouco tempo era estigmatizado por muitos falantes, porém, passou a representar algumas parcelas da população; assim, seu uso se tornou recorrente. Diante disso, conforme Brandão (1991), a linguagem conduz o sujeito a novas experiências, podendo enriquecê-lo, permitindo a ele a inserção em um universo maior, como garantia de sua identidade cultural.

Aguilera e Silva (2011) e Silva (2012) têm apontado uma mudança de atitude linguística diante da variante retroflexa, com o ganho de *status* mais positivo em algumas comunidades em que é realizada; o fato está nas relações econômicas. Conforme ressaltam Aguilera e Silva (2011), o indivíduo que utiliza a linguagem retroflexa muitas vezes é conhecido na comunidade, é proprietário de bens, participante de rodeios, assim, procura demonstrar que essa variante não lhe conduz a nenhuma dificuldade, de maneira que, para um público mais jovem, a variante estaria relacionada à imagem de celebridades da televisão e à ascensão dos cantores de música sertaneja. Assim, é possível observar que o sertanejo pode ser um exemplo de disseminação da variante rótica, pois neste meio, a variante não é vista com preconceito, e sim, com prestígio, uma vez que representa uma classe que se destaca financeiramente na sociedade.

A seguir, apresentamos o Gráfico 2, com os dados gerais das variantes realizadas pelos informantes:

**Gráfico 2:** Distribuição dos róticos em coda silábica – TORNEIRA/TARDE/GORDURA



Fonte: Elaborado pela autora

A variante retroflexa apresentou vitalidade, somando percentagens acima de 70%, distribuída nos 9 pontos da coleta de dados, conforme dados das Figuras 5, 6 e 7, a variante é considerada nova na região, devido aos movimentos de colonização. O tepe aparece na sequência, com uma percentagem considerável, registrando percentual na maioria dos pontos analisados. As demais variantes, vibrante múltipla e fricativa velar assinalam usos, porém, em menores proporções.

Para Busse (2010), o registro de uma ou outra variante vai além da dimensão geográfica; está atrelada às dimensões sociais, como faixa etária, nível de escolaridade e sexo. Foi possível observar que o registro da variante retroflexa fica restrito a alguns grupos, assim, essa variante pode ser caracterizada por sua produção no interior da dimensão linguística, a partir do ambiente fonológico, apontando uma mudança linguística em curso. E, na medida que é considerada uma forma nova, perde seu estereótipo de caipira, já que está presente na academia e na mídia, seja pela proximidade entre falantes de outras localidades, seja pela motivação linguística.

Ainda, para Busse (2010), a variante retroflexa ocorre nos pontos que registram a presença de grupos de outras regiões do Brasil (Sudeste e Nordeste) e do Paraná (Noroeste, Centro-Oeste e Norte), como: 1 (Guaíra), 2 (Assis Chateaubriand), 6 (Santa Terezinha de Itaipu), 8 (Cascavel) e 9 (Guaraniaçu). Nos pontos 3 (Marechal Cândido Rondon), 4 (Santa Helena) e 7 (Capitão Leônidas Marques), comunidades representativas da presença dos colonos sulistas, a variante retroflexa coocorre com o tepe ou a vibrante múltipla, apresentando, na sua formação histórica, presença predominante de grupos de diferentes regiões paranaenses, fatos que contribuem para que o falar seja dissemelhante nessas áreas.

O perfil da região Oeste demonstra que a língua caminha para a mudança linguística, já que a variante retroflexa está em destaque nesta recolha de dados. Nas perspectivas de Brandão (1991), o retroflexo foi apontado, há pouco tempo, como um dos fones do dialeto caipira, porém, fatores de ordem social e econômica mudaram essa visão, passando a variante a se dissipar por diversas regiões do país.

Estudos anteriores que analisam a variante retroflexa desde sua origem, como mencionado por Silva (2016), consideram que o retroflexo teve origem do contato entre o tupi e a língua portuguesa onde, hoje, há o estado de São Paulo, e se espalhou pelas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste a partir da incursão das Bandeiras pelo Brasil, assim, a variante é considerada antiga na linguagem cotidiana, muitas vezes estigmatizada por algumas comunidades, porém atualmente este uso têm apontado uma mudança de atitude linguística; com o ganho de *status* mais positivo em algumas comunidades em que é realizada, o fato pode estar atrelado as relações econômicas. Conforme Aguilera e Silva (2011), indivíduos que possuem uma condição financeira consolidada, proprietário de terras e bens que ele faz questão de exibir esta variante em seu cotidiano.

A distribuição diatópica e sociocultural das ocorrências pode se somar aos demais fenômenos para delimitar áreas em que os dados indicam maior homogeneidade dos traços linguísticos e áreas mais heterogêneas.

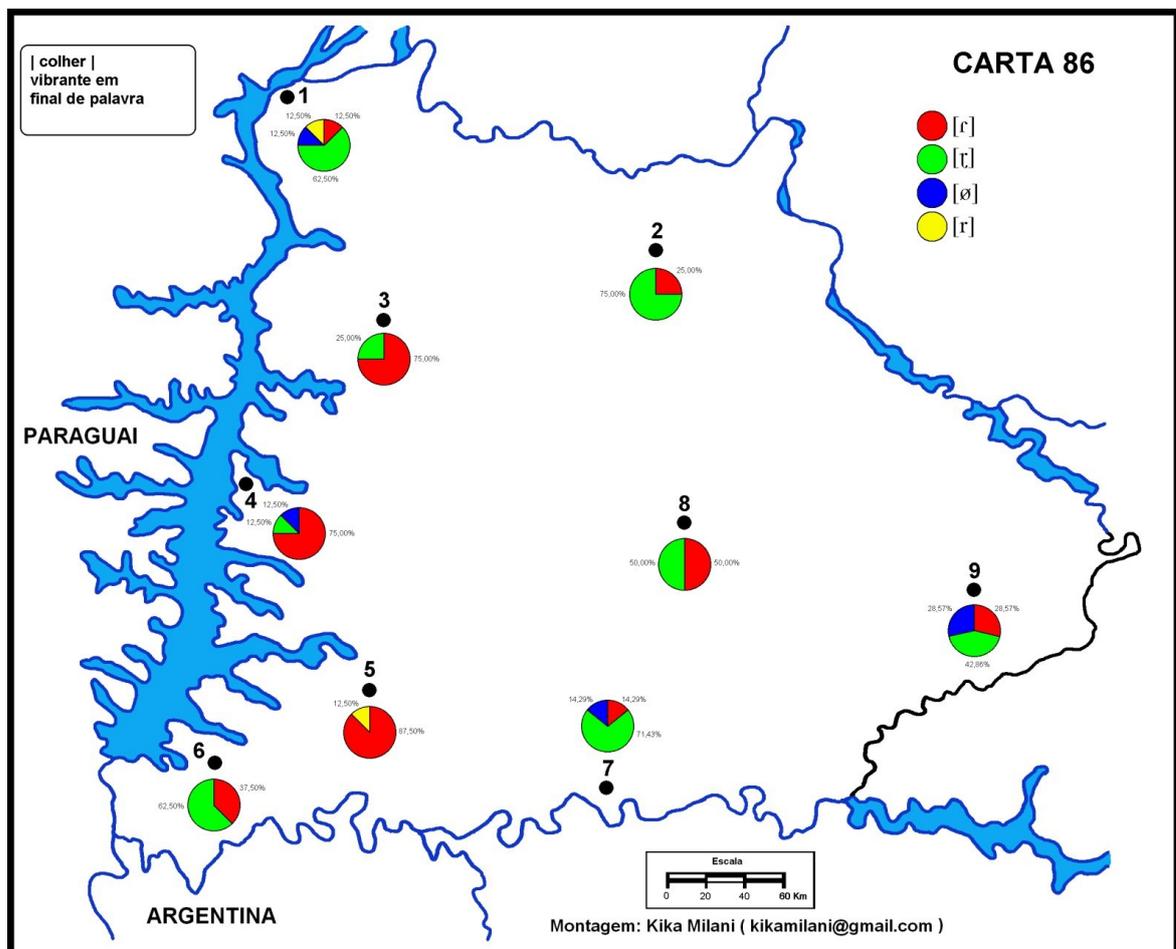
### 5.1.3 Variantes para os róticos em coda silábica final

Apresentamos, a seguir, as cartas linguísticas referentes aos dados diatópicos das variantes para os róticos em final de palavra. Os dados advêm das cartas

linguísticas n.º 86, para COLHER, n.º 87, para MULHER, n.º 88, para TRABALHAR e n.º 89, para LIQUIDIFICADOR. Para obter as respostas de acordo com os objetivos da pesquisa, as perguntas foram as seguintes: COLHER (A carne se come de garfo e faca. E a sopa, como que se toma? O que é que se usa para tomar a sopa?); MULHER (E Eva foi a primeira \_\_\_\_\_?); TRABALHAR (Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?); LIQUIDIFICADOR (... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco e etc?).

Conforme dados da carta linguística 86, foi possível identificar as variantes tepe, retroflexo, vibrante múltipla e uma percentagem que não utilizou nenhuma variante.

**Figura 8:** Carta Linguística – COLHER – vibrante em final de palavra



Fonte: Busse (2010, p. 170)

Conforme os dados apresentados na Figura 8, é possível verificar a concentração da variante tepe, registrando maiores percentagens nos pontos 2 (Assis

Chateaubriand), 4 (Santa Helena), 5 (Medianeira), 6 (Santa Terezinha do Itaipu) e 9 (Guaraniaçu).

Nas demais localidades, há o registro em menores proporções; constatamos o uso da vibrante, registrado em apenas duas localidades: 1 (Guaíra) e 5 (Medianeira). A realidade dos dados indica que a linguagem se mostra conservadora; os dados para a variante tepe permitem descrever que há, na região, uma faixa mais contínua e homogênea, traduzindo, assim, o roteiro de povoamento da Região. Além disso, o tepe apresenta vitalidade nas localidades em que se formam núcleos sulistas (BUSSE, 2010). A variante pode ser descrita pela condição geográfica e sociocultural de realização: “(i) a vibrante alveolar surda, no falar gaúcho; (ii) a fricativa velar surda, no Sudeste do país; (iii) o tepe, na fala de descendentes alemães e italianos do Sul do Brasil” (BUSSE, 2010, p. 182).

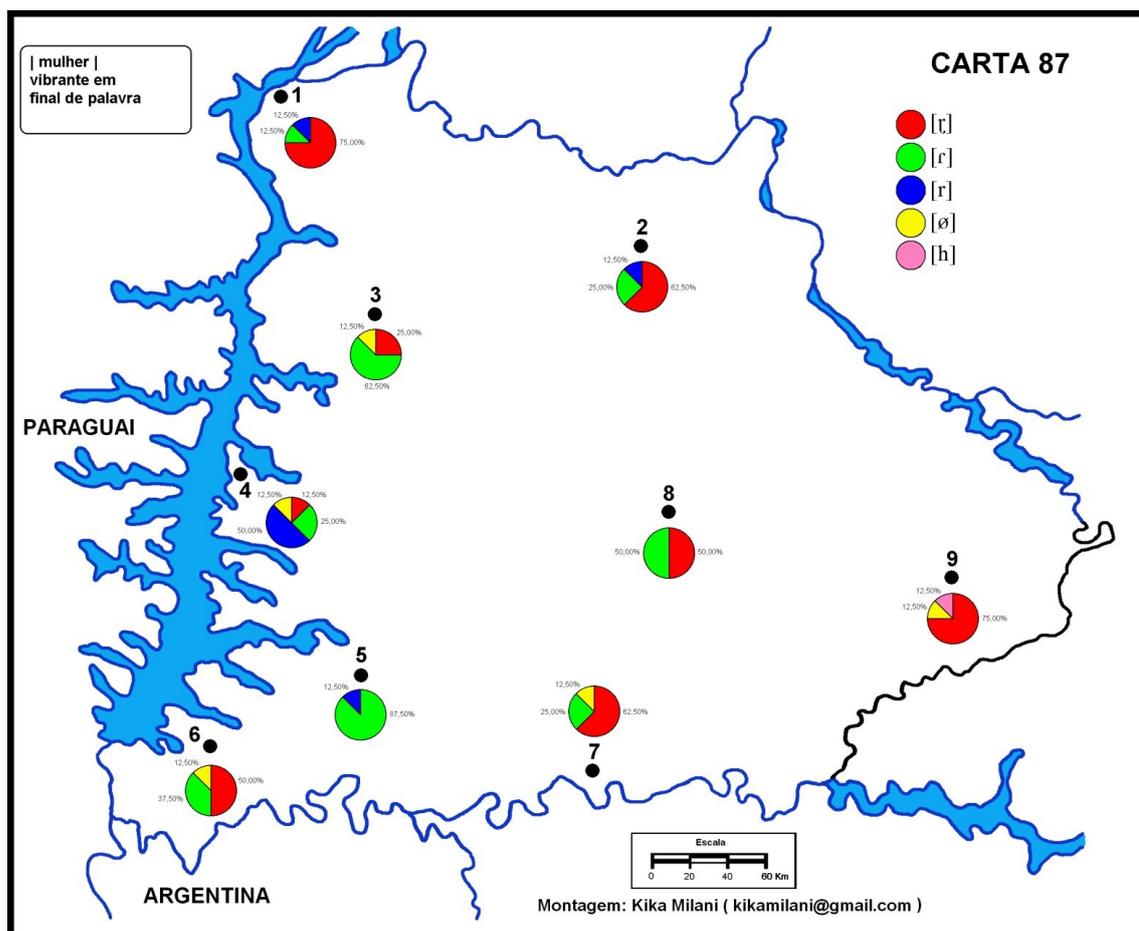
De acordo com as proposições de Margotti (2004), nos dialetos italianos falados pelos imigrantes que se instalaram no Sul do Brasil, não há a vibrante múltipla, pois, a influência do italiano no português faz com que “os falantes bilíngues português-italiano, ou mesmo falantes monolíngues nas áreas de contato do português com o italiano, usem [r] fraco (tepe) em lugar de [r] forte (vibrante ou fricativa). O mesmo fenômeno ocorre entre os falantes descendentes de alemães” (MARGOTTI, 2004, p. 10).

Cristófaros-Silva (2009) ressalta que o tepe ocorre em todos os dialetos da língua portuguesa, em posição intervocálica, principalmente em dialetos do Sul, devido aos movimentos de colonização de cada região.

Na sequência, verificamos o registro do retroflexo em todos os pontos da pesquisa, com exceção do ponto 5 (Medianeira). Os dados demonstram que há, na região, traços que contribuem para que a linguagem percorra um processo de mudança linguística. Para Busse (2010), a retroflexa pode ser caracterizada pela sua produção no interior da dimensão linguística, a partir do ambiente fonológico. Não deixando de mencionar uma pequena percentagem, 9% não utilizaram nenhuma das variantes relatadas.

Conforme dados da carta 87, para MULHER, foram registradas as seguintes variantes: retroflexo, tepe, vibrante múltipla, fricativa velar e uma percentagem que não utilizou nenhuma variante.

**Figura 9:** Carta Linguística – MULHER – vibrante em final de palavra



Fonte: Busse (2010, p. 171)

A distribuição areal dos dados registra concentração do tepe, apresentando percentagem significativa em todos os pontos, ausência dessa variante somente em um ponto: 9 (Guariaçu). Juntamente aos dados, encontra-se a vibrante, registrada em 4 pontos: 1 (Guaíra), 2 (Assis Chateaubriand), 4 (Santa Helena) e 5 (Medianeira).

A realidade dos dados aponta que há uma percentagem significativa de informantes que procuram manter os traços linguísticos, conservando-os. Busse (2010) ressalta que a vibrante simples ou tepe tem predominância nos locais em que se formam os núcleos sulistas: 5 (Medianeira), com a presença de descendentes de italianos; 4 (Santa Helena), com descendentes de italianos e alemães; 3 (Marechal Cândido Rondon), com descendentes de alemães. Ainda para a estudiosa,

[...] além da forte presença de gaúchos e catarinenses, a localidade está muito próxima de municípios da região sudoeste do Paraná, em que, conforme as cartas do ALPR (AGUILERA, 1994) e do ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), há uma grande incidência da variante (BUSSE, 2010, p. 176).

Diante disso, observamos que o registro do retroflexo é significativo, não indica uso apenas em um ponto, 5 (Medianeira), resultados que demonstram mudança linguística em curso.

Retomando as considerações de alguns estudiosos sobre a retroflexão, Amaral (1920), Brandão (1991), Rezende (2005) e Lima (2013) ressaltam, em suas pesquisas, que o registro dessa variante ocorre em muitos contextos devido às semelhanças fonéticas entre [l] e [r]; como mostrou Head (1987), permitem a esses fonemas serem permutados em alguns contextos, como no caso dos grupos consonantais. Assim, inferimos que nem sempre o falante opta por uma ou outra forma linguística, ocorrendo de maneira espontânea.

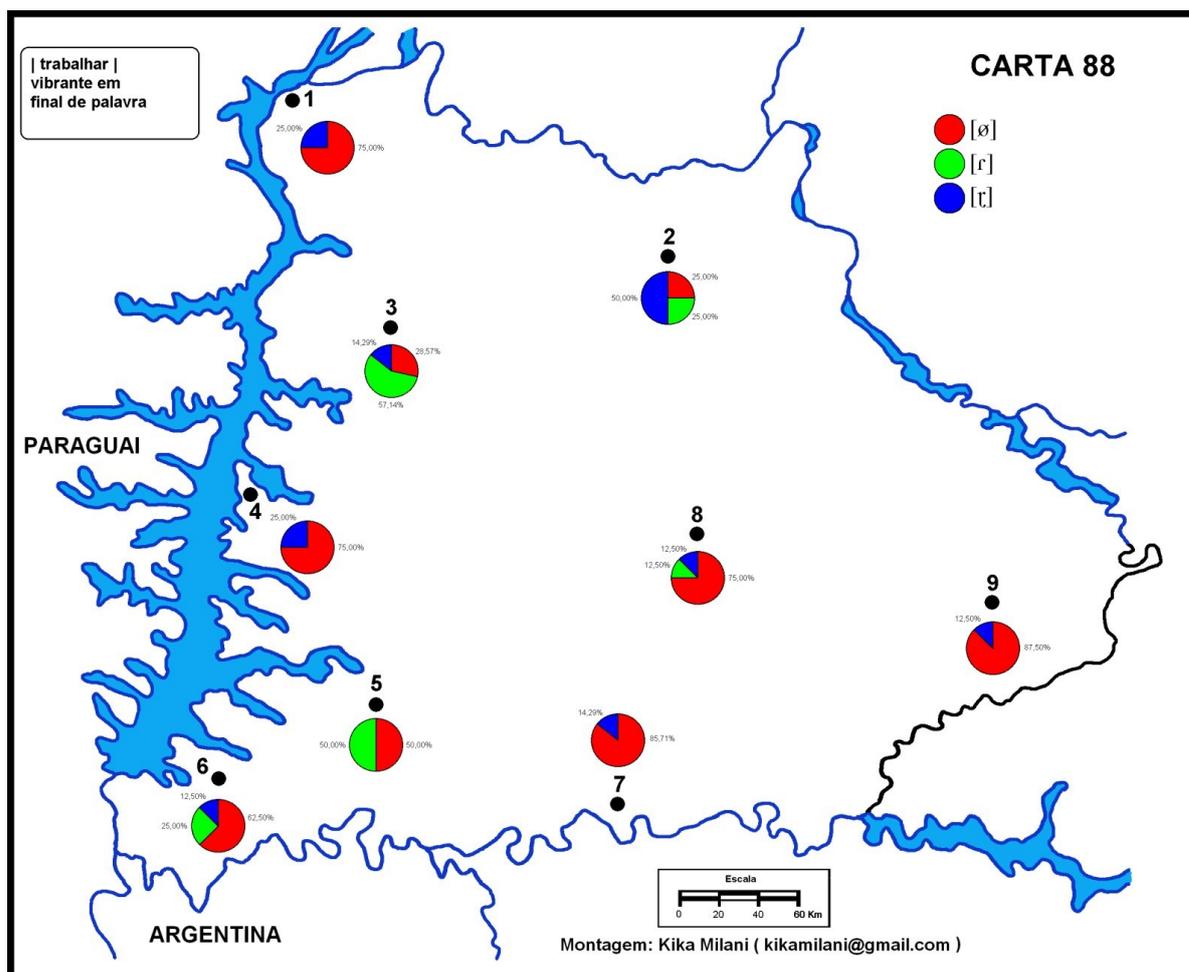
Mollica e Paiva (1991) pesquisaram as restrições estruturais atuantes na relação [l] - [r] e [r] - [o] em grupos consonantais em português. As autoras investigaram no português falado no Rio de Janeiro dois processos de variação: a alternância entre [l]-[r] e a supressão de [r], ambos em grupos consonantais formados por consoantes oclusivas ou fricativas seguidas de líquidas. A pesquisa buscou saber se constituem fenômenos independentes ou relacionados entre si e, também, verificar se os resultados de dados sincrônicos convergem com observações diacrônicas sobre mudanças ocorridas nos grupos consonantais.

De acordo com o que as autoras constataram, nas palavras em que ocorre outro segmento líquido, seja [l] ou [r], há maior chance de alteração (l - r e r - o), e esse fenômeno, segundo elas, é constatado por meio de estudos diacrônicos sobre o português. Ao verificar o modo de articulação e a sonoridade da consoante base do grupo consonantal, dado que alguns estudos têm mostrado que segmentos mais fortes (obstruintes surdas) tendem a enfraquecer foneticamente segmentos circunvizinhos, as autoras detectaram que os segmentos oclusivos e os surdos favorecem o enfraquecimento das líquidas, enquanto os fricativos e sonoros o inibem.

Há ainda, para essa realidade, o registro dos dados na carta linguística, mostrando uma pequena percentagem, somando 5% que não utilizaram nenhuma das variantes descritas e apenas 4% registraram a variante fricativa.

Na sequência, apresentamos os dados da carta 88, para TRABALHAR, em que observamos a seguinte realidade: retroflexo, tepe e uma percentagem que não utilizou nenhuma variante.

**Figura 10:** Carta Linguística – TRABALHAR – vibrante em final de palavra



Fonte: Busse (2010, p. 172)

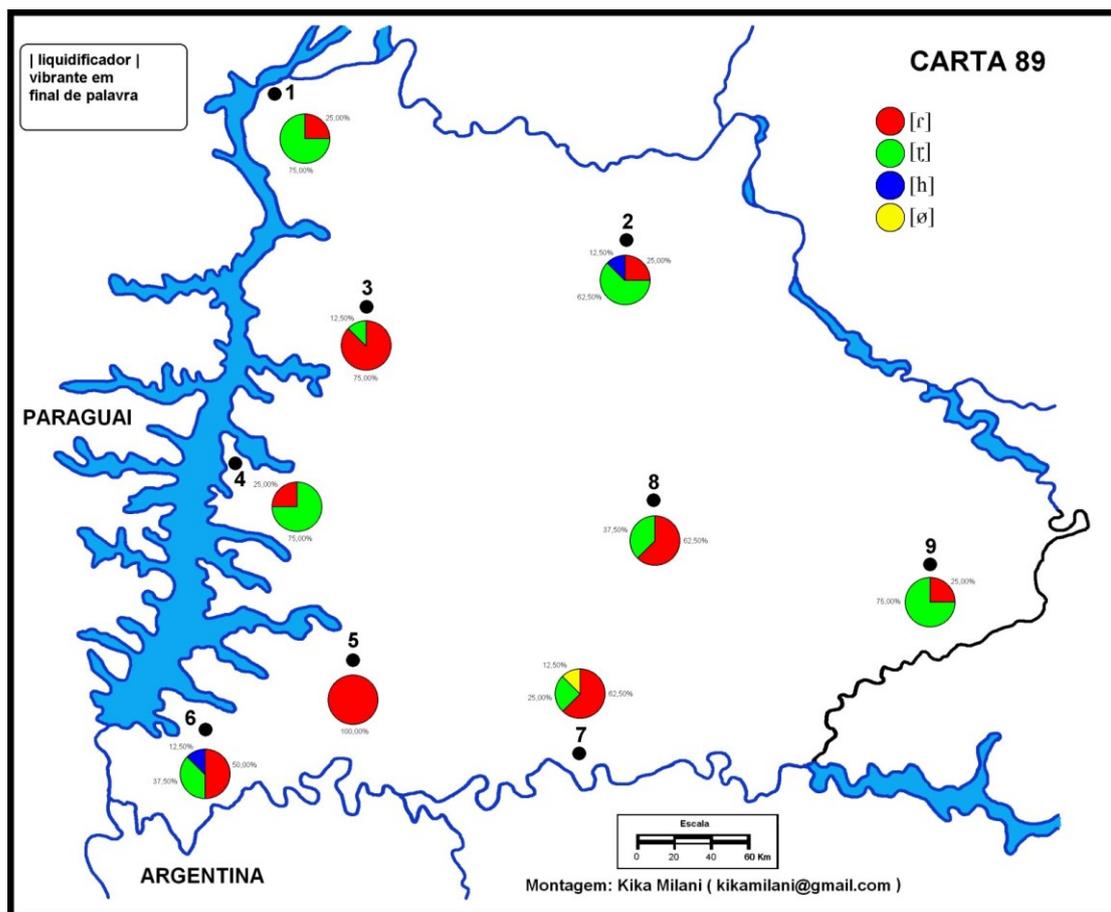
Em termos diatópicos, os dados registram uma percentagem significativa que não utiliza nenhuma variante para esta realidade. Na sequência, observamos a variante tepe, com 18%, e o retroflexo, também com 18%. Esses registros demonstram que, para esse termo, outros fatores estão ligados, por exemplo: extensão da palavra, tonicidade, e fatores socioculturais (dimensão diastrática, diassexual e diageracional), os quais serão descritos na próxima seção. Em síntese, conforme aponta Busse (2010), os dados demonstraram que, em comunidades representativas dos colonos sulistas, a retroflexa coocorre com o tepe.

Verificamos que as regiões que registram transição entre uma variante e outra têm em sua formação uma heterogeneidade étnica, como Cascavel e Guaraniáçu, pois há, na formação histórica dessas localidades, a presença de paulistas, mineiros, baianos e paranaenses de outras áreas do estado, que vieram para trabalhar como

peões nas fazendas, resultando, assim, na alternância da linguagem nesses contextos (BUSSE, 2010).

A seguir, os dados da carta 89, para LIQUIDIFICADOR, apresentaram a seguinte realidade: tepe, retroflexo, fricativa velar e uma percentagem que não fez uso de nenhuma variante.

**Figura 11:** Carta Linguística – LIQUIDIFICADOR – vibrante em final de palavra



Fonte: Busse (2010, p. 173)

A distribuição areal dos dados registra concentração para a variante tepe, assinalando vitalidade no ponto 5 (Medianeira) e, próxima à mesma percentagem, o ponto 3 (Marechal Cândido Rondon), demonstrando, assim, manutenção dos traços linguísticos na maioria dos pontos utilizados para a seleção de dados.

Observamos, na sequência, a variante retroflexa, apresentando 40% de usos entre os informantes, demonstrando concentração em alguns pontos: 1 (Guaíra), 4 (Santa Helena), 9 (Guaraniaçu), revelando que o contato que os informantes mantêm estão caminhando para a inovação linguística. A variante fricativa também registra

uso, porém, pouco significativo (7%) e uma pequena parcela dos que não optaram por nenhuma variante, registrando 4%. Com base nesses resultados, os dados das cartas linguísticas propiciam inferir que a variante retroflexa e tepe ocorrem como variantes diatópicas, atreladas à colonização, fatores socioculturais e históricos de cada região. Busse (2010) destaca, em sua pesquisa:

Os dados registrados nas cartas revelam duas áreas de maior concentração quanto ao fenômeno descrito, que são o tepe, a vibrante alveolar surda e a retroflexa, traduzindo, assim, o roteiro de povoamento da Região. No Extremo Oeste, a presença de descendentes alemães e italianos, tendo Marechal Cândido Rondon e Toledo como núcleos de povoamento, e no ponto mais a nordeste da região, a presença de paranaenses do Norte e Noroeste, além de paulistas, mineiros e baianos. As demais áreas, que registram a transição entre uma variante e outra, têm em sua formação uma heterogeneidade étnica, como Cascavel e Guaraniáçu, com a presença de paulistas, mineiros, baianos e paranaenses de outras áreas do estado, que vieram para trabalhar como peões nas fazendas (BUSSE, 2010, p. 89-90).

Assim, a língua portuguesa falada em todo o território brasileiro adquire os tons de cada região, podendo ser condicionada à mistura de culturas e aos espaços pelos quais penetra ou estaciona por uma área, expondo toda a complexidade e dinamicidade da fala.

Diante disso, de acordo com Coseriu (1998), na língua real e na língua falada, “coincidem o sistemático, o cultural, o social e o histórico” (COSERIU, 1998, p. 62). Ou seja, a língua está condicionada a fatores, que não só linguísticos, mas, históricos, sociais e cultural.

Para Busse (2010), o falante assume um papel como “indivíduo histórico” na realização da fala, pois, a partir da sua ‘liberdade linguística’ e da tradição linguística da comunidade, recria e renova a história da própria língua. Nessa perspectiva, Coseriu (1998) destaca:

[...] todo ato de fala, sendo ao mesmo tempo histórico e livre, tem uma extremidade ancorada em sua necessidade histórica, em sua condição historicamente necessária – que é a língua –, e outra extremidade que aponta para uma finalidade significativa inédita e que, portanto, vai mais além da língua já estabelecida (COSERIU, 1998, p. 47-48).

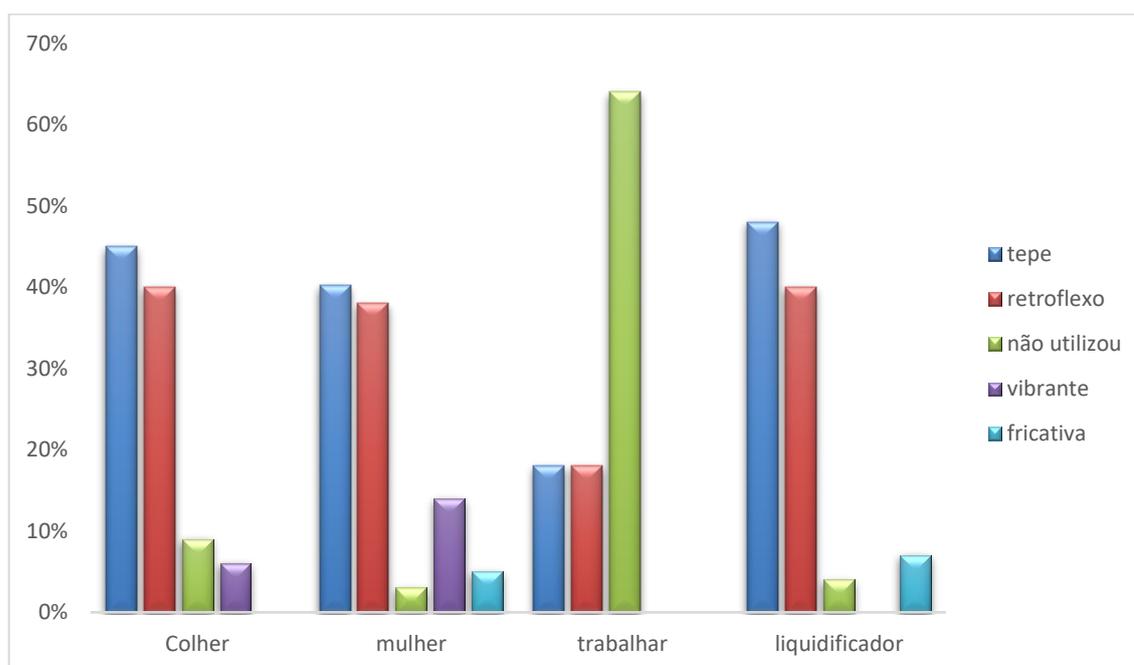
Assim, os dados mostram que, na fala estão atreladas condições não só linguísticas momentâneas, mas distintas condições de realização que com o passar do tempo, adquire tons característicos de cada região, com intuito de possibilitar a um

conjunto de dimensões que orientam cada situação comunicativa para não ficar à mercê apenas da língua, mas do conjunto social e histórico que abarca a comunidade.

Em suma, conforme destaca Busse (2010), o atravessamento étnico-cultural na fala acaba por delinear a formação de áreas e subáreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que refletem a cultura dos grupos que primeiro ocuparam os espaços e deixaram a constituição de uma identidade que se insinua na língua.

A seguir, apresentamos o Gráfico 3, com os dados gerais da distribuição para os róticos em coda silábica final:

**Gráfico 3:** Distribuição dos róticos em coda silábica final – COLHER/MULHER/TRABALHAR/LIQUIDIFICADOR



Fonte: Elaborado pela autora

O conjunto geral dos dados registrados para distribuição dos róticos em final de palavra em COLHER, MULHER, TRABALHAR e LIQUIDIFICADOR registraram vitalidade para a variante tepe, dados que podem ser tomados como indicadores dos movimentos das variantes nas regiões, apontando para a formação de áreas de manutenção linguística.

Em conformidade com Busse (2010), há, nestes locais em que a variante tepe foi significativa, a mistura de povos, como a dos descendentes de alemães, em

Marechal Cândido Rondon e Santa Helena, e de italianos, em Medianeira e Santa Terezinha de Itaipu, foi possível observar nos dados colhidos, a implementação e a adoção de alguns fenômenos distintos daqueles presentes na fala de origem dos colonizadores, ou seja, esses falantes conservam a linguagem histórica de sua região. Conforme já mencionado, de acordo com as perspectivas de Margotti (2004),

[...] nos dialetos italianos falados pelos imigrantes que se instalaram no Sul do Brasil, não há a vibrante múltipla, e a influência do italiano no português faz com que “os falantes bilíngues português-italiano, ou mesmo falantes monolíngues nas áreas de contato do português com o italiano”, usem [r] fraco (tepe) em lugar de [r] forte (vibrante ou fricativa). O mesmo fenômeno ocorre entre os falantes descendentes de alemães (MARGOTTI, 2004, p. 10).

Dessa maneira, considerando o processo de colonização de cada região, o propósito do estudo de Busse (2010) constata que a vibrante simples ou tepe é registrada com intensidade nas localidades em que se formaram os núcleos sulistas e a variante retroflexa ocorre nos pontos que registram a presença de grupos de outras regiões do Brasil (Sudeste e Nordeste) e do Paraná (Centro-Oeste e Norte).

Assim, confirmamos que os movimentos de colonização dos colonos sulistas na década de 1960, e de outros grupos a partir da década de 1970, podem ser apontados como responsáveis pelo polimorfismo na fala paranaense, com destaque para áreas de maior conservação e formação de ilhas linguísticas, conforme estudos de Aguilera (1994), Mercer (1993), Rodrigues (2007) e Altino (2007) (BUSSE, 2010).

## 5.2 OS DADOS NA DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

Incorporamos à descrição areal da variação os dados socioculturais, foi possível indicar que as dimensões diassexual, diageracional e diastrática estão correlacionadas às perspectivas linguísticas, visto que o falante registra no falar as marcas do tempo, do espaço e das condições sociais e culturais em que está inserido.

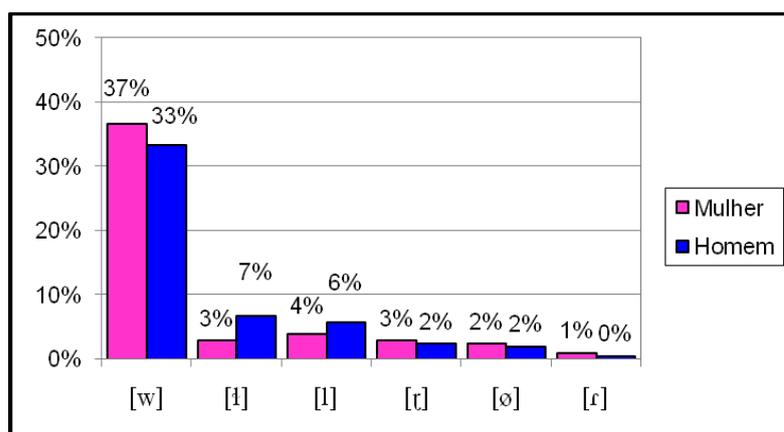
### 5.2.1 Registros das variantes para a lateral alveolar – dimensão sociocultural

Apresentamos, nesta subseção, os índices referentes às dimensões socioculturais da variante lateral em coda silábica.

Segundo Brandão (1991), é de extrema relevância a inclusão de critérios para a seleção de informantes, como as variáveis sexo, idade, nível de instrução e situação socioeconômica. Esses fatores são determinantes para “que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos” (BRANDÃO, 1991, p. 26).

Assim, com base nos dados apontados pelas dimensões socioculturais desta pesquisa, podemos ter um panorama da linguagem, identificando os traços linguísticos em distintos grupos (diassexual, diageracional e diastrático), observando que tais fatores contribuem para conservar ou inovar a linguagem, já que os aspectos estão atrelados ao contexto sócio-histórico do sujeito. Os dados estão descritos nos gráficos a seguir.

**Gráfico 4:** Dimensão diassexual – lateral alveolar em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 180)

A partir dos dados expostos no Gráfico 4, observamos que as variantes para a lateral alveolar em coda silábica na dimensão diastrática ocorre de forma equilibrada na fala de homens e mulheres; se somadas as porcentagens, a variante vocalizada apresenta 70% das ocorrências, predominando em ambos os sexos. É possível constatar, por meio dos dados, que, entre os homens, as ocorrências da lateral alveolar e da variante velarizada apresentam maior número de registros, porém, a diferença está em proporções pequenas. As demais variantes apresentam percentuais baixos, se comparados à variante que predomina neste contexto. Dessa maneira, a realidade linguística, de acordo com a dimensão diassexual, para as

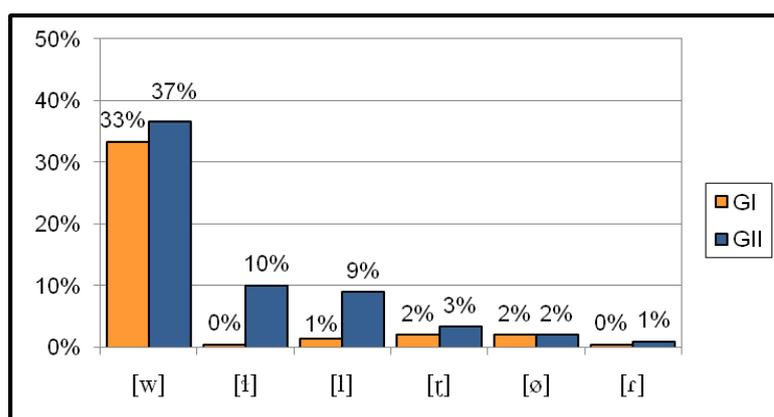
ocorrências analisadas, pode indicar que as variantes se encontram em estágio de implementação nas localidades.

Os resultados evidenciam que há, na língua, variedades que acenam para um panorama em que se exteriorizam na unidade as diversidades regionais e culturais refletidas no âmbito da linguagem. Para Hora (2009), a produtividade de substituições das líquidas está presente desde a fase de aquisição linguística. Os contextos silábicos e o contexto precedente favorecem a coexistência dos três fenômenos, no entanto, a vocalização é a variante mais utilizada pelos falantes (GALLI, 2016).

Assim, de acordo com estudos anteriores, a variação da lateral alveolar ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto linguísticos. Tasca (2002) aponta que a variação da lateral em posição final de sílaba é descrita em muitas línguas, não se trata, portanto, de um fenômeno exclusivamente presente no português brasileiro, os resultados revelam que a realização da lateral alveolar muito se assemelha à vogal em que ocorre a troca. Mediante essas constatações, os dados das dimensões socioculturais contribuem para identificar os grupos mais representativos no registro das variantes em cada região.

A seguir, no Gráfico 5, são apresentados os dados registrados na dimensão diageracional.

**Gráfico 5:** Dimensão diageracional – lateral alveolar em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 180)

Conforme o Gráfico 5, encontramos a mesma realidade com relação à variante vocalizada, na fala dos mais jovens GI (18-35 anos) e na fala dos mais velhos GII (45 a 65 anos); ambos somam 70% de uso dessa variante na fala. A lateral alveolar e a

variante velarizada apresentaram diferenças com relação à realização dos fenômenos, entre o falar dos mais velhos e o falar dos mais jovens.

Os falantes da GII apresentaram maior uso, somando 19% entre a lateral e a variante velarizada; já os mais jovens, da GI, somaram apenas 1%, fato que acaba por demonstrar mudança linguística em curso, uma vez que os dados da variante vocalizada considerada uma tendência na fala atual, e a pequena percentagem da retroflexão contribuem para que possamos chegar a essa reflexão.

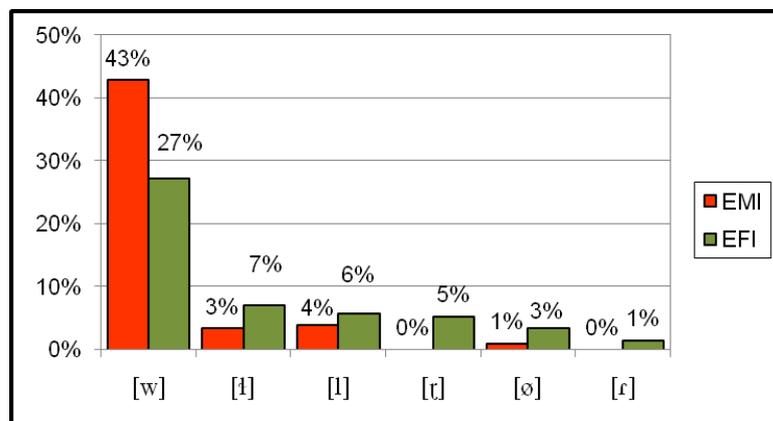
Assim, conforme salienta Mollica (2015), o fator idade é de extrema relevância, quando se quer chegar a um panorama da variação linguística em determinada comunidade, de maneira que não devemos levar em conta apenas o indivíduo, mas o contexto em que o sujeito está inserido, fatores que fazem parte da trajetória desse sujeito (idade, sexo, escolaridade). O falante, portanto, vai atingindo uma faixa etária maior, acessa outras demandas sociais em que a mudança na linguagem necessita acompanhá-lo nesses cenários.

Nesse sentido, conforme destaca Silva-Corvalán (1989), a variável faixa etária pode revelar algumas atitudes com relação à língua, tais como identidade do grupo, atividade do falante na sociedade e mudança em progresso, ou seja, a linguagem está atrelada aos fatores históricos e sociais do falante. Mollica (2015) enfatiza que as variáveis linguísticas e não linguísticas não agem isoladamente, mas atuam em um conjunto de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes, dependendo das relações históricas em que o falante está inserido, visto que a linguagem contribui para a inserção do indivíduo nos grupos sociais.

Vale ressaltar que a faixa etária não pode ser estudada isoladamente, sem correlação com outros fatores ligados ao informante, como escolaridade, sexo, entre outros fatores extralinguísticos, pois contribuem para que o falante modifique seu modo de falar (COELHO, 2021).

Na sequência, observamos o registro da variante tepe, que apresenta percentagens insignificantes de uso, registros praticamente ausentes na fala dos mais jovens.

Os dados referentes à dimensão diastrática, dos informantes com Ensino Fundamental Incompleto e Ensino Médio Incompleto, são apresentados a seguir, no Gráfico 6.

**Gráfico 6:** Dimensão diastrática – lateral alveolar em coda silábica

Fonte: Busse (2010, p. 180)

De acordo com os dados do Gráfico 6, constatamos que a escolaridade apresenta contexto favorável para o uso da variante vocalizada. De acordo com Busse (2010),

[...] quanto mais tempo o falante permanece na escola (Ensino Médio incompleto), maior será o registro de ocorrências da semivogal. Ao contrário, quanto mais baixa a escolaridade (sem escolaridade ou Ensino Fundamental incompleto), menor será a incidência da velar sonora, e maior a ocorrência das demais variantes, entre elas a lateral alveolar sonora e a surda, a queda, a retroflexa e o rotacismo (BUSSE, 2010, p. 206).

Com tal característica, o contato com a escola contribui para que o falar seja considerado dissemelhante em determinada comunidade e, assim, apresente cenário favorável para a inovação linguística.

Nessa perspectiva, de acordo com Mollica (2015), a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas; em alguns casos, o ambiente escolar pode contribuir para que formas de prestígio sejam conservadas, [...] “face a tendências de mudança em curso nessas comunidades” (MOLLICA, 2015, p. 51). Ainda de acordo com Busse (2010), a escola pode orientar o comportamento do falante, para adotar ou resistir às mudanças linguísticas, além disso, dando ao falante a possibilidade de reconhecer as formas prestigiadas ou estigmatizadas socialmente. Votre (2004) destaca as expressões que são socialmente mais prestigiadas, ligadas às situações socioeconômicas dos falantes; opõem-se aos falares dos sujeitos que não desfrutam desses mesmos prestígios, confirmando, dessa maneira, que o falar está ligado a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Tomando o conjunto geral dos dados registrados nas palavras selecionadas para a lateral em coda silábica <MEL>, <PÓLVORA> e <AZUL>, os índices demonstraram vitalidade para a variante vocalizada, esta variante tende a ser adotada em muitas comunidades de fala. Os falantes que frequentam ou frequentaram o ensino médio, mesmo que incompleto, tendem a utilizar mais as novas formas da língua, tendência já apontada em estudos anteriores; os dados demonstram que a linguagem vem caminhando para a inovação.

Mediante esse contexto, Busse (2010) ressalta que as inferências socioculturais auxiliam no reconhecimento dos grupos que mantêm o traço, se este atua na comunidade como uma forma de prestígio e preservação da identidade,

[...] as variantes alveolares sonora e alveolar surda, juntamente com a retroflexa, a queda e o rotacismo, são formas estigmatizadas socialmente. As duas primeiras, por se concentrarem na fala de pessoas mais velhas, residentes na zona rural, com pouca escolaridade (BUSSE, 2010, p. 207).

Seguindo essa mesma constatação, Votre (2004) aponta:

[...] as formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico; ocorrem em contextos mais formais, mais elitizados, entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever (VOTRE, 2004, p. 51).

Desse modo, podemos observar que os resultados para a dimensão diageracional, demonstram que a variante representa valor social à comunidade. Como mencionado por Mollica (2015), no estudo da correlação entre gênero/sexo e a mudança linguística, um aspecto relevante a ser considerado é o valor social da variante inovadora. Nas palavras de Mollica (2015), fundamentada nos estudos de Labov,

[...] as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens. Tal tendência delinea-se, por exemplo, no estudo de Labov (1966), sobre o inglês de Nova York. O autor constata que a pronúncia retroflexa do [r] pós-vocálico, forma inovadora, tende a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres do que na fala dos homens (MOLLICA, 2015, p. 36).

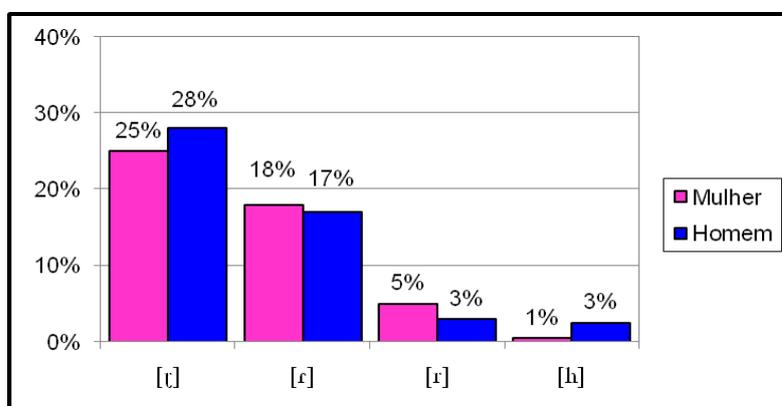
Nesse contexto, um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de forma estigmatizada, infringindo padrões linguísticos vigentes. De acordo com Labov (2008), quando se trata de implementar uma forma prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança para essa mudança; ao contrário, quando se trata de implementação de uma forma que é considerada desprestigiada, as mulheres assumem um papel conservador, ficando a liderança desse processo por conta dos homens.

### 5.2.2 Registros das variantes para os róticos em coda medial na dimensão sociocultural

Nesta subseção, apresentamos os dados referentes às variantes para os róticos em coda medial na dimensão sociocultural, visto que a realização dessas variações tem influência de contextos linguísticos e pelo dialeto em que são produzidos.

Diante disso, com base nos dados apresentados pelas dimensões socioculturais desta pesquisa, podemos ter um panorama da linguagem, identificando os traços linguísticos em diferentes comunidades, pois fatores socioculturais colaboram para a manutenção ou mudança em curso dos traços linguísticos da comunidade de fala, já que tais aspectos estão atrelados ao contexto sócio-histórico do sujeito. Os dados estão descritos a seguir:

**Gráfico 7:** Dimensão diasssexual – vibrante em coda silábica



Fonte: Busse (2010, p. 165)

Conforme os dados apresentados no Gráfico 7, constatamos que há um equilíbrio entre homens e mulheres no uso da variante retroflexa. Os informantes do sexo masculino registram apenas 3% a mais para essa ocorrência, demonstrando uma recorrência da variante em ambos os sexos.

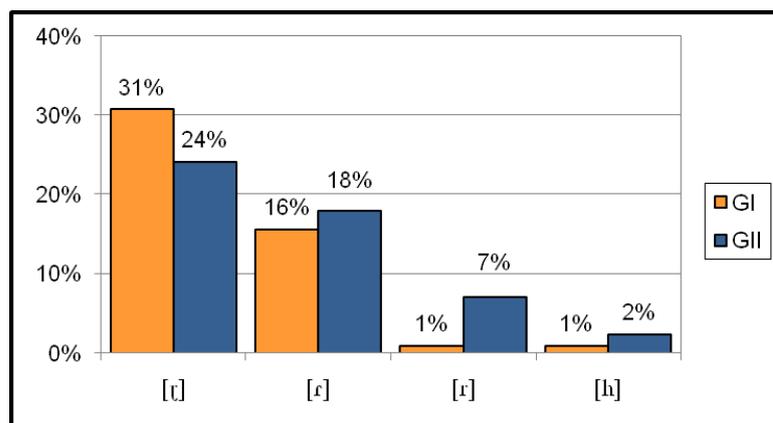
Os dados revelam que há um caminho para inovação linguística para essa realidade; com base em estudos contemporâneos, o retroflexo configura renovação na linguagem, visto que esse modo de falar veio com grupos que migraram para localidades recentemente. De acordo com Busse (2010), as ocorrências da variante retroflexa, além de estarem ligadas às dimensões geográficas, social, em que os registros aparecem em determinadas camadas da comunidade, a variante pode ser caracterizada por sua produção no interior da dimensão linguística, a partir do ambiente fonológico. Retomando a fundamentação teórica, para Head (1987), a origem da vibrante retroflexa pode estar nas propriedades da língua portuguesa, como o ponto e o modo de articulação, e na influência de outros traços que foram incorporados ao português falado no Brasil.

Conforme destaca Trudgill (1974), a fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por essa razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais.

Os dados para o tepe apresentam registro equilibrado entre os informantes, demonstrando, assim, um percentual significativo para a manutenção da variante presente na fala dos grupos de origem da região. As demais variantes (vibrante e fricativa) não apresentaram registros consideráveis.

Nesse sentido, os dados para a realidade tepe revelam o roteiro de povoamento da região, formando uma faixa mais contínua e homogênea. Assim, no Extremo Oeste, a presença de descendentes alemães e italianos, tendo Marechal Cândido Rondon e Toledo como núcleos de povoamento, e, no ponto mais a Nordeste da região, a presença de paranaenses do Norte e Noroeste, além de paulistas, mineiros e baianos, contribuem para a adoção do tepe.

Na sequência, estão os dados para a dimensão diageracional.

**Gráfico 8:** Dimensão diageracional – vibrante em coda silábica

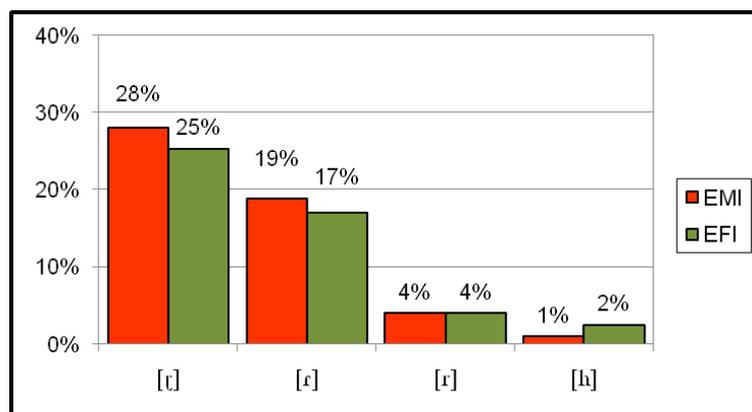
Fonte: Busse (2010, p. 165)

De acordo com os dados do Gráfico 8, o registro da variante retroflexa destaca-se entre os informantes da GI (18-35 anos). O índice pode apontar uma mudança em progresso, pois os informantes procuram utilizar uma linguagem nova, que advém dos grupos que migraram recentemente de diversas regiões do Brasil, como do Sudeste e Nordeste, e especificamente do Paraná (Centro-Oeste e Norte).

A ocorrência do tepe e da vibrante múltipla é maior entre os informantes da GII (45 a 65 anos). Conforme destaca Busse (2010), essas variantes representam a fala de origem dos colonizadores, e são registradas nas gerações mais velhas, porém, alternando em determinados contextos com a forma inovadora, a retroflexa.

De maneira geral, em diversas situações de fala, a lateral pode realizar-se como aproximante retroflexo ou tepe ou retroflexo, fenômeno conhecido como rotacismo. Essa realização está normalmente associada a regiões rurais, à idade do falante, escolaridade, pois a linguagem está atrelada a diversos fatores que não só linguísticos. Nos trabalhos de cunho variacionista, a realização como tepe ou aproximante retroflexo, quando observada, está associada significativamente a falantes de baixa escolaridade. Como exemplo, podem ser citados os dados descritos no Atlas Linguístico da Região Sul (ALERS), visto que, na região Sul, essa variedade é facilmente encontrada na zona rural do Paraná, que faz divisa com São Paulo, e mais raramente nas outras regiões (COLLISCHONN; QUEDNAU, 2009).

A seguir, veremos a descrição dos dados para a dimensão diastrática (escolaridade).

**Gráfico 9:** Dimensão diastrática – vibrante em coda silábica

Fonte: Busse (2010, p. 165)

O registro dos dados apresentados no Gráfico 9, para a dimensão diastrática (escolaridade), revelam uma pequena diferença entre os informantes do EMI (Ensino Médio Incompleto) e EFI (Ensino Fundamental Incompleto) para os róticos em coda silábica. Nesse sentido, observamos que os falantes dos dois grupos registram realidades semelhantes com relação à realização das variantes retroflexa, tepe e vibrante múltipla.

Sobre a incidência da vibrante em coda silábica, Busse menciona que a incidência dessa variante ocorre “[...] em âmbito nacional, perdeu seu estereótipo caipira, pois está presente na academia e na mídia, seja pela proximidade entre falantes de outras localidades, seja pela motivação linguística” (BUSSE, 2010, p. 198).

Ainda, refletimos que, para a retroflexa estar com uso à frente das demais, podemos considerar algumas condições que podem estar atuando em contexto favorável, portanto, para Busse (2010), a disseminação da retroflexa está ligada ao crescimento urbano e à migração de pessoas de todas as regiões do Paraná e do Brasil para a região Oeste do Estado, mesmo nas localidades mais homogêneas, pelo crescimento do agronegócio. Outro fator relevante é o comércio e o turismo na região de fronteira, tanto em Foz do Iguaçu como em Guaíra, cujos efeitos se alastram pelos municípios próximos, fatores que favoreceram o uso da nova variante.

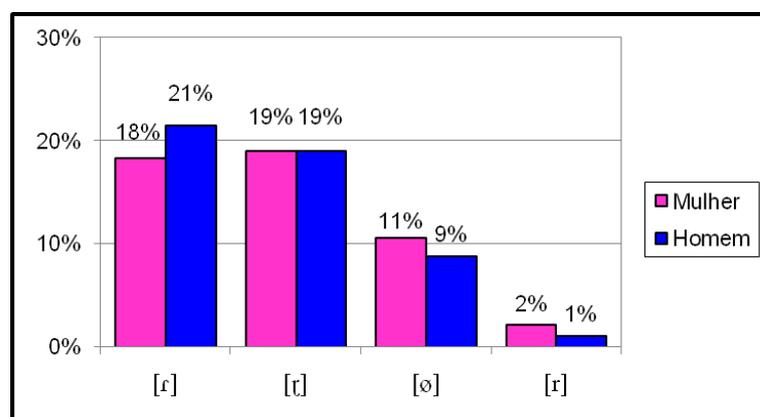
Conforme destaca Busse (2010), a fala de cada localidade reflete a dinâmica da própria língua portuguesa no Brasil, que, muitas vezes, particulariza formas homogêneas e, em outras, sofre pressões, de uma uniformização, resultando, assim, na formação de áreas heterogêneas e de transição linguística. Dessa forma, a fala revela os traços linguísticos de cada comunidade. Observamos, por meio da coleta de

dados, que a realidade na fala é marcada pelas distinções de espaço geográfico em que encontramos diferenças na realização do falar regional, visto que cada localidade apresenta dissemelhantes contatos, desde a sua formação. Essas situações desencadeiam variações nos falares, pois informantes se deslocam a outras cidades, países, regiões para atender às suas demandas diárias.

### 5.2.3 Registros das variantes para os róticos em coda final na dimensão sociocultural

Nesta subseção, apresentamos os dados referentes às variantes para os róticos em coda final na dimensão sociocultural. Como já mencionado anteriormente, a partir dos dados apresentados pelas dimensões socioculturais da pesquisa, podemos ter um panorama da linguagem, identificando os traços linguísticos em distintos grupos. Na sequência, apresentamos os dados referentes ao uso de róticos em final de palavra:

**Gráfico 10:** Dimensão diassexual – rótico em final de palavra



Fonte: Busse (2010, p. 169)

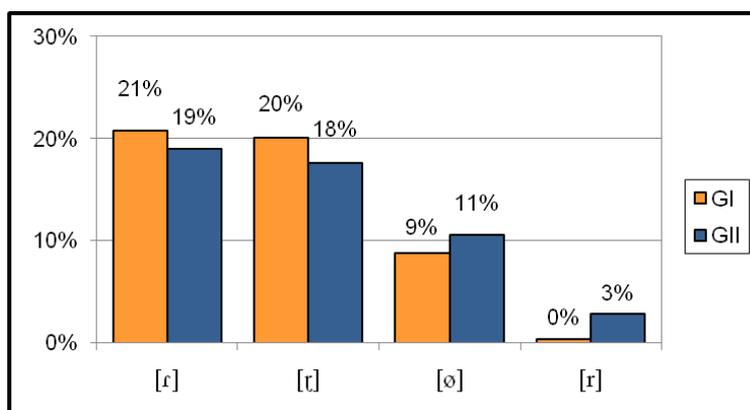
De acordo com os dados apresentados no Gráfico 10, observamos que há um equilíbrio para a variante tepe em ambos os sexos, masculino e feminino. No percentual geral, os homens registram 3% a mais, dado que revela um percentual de manutenção linguística, pelo sexo masculino. Apesar de ser uma diferença pequena, esse fato é comprovado com estudos de Mollica (2015), em que homens resistem às novas formas linguísticas. Segundo a autora, “mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente” (MOLLICA, 2015, p. 34).

De acordo com Busse (2010, p. 171), “A manutenção da variante que nesses grupos recebem dos ambientes de convivência social, em atividades específicas, mais do mundo rural, as condições necessárias para a sua dispersão sobre outras instâncias: manifestações culturais, alimentação, religião, entre outros”. Nesse sentido, refletimos que as condições de vida, a convivência do sujeito, reflete na maneira em que utilizará a linguagem. Oliveira (2007) destaca que a vogal favorece a ocorrência do tepe em final de palavra, uma vez que, no interior do vocábulo, vogal e pausa não são contextos possíveis, enquanto a consoante favorece o apagamento.

Na sequência, há o registro da variante retroflexa, com índice equilibrado entre ambos os sexos, demonstrando a adoção da variante na dimensão diasssexual. Destacamos, ainda, uma parcela de informantes que não registraram nenhuma das variantes; esse dado não deixa definido o percurso da linguagem nessa dimensão.

Na sequência, apresentamos as variantes na dimensão diageracional.

**Gráfico 11:** Dimensão diageracional – rótico em final de palavra



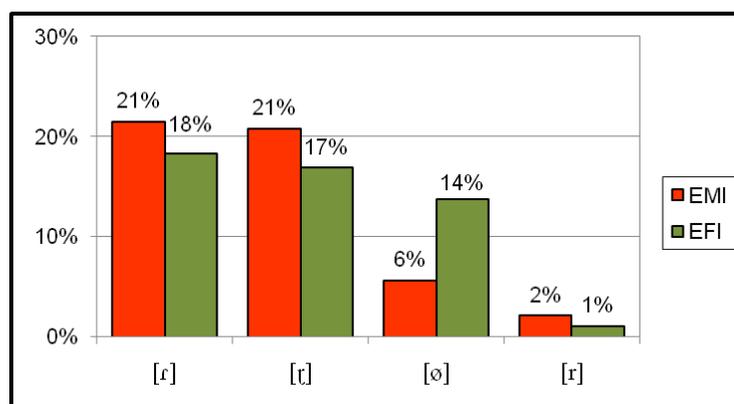
Fonte: Busse (2010, p. 169)

Na dimensão diageracional, é possível observar um equilíbrio entre os informantes jovens e os mais velhos, de maneira que a linguagem para as ocorrências analisadas, <COLHER>, <MULHER>, <TRABALHAR> e <LIQUIDIFICADOR>, apontam um equilíbrio entre o tepe e a variante retroflexa. Os falantes dos dois grupos apresentam o mesmo comportamento com relação à implementação da variante retroflexa e à manutenção do tepe.

Assim, esses dados revelam duas áreas de maior concentração quanto ao fenômeno descrito, que são o tepe, a vibrante alveolar surda e a retroflexa, o que demonstra um roteiro de povoamento da região (BUSSE, 2010).

Retomando as considerações teóricas, o povoamento da região contribui para a implementação da variante retroflexa ou a manutenção do tepe. Diante disso, as áreas que registram a transição entre uma variante e outra têm, em sua formação, uma heterogeneidade étnica, como Cascavel e Guaraniaçu, com a presença de paulistas, mineiros, baianos e paranaenses de outras áreas do estado, que vieram para trabalhar como peões nas fazendas (BUSSE, 2010). Esta recolha de dados não é suficiente para que possamos apresentar um panorama da linguagem para essa dimensão, pois há uma proporcionalidade semelhante para GI e GII, assim, recorreremos a outros fatores para observar essa realidade. Na sequência, apresentamos os dados para a dimensão diastrática.

**Gráfico 12:** Dimensão diastrática – rótico em final de palavra



Fonte: Busse (2010, p. 169)

O registro dos dados apresentados no Gráfico 12, para a dimensão diastrática (escolaridade), revela uma pequena diferença percentual entre os informantes do EMI (Ensino Médio Incompleto) e EFI (Ensino Fundamental Incompleto) para o róticos em final de palavra. Nesse contexto, observamos o registro para as variantes [r], [r̄] e [h] e uma pequena percentagem que não optou por nenhuma variante. Os dados revelam que os falantes dos dois grupos mostram realidades próximas com relação à realização do tepe e da variante retroflexa, registrando o mesmo percentual. Entre os informantes do grupo EMI, os dados demonstraram mesma realidade para o tepe e a variante retroflexa; na sequência, o grupo EFI apresentou apenas 1% de diferença em relação ao outro conjunto, ficando a variante tepe em destaque; os índices de não resposta são apresentados pela geração mais jovem. Se considerarmos que os

informantes da GI se encontram em fase escolar, ou há pouco deixaram a escola, e estão ativamente inseridos no mercado de trabalho, as variáveis se sobrepõem.

Fundamentando-nos em estudos anteriores, de Aguilera (2008), Busse (2010), Galli (2013) e Mollica (2015), os dados na dimensão sociocultural auxiliam a reconhecer os grupos que mantêm ou inovam o traço linguístico, verificando como esse fator atua na comunidade, de forma a ser considerado. Nesse sentido, o conjunto geral de dados para todos os parâmetros (diassexual, diageracional e diastrático), para os róticos em final de palavra, encontra-se em equilíbrio, fato que não nos permite afirmar o caminho que a linguagem tomará nesse contexto, pois a língua é dinâmica. Assim, esses locais merecem estudos atualizados para que possamos verificar com maior precisão sobre a realidade da linguagem para essas dimensões.

Em síntese, a soma desses índices demonstra que o tepe está com um pequeno percentual sobre as demais. De maneira geral, como já mencionado nesta pesquisa, o estudo aponta que, nas localidades específicas em que a pesquisa foi realizada, há concentração de espaços mais homogêneos, pois há, na sua formação, a presença dos colonos sulistas, descendentes de alemães e italianos, e de zonas heterogêneas, de contato de outros grupos, fator que contribuiu para que a manutenção dos traços linguísticos fosse significativa (BUSSE, 2010).

Dessa forma, confirmamos o propósito do estudo de Busse (2010), de que a vibrante simples ou tepe é registrada com intensidade nas localidades em que se formaram os núcleos sulistas, e a variante retroflexa ocorre nos pontos que registram a presença de grupos de outras regiões do Brasil (Sudeste e Nordeste) e do Paraná (Centro-Oeste e Norte).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua portuguesa falada em todo o território brasileiro adquire, ao longo do tempo e espaço, variantes representativas de cada região, por estar condicionada à mistura de culturas e aos espaços que expõem toda a complexidade e dinamicidade da fala. A região Oeste do Paraná passou por momentos de ápice no cenário político, cultural, e isso possibilitou a vinda de inúmeros brasileiros que buscavam melhores condições de vida. Os estudos dialetológicos têm como tarefa a descrição dos falares na sua face móvel para a representação de um quadro da fala, que vai desde a identificação de áreas e estratos sociais mais arcaizantes e conservadores até zonas e estratos sociais inovadores, além do reconhecimento das modalidades ou estilos de linguagem em que os fenômenos da mudança linguística possam ser mais bem identificados. Mais do que variantes, encontramos nas variedades do português brasileiro a expressão da organização social nas comunidades, a história de cada grupo, seus papéis e as fases de transformação pelas quais cada uma das comunidades passou no tempo.

Com base nos princípios da Dialetologia e da Geolinguística, constatamos que a variação linguística nestas localidades ocorre e não esgotamos todas as possibilidades de estudo sobre a realidade linguística relacionada às variantes para a lateral alveolar e os róticos em coda silábica, no Oeste do Paraná. Posto isso, as variantes selecionadas marcam o português brasileiro falado em nove municípios da região, oferecendo um panorama da fala em contextos multilinguísticos de uso, revelando a face móvel e dinâmica da língua.

De acordo com o objetivo geral da pesquisa, de analisar a formação de áreas linguísticas dos falares do Oeste do Paraná, tendo como base a descrição das variantes para a lateral alveolar em coda silábica e para os róticos, em material coletados por Busse (2010), os dados nos mostraram que as mudanças recorrentes na língua estão ligadas a fatores linguísticos e extralinguísticos; o falante registra na fala os traços que compõem a história linguística da sua comunidade.

Perante o exposto, nas palavras de Busse (2010), não podemos nos esquecer do fato de que o falar de cada região reflete a dinâmica da própria língua; “em alguns aspectos, particulariza-se em áreas homogêneas e, em outros, sofre as pressões de

uma uniformização, resultando na formação de áreas heterogêneas e de transição linguística” (BUSSE, 2010, p. 265).

Assim, fundamentando-nos nos dados de Busse (2010) e a partir da análise das cartas e do registro das ocorrências em cada ponto, para as variantes lateral alveolar em coda silábica e para os róticos, constatamos que as variantes se encontram condicionadas às condições sócio-históricas dos falantes. Portanto, obtivemos resposta para a reflexão inicial da pesquisa, visto que o registro dos dados e análises contribuíram para comprovar que o falar oestino é decorrente das relações de cada localidade/ponto da pesquisa. Os dados possibilitaram compreender que algumas localidades registram um falar mais homogêneo, como a manutenção de traços da fala dos grupos de origem sulista, e áreas mais heterogêneas, apresentando uma diversidade nas variantes, contextos que estão ligados às condições sócio-históricas de cada comunidade.

Diante disso, os resultados deste estudo confirmam a hipótese de que os municípios que tiveram, no seu processo de povoamento, a presença de colonizadores sulistas (Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Toledo e Santa Helena), podem apresentar maior vitalidade da consoante lateral alveolar e da variante velarizada e do tepe em coda silábica; enquanto os municípios que tiveram, além da presença de colonizadores sulistas, outros grupos que migraram para as localidades mais recentemente (Cascavel, Guaraniaçu, Capitão Leônidas Marques, Santa Terezinha de Itaipu e Assis Chateaubriand), registram a semivogal e o rótico, para a lateral alveolar, a fricativa velar e o retroflexo, para os róticos.

Por meio da distribuição diatópica e sociocultural das ocorrências, podemos identificar áreas com um perfil mais conservador quanto aos traços da fala de origem dos falantes, e, com relação aos grupos que se colocam como inovadores, adotando e implementando as formas novas na comunidade, como já mencionado, a região Oeste do Paraná registra um polimorfismo linguístico, resultante do processo de colonização, assim como dos contatos linguísticos e da localização geográfica, em área de fronteira.

De maneira geral, verificamos que a variante vocalizada ocorre de forma equilibrada para ambas as dimensões (diassexual, diageracional e diastrática), refletindo as formas inovadoras da língua. Assim, os resultados apontam que a nova variante representa valor social para a comunidade; um processo de mudança pode

ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de forma estigmatizada, infringindo padrões linguísticos vigentes.

Os dados para a vibrante em coda silábica convergem para a variante retroflexa. Inferimos, a partir desses resultados, algumas constatações prováveis. Como salienta Busse (2010), a disseminação da retroflexa pode estar condicionada ao crescimento urbano e à migração de pessoas de todas as regiões do Paraná e do Brasil para a região Oeste do Estado, mesmo nas localidades mais homogêneas, pelo crescimento do agronegócio. Outro fator relevante é o comércio e o turismo na região de fronteira, tanto em Foz do Iguaçu como em Guaíra, cujos efeitos se alastram pelos municípios próximos, fatores que favoreceram o uso de uma nova variante, a retroflexa.

O conjunto geral dos dados registrados para distribuição dos róticos em final de palavra apresentam a incidência do tepe, ocorrendo de forma equilibrada para ambas as dimensões (diassexual, diageracional e diastrática), dados que podem ser tomados como indicadores dos movimentos das variantes nas regiões, apontando para a formação de áreas de maior manutenção linguística.

Tomando os dados, de acordo com a pesquisa de Busse (2010), os índices revelam que está ocorrendo uma mudança em progresso, tendo os jovens como responsáveis pela implementação da inovação linguística, ou seja, o uso da retroflexa e da variante vocalizada. Porém, para obter um cenário da linguagem atual, outros estudos linguísticos devem tomar o mesmo rumo, pois a língua está em movimento, alteram-se os informantes, altera-se o tempo, enfim, altera-se a linguagem.

Considerando a condição multicultural da região Oeste, os princípios da Dialetoлогия Pluridimensional, principalmente com relação às dimensões socioculturais, foram fundamentais na tentativa de identificar a vitalidade dos dialetos do português brasileiro e os grupos que se colocam como agentes na difusão de formas inovadoras e na preservação dos traços da fala dos grupos de origem (BUSSE, 2010).

Em síntese, atendendo aos objetivos deste estudo – que foram: descrever as variantes para a lateral alveolar em coda silábica e para os róticos, em dados coletados por Busse (2010), e identificar os fatores que favorecem ou inibem o registro destas variantes –, foi possível inferir que o falar empregado pela escola, e avaliadas pelos grupos inovadores como prestigiadas, ganham espaço e, aos poucos,

substituem as variantes do ambiente rural, trazidas pelos primeiros moradores dos locais de origem.

Diante do exposto, os resultados desta pesquisa certamente contribuirão para a identificação do percurso dos diferentes grupos pela região Oeste, visto que a linguagem do grupo é reflexo de toda a construção social e histórica que o sujeito atravessou.

Apesar de toda a complexidade e dinamicidade que a língua apresenta, esperamos, com este estudo, ter conseguido alcançar a descrição de uma pequena parcela do falar oestino paranaense, e, assim, aguçar olhares para novas pesquisas para que se abram novos caminhos, questionamentos, aprofundamento das realidades linguísticas desta região. Refletimos que esta pesquisa, pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa, pois há variação linguística nas comunidades de fala, há preconceito linguístico, falares considerados estigmatizados em torno do rotacismo e do retroflexo que podem ser observados em distintas comunidades de fala.

Diante disso, este estudo oferece dados para que os falantes observem em seu cotidiano que mudanças e variações na língua são recorrentes e os falares possuem traços que compõem a história da língua em diferentes momentos, em situações distintas que refletem no uso linguístico de cada sujeito, atrelados a fatores linguísticos e/ou extralinguísticos.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 37 n. 2, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim**: revista de estudos linguísticos e literários, [S.l.], v. 8, fev. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/index.php/diadorim/article/view/7962>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 14, n. 1, ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42490>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005. p. 177-208.
- ALTINO, Fabiane Cristina. Pelos Caminhos da Geolinguística paranaense: em estudo do léxico popular de Adrianópolis. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2007. p. 475-498.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane Tebaldi. Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS). **Caderno de Letras - UFPEL**, n. 24, 2016.
- BAZZO, Manoella Gonçalves. **Entre prestígio e preconceito**: a realização do /r/ retroflexo no Sul do Pará. Artigo- Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFMS – Mato Grosso do Sul, 2020.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. **Português do Sul do Brasil - Variação Fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **Brasileirismos: problemas de método**. Coimbra: Coimbra, 1943.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativas em coda no açoriano catarinense. *In*: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 34-49.

BROD, Lílian Elisa Minikel. **O Comportamento Variável da Lateral em Coda no Falar de Rendeiras em Florianópolis**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BROD, Lílian Elisa Minikel. **O lateral nos falares florianopolitano (PB) e portuense (PE): casos de gradiência fônica**. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BUSSE, Sanimar. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**. 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

BUSSE, Sanimar. Investigações Geossociolinguísticas: Considerações para uma descrição dos fenômenos da variação. **Revista Línguas & Letras**, v. 13, n. 24, p. 90-116, 1º Sem. 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2009.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CAMARA JR., Joaquim M. **História da Lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMARA JR., Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. 2002. 2 v. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Para Conhecer a Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COHEN, Maria Antonieta. O 'R' retroflexo no português brasileiro: descrição e percurso histórico. *In*: RAMOS, Jânia M. (Org.) **Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da Anpoll**. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 74-83.

COLLISCHONN, Gisela. Vocalização de L. *In*: BISOL, Leda.; BATTISTI, Jacqueline Ortelan Maia. (Orgs.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 89-104.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de história. *In*: **Mesorregião Oeste do Paraná: diagnóstico e perspectivas**. Relatório Final de Pesquisa, resultado do Convênio no. 5577/98 entre a Itaipu Binacional e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Colegiado do Curso de Ciências Econômicas – *campi* de Cascavel e Toledo. Cascavel, 2002. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/PMOP>>. Acesso em: 08 out. 2022. p. 01-47.

CORREIA, José Edson de Barros. **A identidade de meninos e sua relação com a variação linguística de p4 e o sucesso escolar**. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Pelotas do Rio Grande do Sul, Pelotas, 2015.

COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do Rotacismo: variação entre as consoantes líquidas**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, Luciane Trennephol da. **Abordagem dinâmica do rotacismo**. 2011. 173 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

COSTA, Luciane Trennephol da. Análise variacionista do rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL, v. 5, n. 9, ago. 2013.

COSERIU, Eugenio. A Geografia Linguística. *In*: COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. El problema de cambio lingüístico. Gredos: Madrid, 1998.

COSERIU, Eugenio. Revisitando Amadeu Amaral. *In*: CASTILHO, Ataliba de. (Org.). **História do português paulista**. Campinas: UNICAMP; Publicações IEL, 2009. v. 1, p. 595-601.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Fonética e fonologia do português**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-32.

CUNHA, Celso. Conservação e inovação no português do Brasil. **O eixo e a roda**, v. 5, p. 199-230, 1986.

DAL MAGO, Diane. O comportamento do // pós-vocálico no sul do país. **Working Papers em Linguística**, n. 1, p. 31-44, 1998.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. Tradução de Frederico Pessoa Barros; Gesuína Domenica Ferretti; John Robert Schimtz; Leonor Scliar Cabral; Maria Elizabeth Leuba Salum. São Paulo: Cultrix, 1991.

ECKERT, Penelope. Ages as a sociolinguistic variable. *In*: COULMAS, Florian (Ed.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 151-167.

ESPIGA, Jorge. **Influência do espanhol na variação da lateral pos-vocálica no português de fronteira**. 1997. 194 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2007.

FASOLD, Ralph W. **The sociolinguistics of language**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: CESAD, 2010.

GALLI, Michelli Cristina. **Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

GUIOTTI, Luciana Prudente. **O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto**. 2002. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

HAHN-NONNENMACHER, Laura Helena. **Vocalização e Velarização de // em coda**: o papel da diacronia na estruturação da gramática a partir da análise do português brasileiro. 2019. 199 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HEAD, Brian Franklin. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “R CAIPIRA”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

HORA, Dermeval da. Vocalização da lateral //: correlação entre restrições sociais estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º sem. 2006.

HORA, Dermeval da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HORA, Dermeval da; LUCENA, Rubens M. Conspiração e demção: mecanismos de simplificação da estrutura silábica. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 52, v. 2, p. 351-369, 2008. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-2/06-Hora-Lucena.pdf>. Acesso em: 22 out. 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: O entrevistador. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB**. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2013. p. 45-62.

KOCH, Walter; KLASSSMANN, Mário Silfredo; ALTHENHOFEN, Cléo Vilson. **ALERS**: Atlas Linguístico – Etnográfico da região Sul do Brasil. Volume I: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel**, v. 5, n. 9, ago. 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell Published, 1996.

LIMA, Milton Pereira. **De Boca da Mata à Redenção**: uma outra história. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2013.

LINDAU, Mona. The story of /r/. *In*: FROMKIN, Victoria. **Phonetic linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged**. Orlando: Academic Press, 1985. p. 157-168.

MADDIESON, Ian. **Patterns of sounds**. Cambridge Studies of Speech Science and communication. 1. ed. New York: Cambridge University Press, 1984.

MALMBERG, Bertil. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sociogeográfica do português em contato**

**com o italiano no Sul do Brasil.** 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandes. **Introdução à linguística românica:** histórico e métodos. São Paulo: Cultrix, 1972.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A aquisição do ‘r’:** uma contribuição sobre seu status fonológico. 1996. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza Braga (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** O tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em português. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, n. 11, 1991.

MONARETTO, Valeria Neto de Oliveira. **Descrição da vibrante no português do sul do Brasil.** In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). **Português do sul do Brasil:** variação fonológica. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 141-151.

MONARETTO, Valeria Neto de Oliveira; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Dermeval da. As consoantes do Português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 195-228.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje.** Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA, Eduardo de. **A palatalização das oclusivas dentais e no município do Chuí, Rio Grande do Sul.** 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

PINHO, Antonio José de. **A variação da lateral posvocálica // no português do Brasil.** Artigo – Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFSC - Florianópolis, 2010.

QUEDNAU, Laura Rosane. **A lateral posvocálica no sul do Brasil:** análise variacionista e representação não-linear. 1993. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

REZENDE, Tânia Ferreira. Falares rurais brasileiros. **Revista UFG**, Goiânia, v. 7, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/49115/24115>. Acesso em: 7 abr. 2019.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**. Campinas: [s. n.], 2005.

ROBL, Affonso. Alguns problemas da influência tupi na fonética e morfologia do português popular do Brasil. **Revista Letras**, [S.l.], v. 34, dez. 1985. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19304>. Acesso em: 30 set. 2022.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense**. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ROSSI, Nelson. Os falares regionais do Brasil. *In*: **Atlas**. O simpósio de São Paulo. São Paulo, 1969.

SÁ, Edmilson José de. **Variação do // em Coda Silábica na Fala de Arcoverde (PE)**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Hélen Cristina da. **O /R/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000176577>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA, Hélen Cristina da. **Pelas veredas do /R/ retroflexo**. 2016. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, Espanha, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000207233>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolinguística: teoria e análises**. Madrid: Alhambra, 1989.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2011.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral em coda silábica. *In*: BISOL, Leda; BRESANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 269-302.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à el fin du XXe siècle. *In*: ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan (Orgs.). **Actes do XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, Ana M. Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRG, 2005.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. *In*: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Christian (Eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay**. Kiel, 2000.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society. Penguin Books: Canadá, 1974.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empiricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

VOTRE, Sebastiao José. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

## ANEXOS

## ANEXO A

## QUESTIONÁRIO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ

11

	<p><b>PROJETO ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ</b></p> <p><b>FICHA DA LOCALIDADE</b></p> <p><b>Nº do Ponto:</b>                      <b>Nº do Informante</b></p>
--	---

1. NOME OFICIAL DA LOCALIDADE
2. NOMES ANTERIORES
3. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES
4. NÚMERO DE HABITANTES
5. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO
6. DADOS SOBRE A IMIGRAÇÃO/MIGRAÇÃO
7. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes)
8. OBSERVAÇÕES GERAIS

	<p><b>PROJETO ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ</b></p> <p><b>Nº do Ponto:</b>                      <b>Nº do Informante</b></p>
--	---

<sup>11</sup> BUSSE, Sanimar- Doutora em Linguística – UEL, 2010.

<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>
-------------------------------------

1. NOME		2. ALCUNHA
3. DATA DE NASCIMENTO	4. SEXO A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/>	5. IDADE
6. ENDEREÇO		
7. ESTADO CIVIL A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro		
8. NATURALIDADE		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE		
11. ESCOLARIDADE	12. OUTROS CURSOS A. especialização B. profissionalizante C. outros	
13. ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE	14. OUTROS CURSOS A. especialização B. profissionalizante C. outros	
15. NATURALIDADE A. da mãe B. do pai C. do cônjuge	16. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. sim B. não	
	17. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva B. do pai adotivo	
18. PROFISSÃO		
19. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES	20. PROFISSÃO A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
RENDA		
21. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar		
22. ASSISTE TV A. todos os dias B. às vezes C. nunca	23. PROGRAMAS PREFERIDOS A. novelas D. noticiários G. outros B. esportes E. pr. religiosos C. pr. auditório F. filmes	
24. TIPO DE TRANSMISSÃO A. rede gratuita B. parabólica C. tv por assinatura	25. OUVI RÁDIO A. todos os dias D. parte do dia G. enquanto trabalha B. às vezes E. o dia inteiro C. nunca F. enquanto viaja	

26. PROGRAMAS PREFERIDOS A. noticiário geral D noticiário policial G. outro B. esportes E música C. pr. religiosos F. pr. com participação do ouvinte		27. LÊ JORNAL A. todos os dias D. semanalmente B. às vezes E. raramente C. nunca	
28. NOME DO JORNAL A. local B. estadual C nacional		29. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER A. editorial D. pr. de cultur G. classificados B. esportes E. política H. outra C. variedades F. página policial	
30. LÊ REVISTA? A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. raramente E. nunca			
31. NOME /TIPO DE REVISTA			

<b>PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES</b>
----------------------------------

	FREQÜENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
32. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. PRATICA ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUAIS ESPORTES PRATICA?				
38. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA?				

<b>PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA</b>
--

39. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico
40. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO A. total B. grande C. média D. fraca
41. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente
42. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"
43. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum
44. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES A. sim B. não
45. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S)
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO
47. OBSERVAÇÕES

48. NOME DO ENTREVISTADOR	49. LOCAL DA ENTREVISTA  CIDADE:  UF:	50. DATA DA ENTREVISTA
		51. DURAÇÃO
QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO		

10. TORNEIRA  
... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
12. PÓLVORA  
... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?
16. GORDURA  
A carne de porco não é magra porque tem \_\_\_\_\_.
19. COLHER  
A carne se come de garfo e faca. E a sopa, como que se toma? [O que é que se usa para tomar a sopa?]
20. LIQUIDIFICADOR/LIQUIDIFICADOR  
... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco e etc?
33. MEL  
E o que é que a abelha fabrica?
43. TARDE  
Qual é o contrário de cedo?
52. TRABALHAR  
Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?
55. AZUL  
Que cor é esta? Mostrar
72. MULHER  
E Eva foi a primeira \_\_\_\_\_?

<b>PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS</b>
-----------------------------------

- |    |   |
|----|---|
| 1. | Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?   |
| 2. | Como você acha que os moradores daqui ( <i>falar o nome da cidade</i> ) falam? Por quê?   |
| 3. | Tem gente que fala diferente aqui em _____ ( <i>citar a cidade</i> )? <i>Se houver, identificar os grupos "que falam diferente".</i><br>Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas " <i>que falam diferente</i> "? |
| 4. | Há pessoas de outros lugares que já moravam ou têm vindo morar aqui ( <i>falar o nome da cidade</i> )? Como essas pessoas falam? Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?                         |

5.	E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ ( <i>citar a cidade onde está</i> )? Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6.	No passado, falavam diferente aqui?
7.	Na sua opinião, quem fala melhor, os homens ou as mulheres?
8.	As pessoas de idades diferentes falam igual? Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos? <i>PEDIR PARA DAR EXEMPLOS.</i>
<b>Temas para discursos semidirigidos</b>	

### Relato pessoal

1.	Relate um acontecimento importante na sua vida.
2.	Conte sobre um sonho interessante que já teve.
3.	Na juventude o que costumavam fazer para se distrair?
4.	Como é a vida aqui ( <i>falar o nome da localidade/cidade</i> ). O que as pessoas fazem para sobreviver? Como se divertem? Como é a comunidade?